

VÂNIA MEDEIROS GASPARELLO

**EXPANDINDO A CONSCIÊNCIA PELO CAMINHO SIMBÓLICO:
UMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de DOUTOR em Educação: Currículo, sob a orientação da Prof^a. Doutora Ivani Catarina Arantes Fazenda.

**Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Currículo
PUC/SP**

São Paulo

2005

Comissão Julgadora

Prof^a. Dr^a. Ivani Catarina Arantes Fazenda
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Ecleide Cunico Furlanetto

Prof^a. Dr^a Maria Cândida Moraes

Prof^a. Dr^a Maria Lúcia de Abrantes Fortuna

Prof. Dr. Rui César do Espírito Santo

RESUMO

Esta tese busca compreender o sentido e o significado de uma *expansão da consciência* através do inconsciente e da metodologia interdisciplinar da educação. A partir da abordagem da psicologia analítica de Jung, que considera que *o inconsciente é a grande mãe da consciência*, a pesquisadora procura interpretar alguns *sonhos* que teve durante a realização desta pesquisa, no intuito de desvendar o que chama de expansão de consciência. Portanto, este estudo pretende ser uma síntese da dialética consciente-inconsciente vivenciada pela pesquisadora, através da tentativa de interpretação dos símbolos presentes nos sonhos, tendo como objetivo a própria temática da expansão da consciência. Um tema considerado fundamental para a pesquisadora, que leciona em uma Faculdade de Formação de Professores e se preocupa com a formação humana num sentido mais amplo, de expandir consciências em relação a tudo que seja percebido como *desconhecido*, como *inconsciente*. Num primeiro momento, essa expansão de consciência, através de um sonho, procura desvendar aspectos da obra da filosofia dialética de Hegel, na medida em que esta filosofia foi percebida como pouco conhecida e valorizada pelos educadores e pela própria pesquisadora, embora tenha influenciado bastante a literatura educacional. Um outro sonho também contribui para a expansão da consciência da pesquisadora em relação à sua opção teórico-metodológica. E a análise de mais um conjunto de sonhos favorece que o tema expansão de consciência adquira sentido e significado para a pesquisadora e para a sua atuação como docente. A perspectiva interdisciplinar da educação; a busca do si-mesmo, na teoria junguiana; e a questão da expansão de consciência, são percebidos como caminhos intimamente inter-relacionados neste estudo.

ABSTRACT

This thesis aims at understanding the full meaning of *expansion of consciousness*, using the theory of the unconscious and interdisciplinary educational methodologies. Following Jung's approach to analytical psychology – according to whom *the unconscious is the great mother of consciousness* – I have attempted to interpret a number of *dreams* I had while writing my PhD thesis, endeavoring to uncover the so-called expansion of consciousness. In this essay I intend to synthesize the conscious-unconscious dialectics through the tentative interpretation of the symbols in my dreams. I am looking at the expansion of consciousness as a theme of studies on its own. This is a fundamental topic of studies in teachers' education, connected with the expansion of consciousness in the realm of the *unknown*, or the *unconscious*. The proposal of consciousness expansion through one dream attempts primarily to reveal some aspects of Hegel's dialectic philosophy, an invaluable reference in educational literature, unfortunately ignored by most educators. Another dream has also contributed to develop my theoretical and methodological options in the realm of consciousness expansion. The analysis of a set of dreams helps to expand the understanding and meaningfulness of this theme of studies, not only in personal terms, but also in teaching practice. This study imbricates an interdisciplinary approach to education, Jung's search for the self, and consciousness expansion.

*Dedico esta tese a todas as figuras masculinas e femininas
presentes na minha vida e no meu mundo interior*

AGRADECIMENTOS

Agradecer, para mim, é um ato que nos obriga a perceber que nenhum trabalho realizado é um trabalho apenas individual, mas profundamente coletivo, articulado a tudo que existe, à sociedade, a toda a educação que recebemos, seja dos pais e/ou da escola, às pessoas que fazem parte do nosso cotidiano. A todos estes, o meu muito obrigado.

Agradecer é um reconhecimento de que os lugares nos quais vivemos e convivemos são fundamentais para o nosso desenvolvimento intelectual, afetivo, profissional, etc. Neste sentido, agradeço profundamente à instituição que trabalho: ao Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Agradeço aos colegas a solidariedade pelas inúmeras ausências das atividades do Departamento que uma tese de doutoramento provoca. Agradeço a essa instituição a Bolsa CAPES recebida, apoio material imprescindível para a realização de uma pesquisa, principalmente em uma instituição particular, a PUC, e em outro Estado, São Paulo. Agradeço também aos meus queridos alunos, fonte maior da minha realização como professora e ser humano.

Agradeço ainda a oportunidade de ter cursado o doutorado no Programa de Pós-Graduação da PUC-SP, na área de Educação: currículo. Um Programa com excelentes professores/pesquisadores, no qual tive um prazer imenso em estudar. Foi maravilhoso passar um ou dois dias na semana, por dois anos consecutivos, nesta instituição, para aprender! Agradeço principalmente ao GEPI, Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Educação, coordenado pela Prof^ª. Dr^ª. Ivani Fazenda, por fazer de cada encontro, um momento inesperado, amoroso e fascinante de aprender. Agradeço em especial, a minha querida orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Ivani Fazenda, cujo exemplo de vida como professora e pesquisadora se manifesta em cada ato, em cada gesto, em cada palavra. Muito obrigada, Prof^ª. Ivani, por estar tão impregnada da atitude interdisciplinar,

que conseguiu me orientar com toda a sabedoria, coragem e afetividade que a mesma exige.

Agradecer também é um ato de profundo amor por aqueles que compartilham conosco as dificuldades e as alegrias do cotidiano: a nossa família e amigos mais íntimos. Pessoas que me ajudaram muito, principalmente tomando conta das minhas duas filhas, para que eu pudesse desenvolver essa pesquisa. Neste sentido, agradeço especialmente à minha mãe, por ser o meu “anjo da guarda” aqui na Terra e estar sempre tão presente na minha vida, não só me ajudando com as crianças, mas também lendo o texto inicial da tese, sugerindo frases mais claras, corrigindo a bibliografia, etc. Agradeço de todo o meu coração às minhas filhas, Luana e Beatriz, duas crianças que me desafiam e ensinam a ser uma pessoa melhor todos os dias. Agradeço ao meu pai, por ser um exemplo para mim de força, daquele que nunca desanima frente às dificuldades da vida. Uma força guerreira também presente nas mulheres da minha família: na minha mãe, na minha irmã, tia, avó ... A todos vocês, o meu muitíssimo obrigada.

Agradeço ainda, a fonte divina que existe em cada um de nós e ao mesmo tempo está espalhada em tudo, ao si-mesmo, à vida no seu sentido maior. Muito obrigada.

SUMÁRIO

PRIMEIRAS PALAVRAS: “primeiros símbolos”	1
---	---

PARTE I

Dialogando com Hegel à luz da dialética do consciente-inconsciente	8
---	---

PARTE II

Entrando no mar do inconsciente: uma opção teórico/metodológica	36
--	----

PARTE III

Navegando nos mistérios da lua: expandindo a consciência pelo caminho dos sonhos	69
---	----

PARTE IV

Caminhando rumo à montanha do sol e da lua: uma tentativa de síntese do caminho percorrido	128
---	-----

RETORNANDO À SALA DE AULA: “últimos símbolos”	152
--	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	158
---	-----

Navegar na ambigüidade exige aceitar a loucura que a atividade interdisciplinar desperta e a lucidez que ela exige. Toda ambigüidade nasce de uma virtude guerreira, de uma força ética que naturalmente se apresenta (...). Essa ambigüidade exigirá a recuperação do que é próprio a cada um.
(FAZENDA, 2002a, p. 21)

A voz interior é a voz de uma vida mais plena e de uma *consciência* mais ampla e abrangente. Por isso, dentro da mitologia, o nascimento de um herói ou seu renascimento simbólico costumam coincidir com o nascer do sol; é que o formar-se da personalidade equivale a um *aumento da consciência*.
(JUNG, 2002c, p. 190)

PRIMEIRAS PALAVRAS: “PRIMEIROS SÍMBOLOS”

Nenhum pensamento reclama tanto a comunhão dos olhares para fora e para dentro como o pensamento sobre a educação. (SANTOS, 2002)

Há cerca de dois anos, numa aula de Sociologia da Educação para alunas do curso de Pedagogia, cuja temática era a questão da democracia, solicitei a leitura do livro *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*, do Rubem Alves. A minha intenção era que conhecessem, discutissem e acreditassem na possibilidade de construção de uma experiência educativa que considerava essencialmente democrática e revolucionária. No primeiro dia de debate sobre o livro, fiquei surpresa com o impacto que o prefácio, escrito por Ademar Ferreira dos Santos, tinha causado nas alunas, todas mulheres. Quase todas se pronunciaram, principalmente, sobre o significado do que este autor chamou de “olhar para dentro”, diferenciando-o do “olhar para fora”. Essa discussão percorreu todo o tempo da aula. Fiquei impressionada com o tom queixoso delas, reclamando que a educação e a sociedade apenas valorizavam o “olhar para fora”. Duas alunas, inclusive, escreveram poesias a partir desse debate. Apenas no momento de realização desta tese, acredito que tenha tido uma maior compreensão dos acontecimentos ocorridos naquela aula.

Na perspectiva de Santos (2002, p.8-9):

Vemos para fora e vemos para dentro. Fora, vemos apenas o que de efêmero se vai oferecendo ao horizonte dos nossos olhos. Dentro, tendemos a ver o que não existe, freqüentemente, o que desejaríamos que existisse...

Mas, sendo embora aquele que, por inventar o que não existe, antecipa e germina o futuro, o olhar para dentro seria um olhar completamente vazio de sentido se não dialogasse permanentemente com tudo o que existe, fora dele.

(...) Daí que olhar para dentro e o olhar para fora não sejam olhares inimigos ou disjuntivos. São olhares que se vêem também um ao outro e que eroticamente se desejam, aspirando à comunhão.

Considero que esse autor, quando “olha para dentro”, olha para os seus sonhos, suas utopias, às suas necessidades de viver numa sociedade harmoniosa, e de estar numa escola solidária, fraterna, feliz. Para Santos e também para Rubem Alves, a Escola da Ponte representa a escola dos sonhos, uma escola onde “as pulsões de inveja, ciúme ou rivalidade, e toda a agressividade comportamental que lhes anda associada, estão quase ausentes dos gestos cotidianos dos membros dessa comunidade educativa” (SANTOS, 2002, p.13). Esse autor ressalta que o que mais chamou a sua atenção nessa escola foi a doce e fraternal serenidade dos olhares, dos gestos e das palavras de todos, crianças e adultos”. Ou ainda, “que a ‘meiguice’ e a ‘paciência’, na Escola da Ponte, acontecem de uma forma absolutamente espantosa” (2002, p.12-13). Neste sentido, é como se nessa escola, o “olhar para dentro” e o “olhar para fora” se encontrassem, se integrassem, fossem um só olhar.

Acredito, porém que, quando as minhas alunas leram esse “olhar para dentro”, esta metáfora atuou no sentido de que cada uma delas refletiu, sentiu, intuiu, vislumbrou... Olhou para dentro de si mesma e enxergou alguma coisa importante, que fez sentido para elas. Um sentido que nem sempre é reconhecido quando se olha apenas para fora... Talvez, por essa razão, tenham defendido tão calorosamente esse “olhar para dentro”, percebido como diferente do “olhar para fora”, tão exigido na sociedade ocidental e na nossa formação escolar.

Hoje, percebo que também não foi por acaso que uma turma constituída só de mulheres, tenha sido tão sensível a este símbolo – olhar para dentro. Nesta tese, o diálogo interior, o olhar para dentro e para fora, foi que conduziu este processo. Isso

porque a teoria e a prática interdisciplinar, o “saber ser” da Prof^a. Dr^a. Ivani Fazenda, e do grupo de pesquisa por ela coordenado, o GEPI (Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares) provocaram em mim um *olhar para dentro* semelhante ao que o texto de Santos, acima referido, provocou nas minhas alunas naquele momento. A diferença é que o meu olhar para dentro foi me surpreendendo e me instigando, cada vez mais, a procurar compreendê-lo e integrá-lo na minha vida pessoal e acadêmica. Esta tese procurou testemunhar esse movimento dialético de olhar para dentro e para fora, em busca de respostas para as minhas perguntas existenciais, para as questões que me acompanham desde a dissertação de mestrado. Desde essa época, a questão da *expansão da consciência* e da possibilidade da vivência de uma educação que fosse além dos rígidos limites da Razão instituída na modernidade, tem sido o meu tema de pesquisa. E esta dissertação, defendida em 1994, teve como título: *Caminhos de expansão da consciência: um estudo introdutório para a vivência de uma educação que integre corpo-mente-espírito*. Neste trabalho, considerei que o mundo estava vivendo uma mudança de paradigma. Então, procurei caminhos de *expansão da consciência* para essa mudança, por meio da problemática ecológica, da historicidade da ciência e seus limites epistemológicos, das novas descobertas da física e dos conhecimentos das tradições de sabedoria. O conceito de expansão de consciência, resultante do que chamei da minha práxis transdisciplinar (porque procurava ir além dos rígidos limites científicos), estava ligado a uma maior percepção da totalidade da vida e também da sua rica diversidade, pontos que considerava centrais para o novo paradigma. Na época, percebi meu trabalho como parte de um movimento de mudança dos conceitos e atitudes presentes no paradigma moderno, a fim de que a educação começasse a vivenciar outras formas de conhecimento do real. Hoje me pergunto: terá sido este estudo apenas um *olhar para fora*? Sim e não. Contudo, o *olhar para dentro* estava ainda muito velado e se manifestou de uma forma diferente desta tese.

Isso porque, neste momento, esta pesquisa sobre a questão da *expansão da consciência e da vivência de uma educação diferenciada*, se identificou e ampliou seus horizontes numa nova perspectiva: *a interdisciplinar*. Segundo Fazenda (2002a, p.11), a metáfora que subsidia, determina e auxilia a atitude interdisciplinar é a do *olhar*:

Um olhar que interage, mostra, desvela, descobre, ascende, envolve e transcende para outra dimensão. Um olhar de energia, intenso, ardente, clarividente, interdisciplinar, que exprime e reconhece forças, traduzindo-se em uma ação perceptiva, constantemente ambígua, às vezes clara e nebulosa, fixa e móvel, direcionada e difusa. (NARDI, 2002, p. 220)

Ou ainda:

Um olhar de dentro para fora e de fora para dentro, para os lados, para os outros. Um olhar que transcende as regras e as disciplinas, olhar que acredita que só existe o mundo da ordem para quem nunca se dispôs a olhar! Um olhar inflado de desejo de querer mais, de querer melhor, um olhar que recusa a cegueira da consciência. (GAETA, 2002, p. 224)

Sim, um olhar que interage; um olhar de dentro para fora, de fora para dentro, para os lados, para os outros.

Um dos pressupostos da Interdisciplinaridade é que ela acontece numa *interação entre sujeitos*, sendo a *parceria* a sua categoria mestra (FAZENDA, p.12, 2002c). A interdisciplinaridade não é apenas percebida como uma integração de disciplinas, mas como uma interação entre seres humanos, que dialogam e se encontram, que estabelecem parcerias. Um movimento de interação daqueles que percebem que precisam do outro, de outros, pois se sentem partes de um movimento em busca da totalidade. Uma totalidade incessantemente perseguida, um ponto de chegada e de partida, um movimento constante, em processo, sem fim ... Essas parcerias podem acontecer com teorias, professores, alunos, com você mesmo ... enfim, com todos aqueles que te proporcionam em determinado momento e/ou situação um movimento de completude, de totalidade, de vida.

E quais foram as minhas maiores parcerias nesta pesquisa? O “saber ser” da interdisciplinaridade brasileira de Ivani Fazenda e do GEPI; o filósofo Hegel, pois considerei alguns aspectos de sua obra, tais como: a filosofia dialética e a sua abordagem sobre a questão da consciência, como símbolos da minha memória intelectual, da minha escolha pelo campo educativo e da minha atuação profissional; certas abordagens da psicologia analítica de Jung e de alguns de seus seguidores, pois fui levada a entrar nas questões do inconsciente, por causa do meu tema de pesquisa e de meu olhar “interior”; e o diálogo com as imagens do meu inconsciente através de sonhos.

Sim, percebi realmente, um *olhar* que mostra, desvela, descobre, ascende, envolve e transcende para outra dimensão. Um olhar que transcende as disciplinas, um olhar inflado de desejo de querer mais, de querer melhor, um olhar que recusa a cegueira da consciência.

Por isso, este trabalho procura relatar as descobertas que esse novo olhar interdisciplinar me sugeriu, um olhar que me conduziu por um caminho inusitado de pesquisa para mim: uma viagem interior ao mundo simbólico dos *sonhos*. E, na tentativa de proporcionar encontros do olhar de dentro com o olhar de fora, meu olhar teve que transcender as disciplinas que conhecia, num desejo inflado de querer mais. Isso porque, ainda não tinha estudado com mais profundidade uma teoria da área psicológica. Minha formação inicial foi em Ciências Sociais e no mestrado, em Educação, também não tinha pesquisado este campo de estudo. Além disso, também não tinha pousado o meu olhar em Hegel, apenas o conhecia superficialmente.

Contudo, reconheci na interdisciplinaridade confluências na teoria junguiana que melhor fundamentam princípios com as quais já me identificava e que ampliaram o meu olhar, o meu universo conceitual e vivencial. Dessa forma, esta tese simboliza um “reconhecimento” de mim mesma e uma possibilidade de *expansão de consciência* num caminho que estou chamando de *simbolicamente interdisciplinar*.

Um olhar que recusa a cegueira da consciência ...

Esta pesquisa tem um caráter teórico e foi construída a partir das vivências que tive com *sonhos*, que, para Jung, constituem as principais fontes de manifestação do inconsciente. Esta viagem aos mistérios do inconsciente foi importante porque percebi, como sugere a teoria junguiana, que o inconsciente *é a grande mãe da consciência, a sua origem e fonte maior de conhecimento*. Essa relação com o inconsciente através dos sonhos e da tentativa de interpretar os seus símbolos, representam a minha viagem ao olhar de dentro. Entretanto, um símbolo sempre deve ser percebido como algo que não se deixa enquadrar de forma definitiva num esquema conceitual. Dessa forma, percebo a palavra *símbolo*, na compreensão de Jung, como um símbolo da própria vida. Uma manifestação que está sempre revelando novos sentidos e significados. Assim, esta pesquisa é apenas uma possibilidade, entre muitas, de interpretação dos

sonhos que tive com o objetivo de compreender, interdisciplinarmente, no processo de inter-relação consciente-inconsciente, possíveis caminhos no campo educativo, de *expansão da consciência* na formação de seres humanos mais integrados ao mundo vivido em todas as suas formas – individual, social e universal. Desta maneira, apresento este estudo como uma contribuição a todos aqueles que, como eu, trabalham na área de formação de professores e se preocupam com o desenvolvimento de tudo o que significa *formação*, como tão bem sintetizou Batista (2002, p. 136):

As expressões educação, civilização e cultura se cruzam na perspectiva de desvelarmos *formação*: intenção, valores, símbolos remetem tanto a seres singulares e únicos, como a comunidades que elaboram e (re)elaboram seus códigos de vida social, os quais orientam as ações humanas no mundo e, dialeticamente, são transformados por estas ações.

É importante destacar, contudo, que esta tese não pretende ser uma abordagem que sirva como modelo de formação de professores. Isso seria contrário a qualquer pesquisa que se pretenda interdisciplinar, na medida em que essa teoria não aceita paradigmas fechados e prontos. Esta pesquisa que apresento apenas testemunha e ao mesmo tempo revela as descobertas que este meu caminho, singular, percebeu em relação às possibilidades de expansão da consciência, numa perspectiva Interdisciplinar.

Na primeira parte, dialogo com a obra de Hegel porque a filosofia dialética simbolizou a minha primeira aproximação entre o discurso científico e a minha prática docente. Além disso, ainda não tinha estudado com atenção o pensamento desse autor, na medida em que apenas tinha conhecimento de Hegel a partir da teoria de Marx. Portanto, dialogar com Hegel, também representou dialogar com a parte inconsciente da filosofia dialética materialista presente no meu ser e na memória intelectual do campo educativo.

Na segunda parte, denominada *Entrando no mar do inconsciente: uma opção teórico-metodológica*, procuro explicitar o significado da minha escolha pelo caminho interdisciplinar e das suas confluências com aspectos da obra de Jung. Ressalto ainda, que este caminho surgiu do encontro consciente-inconsciente, ou seja, é como se o

meu *processo de individuação*, na terminologia de Jung exigisse, neste momento, esta forma de *expansão da consciência*, tema da minha pesquisa.

Na parte III, *Navegando nos mistérios da lua: expandindo a consciência pelo caminho dos sonhos*, a partir da vivência de mais de cem sonhos, relato um total de 34 sonhos, divididos em seis temáticas principais, nos quais tento compreender o sentido e o significado de uma expansão de consciência através dos diferentes símbolos que emergiram do encontro com o inconsciente. Dessa forma, os sonhos aqui descritos mantêm o caráter universal de uma compreensão singular, pessoal. E por meio deles, busco compreender o processo de *expansão da consciência* e suas relações com a Interdisciplinaridade.

A parte IV, que denominei *Caminhando rumo à montanha do sol e da lua: uma tentativa de síntese do caminho percorrido*, é uma tentativa de conclusão do processo vivido em relação as descobertas, do que chamo de *expansão da consciência*, ou seja, do meu próprio movimento na pesquisa interdisciplinar, a partir da interpretação de um sonho que se revelou para mim, dotado de um caráter integrador. No entanto, destaco que, tal como enfatiza a Interdisciplinaridade, a busca pela totalidade não se consolida, porém utopicamente, precisa ser incessantemente perseguida.

Em *Retornando à sala de aula: “últimos símbolos”*, descrevo a primeira aula que tive no período de conclusão desta tese, na medida em que a mesma foi percebida como uma aula-símbolo da importância do caminho percorrido nesta pesquisa.

PARTE I

DIALOGANDO COM HEGEL À LUZ DA DIALÉTICA DO CONSCIENTE-INCONSCIENTE

A memória retida, quando ativada, relembra fatos, histórias particulares, épocas, porém o material mais importante é o que nos permite a análise e a projeção dos fatos – um professor competente, quando submetido a um trabalho com memória, **recupera a origem de seu projeto de vida**, o que fortalece a busca de sua identidade pessoal e profissional, sua atitude primeira, sua marca registrada. (FAZENDA, 2002a, p.25, grifos meus)

No meu ponto de vista, a teoria e a prática interdisciplinar tem contribuído para o que venho chamando de *expansão da consciência*, desde a dissertação do mestrado. A metodologia interdisciplinar valoriza o autoconhecimento do pesquisador, a sua história de vida, além do desvelamento das práticas e teorias que marcam a sua trajetória pessoal. Nesse sentido, a primeira parte desta pesquisa está relacionada a este resgate de memória intelectual, que marcou profundamente a minha vida e a minha escolha

pelo campo da educação. Mais ainda, que continua a influenciar a minha prática atual como professora da área de Fundamentos da Educação: Sociologia, Psicologia e Filosofia da Educação. Contudo, olhar para o passado que ainda é presente, significa também a possibilidade de encontrar novas paisagens, expandir a consciência em territórios pouco explorados; olhando assim, mais atentamente as sombras do caminho.

Escolher dialogar com parte da obra do grande filósofo alemão Hegel (1770-1831), portanto, representa uma tentativa de retorno às raízes da minha formação acadêmica, um resgate de uma memória intelectual que é coletiva e individual ao mesmo tempo. Coletiva, porque Hegel, mesmo não tendo sido um autor muito estudado no Brasil, foi um dos maiores filósofos da história ocidental, além de ter influenciado significativamente outro grande pensador muito difundido entre nós: Karl Marx. Individual, porque minha formação foi em Ciências Sociais e embora eu não tenha estudado esse filósofo diretamente durante a graduação, um dos autores que mais me influenciou naquele período e posteriormente na minha escolha pelo caminho da educação, foi Karl Marx e a sua filosofia dialética. Apesar de Marx nunca ter escrito nenhum livro específico sobre educação, destaco que, por pertencer a uma sociedade injusta e com desigualdades tão aviltantes, a sua leitura me fez perceber que o caminho da mudança e da transformação social, passavam, necessariamente, por uma educação transformadora, sem pretender, no entanto, ficar refém de um otimismo pedagógico ingênuo.

Hoje, mesmo consciente de que outros autores e teorias sejam parte da minha trajetória, percebo que a filosofia dialética foi fundamental e continua presente na minha percepção e atuação na vida. Dialogar com Hegel, portanto, significou inicialmente procurar iluminar um conhecimento que nutre o meu existir: a filosofia dialética. Essa escolha também pode se justificar pelo fato da perspectiva filosófica de Marx, no meu ponto de vista, não ter sido muito valorizada. Como Konder (2002, p. 12) chama a atenção: “Na acolhida que os escritos de Marx tiveram após sua morte, a dimensão filosófica do seu pensamento ficou, em geral, bastante prejudicada”. F. Engels, por exemplo, amigo e co-autor de várias obras de Marx, procurou valorizar o pensamento dialético refletindo sobre a dialética da natureza. No entanto, num momento de cisão entre as ciências humanas e naturais, como o século XIX, Engels foi muito mal

interpretado. Além disso, a própria filosofia também não tinha mais espaço no conhecimento científico. Nesse sentido,

Havia os que salientavam a força das concepções teórico-políticas de Marx, presentes no *Manifesto comunista*; os que sublinhavam a consistência da análise crítica da economia política e do modo de produção capitalista, desenvolvida n' *O Capital*; e até os que chamavam a atenção para o vigor do historiador político e social de *As lutas de classe na França de 1848 a 1850* e de *O Dezoito Brumário de Luis Napoleão*. (KONDER, 2002, p.12)

A importância da perspectiva filosófica de Marx ficou relegada a segundo plano. No entanto, é sempre bom lembrar que Marx fez um doutorado em filosofia: “Ao longo de seus estudos em Berlim, devorou os escritos de Hegel (...). A filosofia de Hegel lhe pareceu ser a única capacitada para reconhecer ‘a rosa da razão na cruz do presente’”. (KONDER, 2002, p.13) Para Konder, Marx foi hegeliano até 1843, quando divergiu da concepção de Estado de Hegel e passou a elaborar sua própria concepção da história e de ser humano; formulando, então, uma filosofia dialética que ficou conhecida como materialista. Contudo, a filosofia de Hegel foi fundamental para o desenvolvimento do materialismo histórico e dialético de Marx. Isso porque Hegel foi o autor que reintroduziu, na filosofia, a concepção de transformação na história da humanidade, compreendendo o *ser no tempo*, ou seja, num movimento de vir-a-ser constante. Além disso, como aponta Marcuse (1988, p. 115-116):

Em 1844, Marx aprofundou os conceitos básicos de sua própria teoria através de uma análise crítica da *Fenomenologia do Espírito*, de Hegel. Ele, descreveu a “alienação” do trabalho nos termos da discussão hegeliana sobre a condição do senhor e a do escravo. (...) Ele via a grandeza desta obra no fato de Hegel ter concebido a “autocriação” do homem (isto é, a criação de uma ordem social racional através da ação livre do próprio homem) como o processo de “reificação” e sua “negação”, em resumo, no fato de Hegel ter apreendido a “natureza do trabalho”, e ter visto que o homem é “o resultado do seu trabalho”.

Neste sentido, não apenas a concepção dialética enquanto movimento contraditório do real influenciou a teoria de Marx, mas também outros conceitos importantes como ser humano, trabalho, alienação, etc., podem ser melhor compreendidos a partir da obra de Hegel. No entanto, apesar desta originalidade da filosofia hegeliana, o seu pensamento foi e continua a ser muito pouco valorizado entre nós. Konder (1991), na explicação preliminar do seu livro sobre Hegel, chama a

atenção: “Entre os pensadores reconhecidamente mais importantes da história da filosofia, Hegel é, com toda probabilidade, o menos conhecido no Brasil”. Este fato pode ser explicado, em parte, pelo que foi dito anteriormente, ou seja, pela filosofia ter tido pouco espaço numa época de supremacia das ciências. Entretanto, percebo também que a perspectiva idealista de Hegel possa ter contribuído para o pouco interesse pela sua obra, num momento em que a visão materialista se tornou predominante. É como se o materialismo histórico de Marx tivesse “apagado” a luz da filosofia de Hegel.

Pretendi, de início, beber da fonte hegeliana no intuito de valorizar o que mais me marcou nos estudos de Marx, ou seja, a sua percepção dialética da vida, a dimensão filosófica do seu pensamento. Contudo, ao me aprofundar um pouco mais na obra de Hegel, percebi que a sua filosofia dialética compreende um conjunto de temas, inter-relacionados no seu Sistema Filosófico, que também tem sido uma das questões de meu interesse desde a dissertação de mestrado. Destaco que um primeiro conjunto de questões, mais aparentes, seriam: a questão da *razão*; da *consciência*; da emergência de uma *nova forma de conhecimento* em um momento de mudança para uma outra cultura (no caso de Hegel, as mudanças trazidas pela Revolução Francesa); além da relação da *dimensão religiosa* com o pensamento racional e a modernidade. Nesse sentido, percebo Hegel como um dos símbolos da razão na filosofia ocidental. Pois, como ressalta Vaz (2002, p.24), na apresentação de uma das principais obras de Hegel, a *Fenomenologia do Espírito*:

A ele compete, em primeiro lugar, dar razão da sua própria existência mostrando que o ato de filosofar não é um ato gratuito mas é a exigência da transcrição no conceito do tempo histórico daquele mundo de cultura que colocou a Razão no centro do seu universo simbólico. Dando razão da sua existência, o filósofo anuncia o advento, na história do Ocidente, do indivíduo que aceita existir na forma da existência universal, ou da existência regida pela Razão.

Isso significa que a filosofia hegeliana deve ser compreendida no contexto histórico do idealismo alemão, ou seja, como um pensamento que procurou respostas para o advento de uma nova ordem cultural anunciada pela Revolução Francesa. Hegel nasceu na Alemanha, em um período no qual este país era predominantemente rural e existia muita pobreza. No plano político, a desunião era uma das principais características: “a Alemanha estava dividida em mais de trezentas unidades políticas e

administrativas diferentes (reinos, ducados, principados, cidades livres e feudos independentes)”. (KONDER, 1991, p.1) A Alemanha era considerada bastante atrasada em relação à França e a Inglaterra. No entanto, os acontecimentos da história política da França eram acompanhados pelos estudantes e intelectuais alemães com muito interesse. A Revolução Francesa foi percebida por Hegel como o ápice da evolução da razão na história da humanidade. Concordando com a visão de Marcuse (1988, p. 18-19), o conceito de razão:

está no cerne da filosofia de Hegel. Este sustenta que o pensamento filosófico nada pressupõe além da razão, e somente da razão, e que o estado é a realização da razão. (...) O núcleo da filosofia de Hegel é uma estrutura formada por conceitos – liberdade, sujeito, espírito, conceito – derivados da idéia de razão.

Desde a dissertação de mestrado, tenho procurado chamar a atenção para os limites da supervalorização da razão na modernidade e conseqüentemente, na educação. Hoje, refletindo sobre as contribuições de Hegel, este foi percebido como um importante defensor da razão. Contudo, como todo grande autor, a *razão dialética hegeliana* não se confunde com qualquer razão, mas deve ser compreendida na especificidade conceitual que lhe é conferida.

Compreendendo a razão dialética de Hegel através de símbolos

Para começar a refletir sobre essa *razão* irei utilizar um outro tipo de linguagem – a simbólica – devido ao fato de eu ter tido um *sonho*, que considerei bastante interessante quando estava lendo Hegel e me preparando para escrever. Essa forma de análise se justifica porque um outro autor com o qual me identifico muito, o psicólogo suíço C. G. Jung, uma influência teórica mais recente, dos estudos do doutorado, mas que se revelou profunda e se tornou uma referência importante para esta tese. Jung (1999, p.15-16) percebe que existem duas formas de pensamento:

...o pensar dirigido e o sonhar ou o fantasiar. O primeiro trabalha para a comunicação, com elementos lingüísticos, é trabalhoso e cansativo; o segundo trabalha sem esforço, por assim dizer espontaneamente, com conteúdos encontrados prontos, e é dirigido por motivos inconscientes.

Assim, o pensamento dirigido trabalha para a comunicação com o outro, se dirige para fora e em geral demanda um esforço consciente de linguagem; enquanto o sonhar ou o fantasiar está relacionado a motivos inconscientes e acontecem espontaneamente, sem previsão ou controle. Para uma melhor compreensão da função da linguagem na vida humana, Jung sublinha que:

A linguagem originalmente é um sistema de sons emotivos e imitativos que exprimem susto, medo, raiva, amor, etc., que imitam os ruídos dos elementos, o borbulhar e marulhar da água, (...) as vozes dos animais, etc., e finalmente, os que resultam da percepção e reação afetiva (...). Assim, a língua em sua origem e essência nada mais é senão um sistema de sinais ou “símbolos” que indicam acontecimentos reais ou seu eco na alma humana. (JUNG, 1999, p. 10-11)

Portanto, toda forma de comunicação, de linguagem, seja através do pensamento dirigido ou dos sonhos e fantasias, nada mais são do que símbolos que indicam eventos reais ou os seus significados para o ser humano. Esse autor afirma que o pensamento dirigido nem sempre foi tão desenvolvido como hoje e lembra que a Escolástica teve um papel preponderante nesse desenvolvimento: “Em toda sua essência ela é ginástica dialética, que auxiliou o símbolo da linguagem, a palavra, a adquirir um significado praticamente absoluto”. É interessante notar como a lógica dialética foi importante na cultura ocidental! Segundo a perspectiva de Jung, com a “Escolástica surgem as bases da função intelectual firmemente estruturada, a *conditio sine qua non* da ciência e da técnica modernas”.(JUNG, 1999, p.17)

Atualmente, a ciência e a técnica são as expressões mais nítidas do pensamento dirigido. As outras formas de pensamento, como os sonhos, fantasias, mitos, foram e/ou são percebidas como expressões infantis e/ou de culturas pouco desenvolvidas. O próprio Hegel, coerente com o modelo evolucionista da modernidade, considerava que a filosofia, entendida como o mais evoluído campo do conhecimento, deveria ter uma forma própria de expressão: a do pensamento racional. Nesse sentido, para o nosso filósofo:

A história da filosofia representa a série dos espíritos nobres, a galeria dos heróis da razão pensante, os quais, graças a essa razão, lograram penetrar na essência das coisas, da natureza e do espírito, na essência de Deus, conquistando assim com o próprio trabalho o mais precioso tesouro: o do conhecimento racional. (HEGEL, 1999, p.381)

Ou ainda quando ele afirma: “Mas a forma, pela qual o conteúdo universal em si mesmo e por si mesmo pertence acima de tudo à filosofia, é a forma do pensamento, que é a forma do universal”. (HEGEL, 1999, p.426) Hegel demonstra que o pensamento racional era o único meio de se atingir a essência, o conteúdo universal, a verdade, o conceito. No entanto, neste estudo, não considero que a consciência pensante seja a única via de acesso ao conhecimento, pelo contrário, percebo também que devemos estar atentos à linguagem simbólica do inconsciente, pois como salienta Jung (1963, p.262):

A razão nos impõe limites muito estreitos e apenas nos convida a viver o conhecido – ainda com bastante restrições – e num plano conhecido, como se conhecêssemos a verdadeira extensão da vida. Na realidade, nossa vida, dia após dia, ultrapassa em muito os limites de nossa consciência e, sem que saibamos, a vida do inconsciente acompanha a nossa existência. Quanto maior for o domínio da razão crítica, tanto mais nossa vida se empobrece; e quanto mais formos aptos a tornar consciente o que é mito, tanto maior será a quantidade de vida que integraremos. A superestima da razão tem algo em comum com o poder de estado absoluto: sob seu domínio o indivíduo perece.

O inconsciente nos dá uma oportunidade, pelas comunicações e alusões metafóricas que oferece. É também capaz de comunicarnos aquilo que, pela lógica, não podemos saber. Pensemos nos fenômenos de sincronicidade, nos sonhos premonitórios e nos pressentimentos !

Esse texto, enquanto tese de doutorado, não poderia deixar de utilizar a linguagem do pensamento dirigido, de forma mais científica e racional. Contudo, o inconsciente e a sua forma própria de se comunicar, também serão investigados neste trabalho. E, nesta pesquisa, o inconsciente se manifestou principalmente através de sonhos. Jung (1999, p.6) chama a atenção que “o sonho origina-se em alguma parte da alma e se ocupa com o preparo do dia seguinte e seus eventos”. Ou ainda, “quando alguém conta suas fantasias ou seus sonhos, muitas vezes não se trata apenas de um problema urgente, e sim do mais penoso de seus problemas íntimos naquele momento”. (JUNG, 1999, p.29) Além disso, é importante lembrar que “um dos princípios da psicologia analítica é que os sonhos devem ser interpretados de modo simbólico, que não podem ser tomados ao pé da letra, sendo necessário procurar neles um sentido oculto”. (1999, p.6) Portanto, os sonhos são percebidos aqui como símbolos, como uma forma de expressão do inconsciente, que quer se comunicar com o

consciente. Ou seja, uma forma de comunicação que o ser humano, numa dimensão de totalidade, está vivenciando uma situação, um problema naquele momento específico. E esse sonho que iremos analisar nesta primeira parte, aconteceu justamente quando estava tentando compreender melhor a obra de Hegel, me senti ansiosa e assustada com a quantidade de páginas que ainda deveriam ser lidas e a necessidade urgente de escrever!

Furlanetto (2003) observa que a palavra símbolo é de origem grega – *symballo* – e significava um sinal de reconhecimento, formado pelas duas metades de um objeto quebrado que se aproximam. Dessa maneira, a autora conclui que “o símbolo é composto de partes temporariamente separadas para que, ao se encontrarem novamente, possibilitem a transmissão de uma mensagem, cujo teor é verdadeiro”. (2003, p.33) E prossegue dizendo que um símbolo para a Psicologia Analítica nos remete inicialmente à tensão existente entre o consciente e o inconsciente. Os símbolos, portanto, “possibilitam esses encontros fugazes que estabelecem a comunicação entre essas duas instâncias, assumindo, dessa forma, uma de suas funções: a *mediadora*”. (2003, p.33-34) Furlanetto lembra ainda que os símbolos são polissêmicos, na medida em que são capazes de exprimir inúmeros significados e que não se revelam de forma imediata. Contudo, quando compreendidos “favorecem um alargamento das fronteiras da consciência ou, até mesmo, um trânsito da consciência para uma outra dimensão”. (2003, p.34) Nesse sentido, percebo que o símbolo possibilita uma *expansão da consciência*, que pode ser entendida como uma síntese dialética do encontro do inconsciente com o consciente. Será sobretudo nesta perspectiva de estabelecer um diálogo da consciência com o inconsciente, contribuindo para uma expansão de consciência sobre a minha interpretação da filosofia de Hegel, que vou procurar compreender melhor o sonho que tive nas próximas páginas.

O sonho: sonhei que eu estava numa sala de aula, sozinha, com um quadro¹ na minha frente mostrando uma equação matemática que eu tinha que resolver. Apesar de me esforçar para resolver o problema, toda vez que acreditava que tinha

¹ Em São Paulo esse termo seria “lousa”.

solucionado a equação, um novo dado surgia e tudo recomeçava. Em alguns momentos, aparecia a figura de um professor, como se ele estivesse num patamar superior, de olhar enigmático, meio distante, mas que esboçava um pequeno sorriso. Esse professor não me ajudava a resolver a equação, pelo contrário, me trazia novas questões. A impressão que eu tinha é que eu não iria solucionar aquela equação nunca ...

Logo que acordei e lembrei do sonho, me veio à mente a leitura da *Fenomenologia do Espírito* de Hegel. Num primeiro momento, interpretei como um problema apenas pessoal: estudar esse autor inicialmente foi bastante complexo, tanto pelo fato de eu não possuir formação específica em filosofia, como também pela própria linguagem da *Fenomenologia*². Como sublinha Konder (1991, p.27), essa obra “resultou num livro bastante perturbador, de leitura extremamente difícil”. Às vezes, parecia-me estar entendendo o autor, mas num outro parágrafo tudo ficava complicado novamente. No entanto, no processo da escrita deste texto, recordei novamente do sonho e outras interpretações possíveis vieram ao meu pensamento. O que retifica alguns princípios teóricos da Interdisciplinaridade, quando anuncia que é necessário desvendar as camadas ocultas do aparentemente enigmático, percebendo que o *olhar* pode desmanchar-se “em múltiplas e infinitas direções, pois olhamos por camadas”. (FAZENDA, 2002a, p.226)

Desvendando o local do sonho: a sala de aula

Chamou-me a atenção, inicialmente, o fato de eu estar numa sala de aula, em um lugar de ensino-aprendizagem. Para compreender melhor este símbolo – a sala de

² No meu entender, outros livros e artigos de Hegel não utilizam uma linguagem tão complexa e abstrata como a *Fenomenologia do Espírito*. Este fato talvez possa ser justificado, em parte, porque algumas dessas suas outras obras, como *A Filosofia da História*; *História da Filosofia*; e *Estética e a Filosofia da Religião* não foram livros publicados pelo próprio autor em vida. Os dois primeiros, inclusive, que foram temas de cursos dados em Universidade por Hegel, resultaram de anotações feitas por ele e de seus alunos e/ou discípulos. Nesse sentido, são obras que possuem uma linguagem mais didática.

aula – foi importante a análise de Konder (1991, p.27) sobre o momento da realização da *Fenomenologia*:

Hegel leu o *Emílio*, de Rousseau, que representa o movimento pelo qual um educador ideal ajuda um jovem ideal a amadurecer. O livro lhe causou forte impressão. Foi então que lhe veio a idéia de descrever, no plano filosófico mais abstrato, as “figuras” correspondentes aos momentos mais significativos do movimento “necessário” da consciência, desde seu despertar inicial até a conquista de uma situação na qual esse movimento coincide com o movimento da essência da realidade.

Interessante também a forma como Arantes (1999, p.17), situa este mesmo livro:

Nessa obra, a consciência, como se fosse a protagonista de um romance do século XIX, faz o duro aprendizado do mundo: vai se enriquecendo com as ilusões que perde e a repetição desses desenganos sucessivos cristaliza-se numa espécie de sabedoria final a respeito da sociedade e da história.

Portanto, a consciência representada por mim, numa sala de aula, pode indicar o fato de a mesma estar numa situação de aprendizagem. Porém, cabe destacar que essa consciência não se comporta como uma mera receptora de informações, mas como *sujeito*, pois sou eu quem está em frente ao quadro negro resolvendo a equação, fazendo “o duro aprendizado do mundo”. Importante ressaltar essa percepção da consciência como sujeito, como ser ativo diante da sua relação de conhecimento do mundo e de si mesmo. É uma relação que exige esforço e trabalho no campo do pensamento, da razão. É uma consciência que atua principalmente com a razão abstrata. No entanto, é bom lembrar que para Hegel, na *Fenomenologia*, essa consciência não pode ser percebida enquanto ser único, individual, mas sim como uma consciência que representa o universal, o espírito atuante no mundo: “A tarefa de conduzir o indivíduo, desde seu estado inculto até o saber, devia ser entendida em seu sentido universal, e tinha que considerar o indivíduo universal, o indivíduo consciente-de-si na sua formação cultural”.(HEGEL, 2003, p.41) Ou ainda como ele próprio descreve em sua obra:

O que esta “Fenomenologia do Espírito” apresenta é o vir-a-ser da *ciência em geral* ou do saber. O saber, como é inicialmente – ou o *espírito imediato* – é algo carente-de-espírito: *a consciência sensível*. Para tornar-se saber autêntico, ou produzir o elemento da ciência que é

seu conceito puro, o saber tem de esfalçar através de um longo caminho. (...) Além disso, não terá nada a ver com o entusiasmo que irrompe imediatamente como num tiro de pistola -, e descarta os outros pontos de vista, declarando que não quer saber nada deles. (HEGEL, 2003, p.40-41)

Quando Hegel utiliza a metáfora do “entusiasmo que irrompe como num tiro de pistola”, está criticando as teorias que defendem que a essência, a verdade, o conceito, a união do “em-si” e do “para-si”, pudessem ser captados de forma imediata, intuitiva. A verdade, para ele, somente poderia ser encontrada através do longo e árduo caminho da filosofia, da razão em que esta inicia a sua peregrinação na “certeza sensível”, primeiro capítulo da *Fenomenologia*. E somente depois de vários estágios, alcança a sua meta final e se encontra a si mesma no Absoluto, na forma de conceito. Dessa maneira, intuição, revelação, etc., são percebidas de forma distinta da tarefa da filosofia:

Com efeito, se o verdadeiro existe somente no que é chamado (ou melhor, como o que) se chama quer intuição, quer saber imediato do Absoluto, religião, o ser (...) – então, o que se exige para a exposição da filosofia é, antes, o contrário da forma do conceito. O absoluto não deve ser conceitualizado, mas somente sentido e intuído; não é o seu conceito, mas seu sentimento e intuição que devem falar em seu nome e ter expressão. (HEGEL, 2003, p.28)

Essa parte do Prefácio da *Fenomenologia* é percebida como uma polêmica contra o irracionalismo romântico representado pelo filósofo F. W. Schelling (1775-1854), do qual Hegel fora muito amigo desde o tempo que cursou o Seminário de Teologia Protestante de Tübingen (1788-1793). Importa destacar, aqui, que Hegel considerava que o aprendizado da consciência não se dava de forma rápida, seja através da intuição, da revelação, ou outra, mas exigia um longo percurso, descrito na *Fenomenologia* pelas várias figuras da consciência em oito capítulos específicos, até chegar ao último estágio: “o saber absoluto”. A questão da necessidade do *olhar em camadas*, proposta pela Interdisciplinaridade, volta a me perseguir.

Outra questão ligada ao local do sonho - *uma sala de aula* - pode estar relacionada ao fato de que o próprio autor que era o centro das minhas reflexões naquele momento – Hegel - ter sido professor durante toda a sua vida. Primeiro, trabalhou como preceptor de crianças para famílias ricas, depois ensinou filosofia para pré-adolescentes e adolescentes no Liceu de Nuremberg, porém, sobretudo, foi um

famoso filósofo e professor universitário, além de ter sido reitor na Universidade de Berlim. Apenas por um curto período de tempo atuou como jornalista dirigindo um jornal.

A figura do professor que surgiu no sonho, meio distante e ao mesmo tempo colocando novos problemas, se assemelha à imagem que fiz desse filósofo e da própria forma como Hegel se apresenta na *Fenomenologia*. Nessa obra, Hegel assume a posição daquele que percorreu todos os estágios da experiência da consciência e por essa razão pode voltar a eles, descrevê-los, ou seja, pode captar o movimento dialético realizado pelas figuras da consciência. Na linguagem da *Fenomenologia* Hegel se auto-denomina com a expressão “para nós”, usando-a logo de início, na descrição da primeira figura da consciência, a “certeza sensível”: “Para nós esse princípio *emergiu* [como resultado]; por isso, nosso apreender da percepção não é mais um apreender aparente [fenomenal], como o da certeza sensível, mas sim um apreender necessário”. (HEGEL, 2003, p. 95)

No entanto, outras questões ainda podem ser destacadas em relação ao local do sonho – a sala de aula – e a minha aparição como aluna resolvendo um problema, já que um símbolo sempre pode conter inúmeros significados. A partir de uma abordagem mais pessoal, chamo a atenção que a sonhadora também é docente há quinze anos, se considera uma eterna pesquisadora, além de se encontrar num conjunto de situações que envolvem o processo de ensino-aprendizagem, ou seja, procurando desvendar a obra de Hegel e realizando uma tese de doutorado.

A linguagem matemática

Continuando essa análise, é importante refletir também sobre outros símbolos que aparecem no sonho, como por exemplo, o fato de eu estar resolvendo uma equação matemática que parecia nunca ter solução. A partir de minhas reflexões, percebi que duas questões principais emergem desta situação. A primeira é o significado da linguagem *matemática* no sonho; a outra seria o fato do *problema parecer insolúvel*.

Começando com a questão da matemática, ressalto que, como foi dito anteriormente, a interpretação de um sonho não deve ser tomado ao pé da letra. Hegel era filósofo e não matemático. Inclusive, no Prefácio da *Fenomenologia*, ele procura deixar claro a distinção entre a filosofia e a matemática, considerando que a matemática tem como fim conhecer o inessencial, permanecendo na superfície do conceito:

O fim – ou o conceito da matemática é a *grandeza*. Essa é justamente a relação inessencial carente-de-conceito. Por isso, o movimento do saber [matemático] passa por sobre a superfície, não toca a Coisa mesma, não toca a essência ou o conceito, e portanto não é um conceber. A *matéria*, onde a matemática preserva um tesouro gratificante de verdades, é o *espaço* e o *uno*. O espaço é o ser-aí, no qual o conceito inscreve suas diferenças, como num elemento vazio e morto, no qual as diferenças são igualmente imóveis e sem vida. (...) Por conseguinte, nesse elemento inefetivo, só há também um Verdadeiro inefetivo; isto é, proposições mortas e rígidas. Em cada uma dessas proposições é possível parar; a seguinte recomeça tudo por sua conta, sem que a primeira se movesse até ela, e sem que assim surgisse uma conexão necessária através da natureza da Coisa mesma. (HEGEL, 2003, p.51)

Para Hegel, a grandeza, a quantidade, é uma característica externa do ser, um domínio no qual se perde o verdadeiro conteúdo das coisas. Dessa maneira, o conhecimento matemático, que opera com a quantidade, trabalha com uma forma inessencial, carente-de-conceito, expressada por símbolos e números indiferentes. Na ciência matemática, uma finalidade exterior comanda o saber, existe um resultado previamente determinado, já dado, imposto. Não há necessidade de *construção* desse conhecimento, mas apenas de *demonstração* das verdades matemáticas. Na filosofia, no entanto, esse movimento é uma necessidade interna do ser, inseparável da realidade externa e que demanda esforço de construção.

A partir desse ponto de vista, a filosofia de Hegel despreza a matemática como àquela que toca apenas a superfície da Coisa e não compreende a essência mesma do real, que é movimento e contradição. No conhecimento matemático, a verdade pode ser apreendida em uma proposição que será vista como verdadeira, sendo falsa a proposição contraditória. Na filosofia, a verdade é sempre resultado de um processo real, que inclui as contradições. Portanto, a filosofia não pode ser entendida através de proposições. Hegel considera que a matemática trabalha com o espaço e o uno,

percebidos como elementos imóveis e sem vida, nas quais as diferenças não são contradições e não desencadeiam o movimento. Além disso, as proposições da matemática não se relacionam, não estabelecem uma conexão necessária, que para esse autor é fundamental na compreensão da história e da filosofia. Creio que não cabe aqui me estender ainda mais nas críticas que Hegel faz ao conhecimento matemático. Minha intenção foi apenas situar de forma resumida que esse filósofo fazia nítidas distinções entre o que acreditava ser a verdadeira filosofia e o saber matemático, considerando-o inclusive, um conhecimento inferior, que não penetrava na essência do real. Nessa perspectiva, como compreender o aparecimento da linguagem matemática no sonho?

Jung chama a atenção que um sonho pode conter símbolos pessoais, de significados mais individuais, mas também símbolos e/ou arquétipos que nos remetem para o inconsciente coletivo da humanidade. Então, Jung (2002d, p.15) afirma que

uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos *inconsciente pessoal*. Este porém repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos *inconsciente coletivo*. (...) Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo portanto um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo.

Hegel não chegou a conhecer a revolucionária obra de Freud colocando em relevo a questão do inconsciente, no entanto, ousou dizer que talvez ele apreciasse a idéia de um inconsciente coletivo tal como sustenta a teoria junguiana, devido ao seu caráter universal. É importante destacar ainda, que para Jung (2002d, p.53, grifo do autor) “o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de *arquétipos*”, que “indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar”. Essa representação de arquétipos não foi uma criação teórica exclusiva desse autor, mas é também valorizada em outros campos da ciência:

a pesquisa mitológica denomina-as “motivos” ou “temas”; na psicologia dos primitivos elas correspondem ao conceito das *représentations collectives* de LEVY-BRÜHL e no campo das religiões comparadas foram definidas como ‘categorias da imaginação’ por HUBERT e MAUSS. (JUNG, 2002d, p. 53)

Destaco, então, que desde o início desta análise, tenho procurado relacionar essas duas formas de interpretações possíveis contidas no sonho: a do inconsciente pessoal e a do inconsciente coletivo. Contudo, acredito que, embora essas duas abordagens estejam presentes ao longo de toda a análise desse sonho, isso fica mais evidenciado no que se refere à matemática.

Após uma reflexão inicial sobre o significado pessoal que a matemática poderia ter para mim, veio-me à mente, em um primeiro momento, que essa linguagem me parece abstrata e racional. Voltando no tempo, na época que estudei essa disciplina, no 2º. Grau, ou seja, como toda pessoa escolarizada, lembro que gostava de matemática e tinha facilidade de aprender essa matéria, pois ela me parecia um jogo divertido. No entanto, não lhe conferia muita importância. Considerava história, por exemplo, muito mais complexa e interessante. Sintetizando, algumas palavras brotam na minha memória quando penso na matemática: abstração, razão, pensamento, certeza, universalidade, clareza, jogo, facilidade, diversão ...

Contudo, mesmo que o meu consciente/inconsciente possua uma rede de significados pessoais dessa disciplina, entendo ainda que a aparição da matemática neste sonho pode conter elementos arquetípicos, que pertencem ao inconsciente coletivo da humanidade. Para trabalhar essa outra dimensão, vou recorrer principalmente ao estudo de Saiani (2000), um professor de matemática e especialista em Psicologia Analítica, que procurou analisar a relação professor/aluno a partir do referencial teórico de Jung, mas que enfocou em determinados momentos o ensino da matemática e seus arquétipos, campo de experiência do autor.

Logo de início, no intuito de demonstrar como a matemática está relacionada com os arquétipos, Saiani (2000, p.81) chama a atenção para o “fato de ela poder ser identificada em qualquer civilização conhecida”, seja nas comunidades consideradas primitivas ou mesmo em todos os povos chamados civilizados. Isso significa dizer que todos os povos apresentam algum sistema de numeração ou mesmo uma “tendência matemática”:

O que queremos enfatizar é o fato de, aparentemente, existir no homem uma tendência a contar, que se desenvolve ou não de acordo com as necessidades. Por outro lado, parece haver uma outra “tendência

matemática” presente desde o homem pré-histórico: trata-se do uso de formas geométricas, quer na ornamentação de cerâmica, quer na tatuagem, quer na confecção de cestos. (SAIANI, 2000, p.82)

Saiani (2000, p.82-83) continua sua argumentação dando outros exemplos desta suposta percepção matemática, descrevendo que o próprio conceito de linha reta é uma descoberta do “caminho mais curto daqui para ali”, ou da “ação que é seguir diretamente em direção a algo”. Ou ainda: “O mesmo poderíamos afirmar sobre o círculo, intuído no sol nascente, em uma noite de lua cheia, e aplicado em uma cabana circular em uma tribo da África ou do Alto Xingu”.

Interessante perceber que uma espécie de “instinto matemático” parece estar presente também em animais. Com efeito, se todo arquétipo tem um “pólo instintivo”, Saiani (2000, p.83) salienta o “senso numérico” de animais e até de insetos. Para exemplificar, ele recorre ao estudo de outro autor:

Dantzig descreve o comportamento de determinada espécie de vespa, que “sabe” exatamente quantas larvas deve depositar em seu ninho para alimentar os filhotes, demandando machos e fêmeas quantidades diferentes. É também possível identificar um instinto geométrico, bastando para comprová-lo a observação da simetria de uma teia de aranha ou de uma colméia, com seus favos em forma de prisma hexagonal regular, embora selados de forma a maximizar o volume. (SAIANI, 2000, p.83)

Este prossegue dizendo que embora alguns animais e seres humanos possuam o referido senso numérico, a “contagem” parece ser uma faculdade tipicamente humana. Nesse sentido, remete-se a Jung, que “no final de sua vida, formulou a hipótese de que os números naturais constituem um arquétipo de ordenação da realidade”. (SAIANI, 2000, p.84) Esse autor relata, ainda, o fato de Marie Louise von Franz, discípula de Jung, sugerir que esse arquétipo permitiria avançar no domínio da realidade unitária da psique e da matéria.

A percepção do número, presente no sonho na forma de equações, como um arquétipo de *ordenação da realidade* e também de *unidade da psique e da matéria*, é que nos interessa desenvolver aqui. Jung teria chegado a essas suposições a partir dos seus estudos sobre a questão da sincronicidade, outro conceito importante na sua obra. O sonho que estamos analisando, por exemplo, pode ser considerado um fenômeno de sincronicidade, pois, para Jung (2002f, p.25, grifos do autor):

O fenômeno de sincronicidade é constituído, (...), de dois fatores 1) *Uma imagem inconsciente alcança a consciência de maneira direta (literalmente) ou indireta (simbolizada ou sugerida) sob a forma de sonho, associação ou premonição* 2) *Uma situação objetiva coincide com este conteúdo.*

Com esse conceito de sincronicidade, Jung se refere aos acontecimentos, sejam de ordem mais subjetiva e simbólica, como no caso dos sonhos, etc; mas também aos acontecimentos objetivos, exteriores, que coincidem significativamente com um estado psíquico momentâneo. É importante ressaltar, ainda, que a concepção de sincronicidade questiona a noção de causalidade como único princípio possível de compreensão da realidade. Isso porque: “O princípio da causalidade nos afirma que a conexão entre a causa e o efeito é uma conexão necessária. O princípio da sincronicidade nos afirma que os termos de uma coincidência significativa são ligados pela *simultaneidade* e pelo *significado*”. (JUNG, 2002f, p. 53-54) Nesse sentido, Jung definiu a sincronicidade como um fenômeno de “conexão acausal”, pois ao invés de nos perguntarmos pela existência de uma única causa para um determinado acontecimento, deveríamos nos perguntar, como no antigo pensamento chinês, “que eventos estariam associados a um determinado momento. Em vez de linear, o tempo se apresenta como um campo, no qual, em um determinado instante do tempo, estariam vinculados os eventos A, B, C, D”.(SAIANI, 2000, p.88) Ou seja, o fenômeno sincronístico é uma criação no tempo, de um (ou vários) acontecimentos não previsíveis, que coincidem significativamente com um estado psíquico num determinado momento e, sob certas condições, vice-versa. Embora a sincronicidade esteja ligada a uma situação e a um momento específico, esse fenômeno também é percebido como “*atos de criação* no sentido de uma *creatio continua* (criação contínua) de um modelo que se repete esporadicamente desde toda a eternidade, e não pode ser deduzido a partir de antecedentes conhecidos”. (JUNG, 2002f, p.83) Portanto, sem negar a importância do princípio de causalidade presente na Física Clássica, a conexão acausal da sincronicidade é vista como mais um fenômeno natural que complementa a nossa percepção da realidade:

O espaço, o tempo e causalidade, a tríade da Física clássica, seriam complementados pelo fator sincronicidade, convertendo-se em um téttrade, um quatérnio que nos torna possível um julgamento da totalidade (...). A vantagem, porém, de se acrescentar este conceito é

que ele torna possível uma maneira de ver que inclui o fator psicóide em nossa descrição e no conhecimento da natureza. (JUNG, 2002f, p.77-78)

Essa complementaridade entre o tempo da física clássica e o fator sincronístico pode nos remeter as diferenças entre as duas dimensões de temporalidade apontadas pela Teoria da Interdisciplinaridade, *Cronos* e *Kairós*:

a primeira representada por Cronos, em que temos a consciência da passagem do tempo, marcada por milênios, séculos, anos, (...), em que dois aspectos podem ser apreendidos: um de valor quantitativo nos dá uma medida, por exemplo, trinta anos, e outro de valor qualitativo, que nos permite atribuir ao tempo a qualidade que marcou o vivido. A segunda dimensão do tempo é representada por Kairós e nos dá o momento mágico em que a qualidade do existir no mundo pode ser transmutada em busca da criação”. (QUELUZ, 2002, p. 141-142)

Imagino que o tempo de Cronos possa estar relacionado ao tempo da Física Clássica, que não valoriza o valor qualitativo do momento vivido, a sincronicidade entre aspectos objetivos e subjetivos, o instante significativo e potencialmente criador de Kairós. Isso porque a sincronicidade sinaliza que existe uma relação entre os estados psíquicos e os acontecimentos exteriores, uma *unidade da psique e da matéria*. Mais ainda, poderíamos nos perguntar se não estaria aqui uma das justificativas para a questão da *totalidade* tão defendida e percebida como um fim e um princípio na Interdisciplinaridade?

Jung (2002f, p.94) destaca que:

A antiga teoria da correspondência se baseava na experiência de tais conexões – teoria esta que atingiu o seu ponto culminante e também o seu fim temporário na idéia da harmonia preestabelecida de Leibniz, e foi a seguir substituída pela doutrina da causalidade. A sincronicidade é uma diferenciação moderna dos conceitos obsoletos de correspondência, simpatia e harmonia. Ela se baseia, não em pressupostos filosóficos, mas na experiência concreta e na experimentação.

Atualmente, o fenômeno da sincronicidade e mesmo de outros fenômenos psíquicos podem ser relacionados às descobertas da física microscópica, como por exemplo: “a necessidade de se considerar o observador como parte integrante do fenômeno observado”; “a complementaridade entre partículas e ondas, e na Psicologia, entre conteúdos conscientes e inconscientes”; ou ainda ao fato da matéria e da psique serem “passíveis de uma interpretação energética”. (SAIANI, 2000, p.89)

No entanto, o que importa destacar neste momento é que os fenômenos da sincronicidade revelam uma ligação entre o “mundo subjetivo” e a “realidade objetiva”, admitindo-se que:

tanto os eventos físicos como os psíquicos são manifestações de uma mesma realidade. A esse aspecto unitário do ser, Jung deu o nome de *unus mundus*. (...). Assim, um evento sincronístico corresponderia a uma manifestação desse *unus mundus*. Tentativas para provoca-los tem sido feitas desde a pré-história: é o que conhecemos por adivinhação”. (SAIANI, 2000, p. 90)

Para Jung (2002f, p.29), todas as técnicas divinatórias ou intuitivas se baseiam no princípio da *conexão sincronística* ou acausal. Assim, é interessante perceber que:

O método mais apropriado à natureza do acaso é o *numérico* ou estatístico, (...). Desde épocas remotas, o homem serviu-se de números para determinar as coincidências significativas, isto é, as coincidências que podem ser interpretadas. O número é algo de especial – poderíamos mesmo dizer misterioso. (JUNG, 2002f, p. 32)

Nesse sentido, Jung (2002f, p.32-33) conclui que:

O número nos ajuda, antes e acima de tudo, a pôr ordem no caos das aparências. É o instrumento indicado para criar a ordem ou para apreender uma regularidade já presente, mas ainda desconhecida, isto é, um certo ordenamento entre as coisas. É o elemento ordenador mais primitivo do ser humano, sendo de observar que os números de um a quatro são os de maior freqüência e os mais difundidos, pois os esquemas ordenadores primitivos são predominantemente tríades e tétradas. (...) Por isso não é absolutamente uma conclusão tão ousada definirmos o número como um *arquétipo* da ordem que se tornou consciente.

É interessante notar, que ao contrário da concepção de Hegel sobre a matemática, vista como uma forma de conhecimento exterior ao ser humano, que não toca à essência da realidade; para Jung, parece que os números contribuem para suprir uma necessidade interna de ordem do ser. Adotando a perspectiva junguiana, que considera a matemática como um arquétipo da ordem e da unidade da psique e da matéria, poderíamos dizer que no evento sincronístico que estamos tentando desvendar neste trabalho, o *sonho* que foi descrito páginas atrás, mostra que esse arquétipo pode simbolizar um duplo significado: seja em um sentido mais pessoal, seja em relação à filosofia de Hegel. Assim, numa interpretação mais individual, destaco a necessidade que eu estava naquele momento de encontrar uma ordem para tudo que tinha lido, de inter-relacionar os conceitos, de dar uma direção no estudo. Em relação à

obra de Hegel, ela própria se configura como uma ordenação da história, como se todos os acontecimentos aparentemente caóticos da história humana estivessem direcionados para um único objetivo, o desenvolvimento do Espírito:

De fato, à primeira vista, a história parece ser uma sucessão de fenômenos contingentes, isolados, e que só do tempo recebe o nexo que os prende. (...) Tudo, na história, tem significado só pela sua relação com algum fato geral e em virtude da sua ligação com ele; descobrir este fato geral chama-se compreender o seu significado. (HEGEL, 1999, p.384)

Hegel postula uma visão de totalidade da história, nenhum acontecimento poderia ser interpretado de forma isolada, era necessário compreender o elo de ligação que os unia naquele determinado momento, que correspondia a uma fase específica do desenvolvimento do Espírito. Ele também percebia que cada período histórico só poderia ser compreendido na sua especificidade, a partir da fase própria a que tinha chegado o Espírito. A história universal era a história da evolução do Espírito Absoluto, na qual cada fase deveria ser vivida plenamente para poder ser ultrapassada para uma nova forma de consciência. Essa abordagem fica bem clara na leitura da *Fenomenologia*, como já foi ressaltado anteriormente, já que essa obra descreve em capítulos diferentes os diversos momentos da consciência até chegar ao Espírito absoluto. Essa mesma conclusão pode ser percebida quando Hegel se refere à história da filosofia:

Toda filosofia é do seu próprio tempo, um elo na corrente do desenvolvimento espiritual, e assim não pode satisfazer senão aos interesses pertencentes ao seu tempo particular. (...) Por este motivo as filosofias de Platão e de Aristóteles, e dum modo geral todas as filosofias, são sempre vivas e presentes nos seus princípios fundamentais; mas a filosofia que superou aquele momento já não pode tomar a forma da filosofia platônica e aristotélica, nem é possível que nos contentemos com aquelas filosofias, nem que as revivamos (...). [HEGEL, 1999, p.411-412]

Assim, para Hegel, toda manifestação do Espírito obedecia a uma *ordem evolutiva*. No caso do exemplo acima, a filosofia atual sempre seria superior às filosofias anteriores. Dessa forma, também a arte foi analisada segundo esta perspectiva:

Todo o sistema das artes é por ele transformado numa hierarquia temporal, que começa com a arquitetura, a mais “material” das artes e

a primeira a aparecer na enorme massa das pirâmides, progredindo em direção à escultura, que teve, obviamente, o seu apogeu na Grécia, e a seguir para o meio de expressão ainda mais espiritual e imaterial, a pintura, que, na opinião de Hegel, corresponde à idade cristã da fé. Por sua vez, a pintura tende cada vez mais para a menos tangível arte da música, que terá de ceder o lugar à poesia, ainda mais próxima do pensamento puro. Sabe-se que Hegel acreditava que a poesia se dissolveria também quando o espírito deixasse de necessitar de imagens para se manifestar, transformando-se em filosofia abstracta. (GOMBRICH, 1994, p.30)

Isso significa dizer que Hegel apresenta “o desenvolvimento das artes como um processo lógico que acompanha e reflete o desabrochar do espírito”. (GOMBRICH, 1994, p.30) Contudo, esse “desabrochar” corresponde a um movimento que, por um lado aparece como um movimento natural de ascensão, de evolução; e que, por outro, exige esforço, trabalho no campo do pensamento, de desenvolvimento da consciência. Na história universal esse desenvolvimento se relaciona com grandes sofrimentos. É por esta *razão*, em um duplo sentido, que existiriam guerras e problemas sociais de toda ordem. Importa destacar, então, que na concepção hegeliana, todos os problemas e/ou fenômenos estão interligados, sejam as manifestações políticas, religiosas, artísticas, etc., resultando em uma totalidade que deve ser compreendida como um momento específico da evolução do espírito, no qual a filosofia representa uma das maiores manifestações:

Sempre que o espírito alcançou determinado grau da sua autoconsciência, elabora e faz penetrar este princípio em toda a riqueza das suas múltiplas relações. Este rico espírito dum povo é um organismo, semelhante a uma catedral que, composta de numerosas abóbadas, naves, colonadas e vestibulos, é sempre manifestação dum todo, duma unidade, cujas partes se coadunam para um fim. A filosofia é uma forma destes múltiplos aspectos. E qual é essa forma? É a flor excelsa, o conceito do espírito na sua totalidade, a consciência e essência espiritual de todo o conjunto, o espírito como espírito presente e que se pensa a si próprio. (HEGEL, 1999, p. 417-418)

Para Hegel, a filosofia e o seu meio de atingir o conhecimento, a razão, representava o ápice da evolução da história humana. Todas as outras formas de expressão e conhecimento, como a arte, a religião e as ciências meramente empíricas, foram consideradas pelo Sistema Hegeliano como etapas necessárias para o desenvolvimento do pensamento filosófico. Embora esse autor valorize a arte e a religião como uma das formas mais evoluídas do homem na especificidade do seu

tempo histórico, ambas são percebidas sempre como reveladoras do grau de consciência racional que um povo tinha atingido em um determinado momento. E quanto mais abstrata, mais racional esta forma de conhecimento e expressão, mais evoluída ela seria. É por esse motivo que a arte da arquitetura, percebida como a mais “material” das expressões do pensamento, foi considerada também a mais inferior. No entanto, é importante situar que para Hegel, a filosofia, o pensamento abstrato, a razão, não tem como fim abstrações ou generalidades ocultas, mas sim o conhecimento do *concreto*, do real:

É preconceito geral que a ciência filosófica só tenha de se ocupar de abstrações, de generalidades ocultas (...). Na realidade, a filosofia está na região do pensamento, e por isso tem de se ocupar de generalidades. O seu conteúdo é abstrato, mas só pelo que respeita à forma, ao elemento, porque em si mesma a idéia é essencialmente concreta, visto ser essa a unidade de distintas determinações. (...) Se a verdade é abstrata, não é verdadeira. A verdadeira razão humana visa somente ao concreto. (HEGEL, 1999, p.398)

Segundo Hegel, a tarefa da filosofia é conhecer o concreto, pois foi a partir deste esforço de compreensão do concreto que o pensamento chegou ao universal, ao geral e ao abstrato. Por exemplo, no segundo capítulo da *Fenomenologia*, “A Percepção ou: a coisa e a ilusão”, analisando o *sal*, é que a consciência chega ao conceito de que esse sal, como qualquer outro elemento concreto, seria a *unidade de distintas determinações*:

Por isso é essa unidade que a consciência deve assumir: pois a própria coisa é o *subsistir de muitas propriedades diversas e independentes*. Diz-se portanto, da coisa: é branca e *também* cúbica e *também* tem sabor de sal etc. Mas enquanto *branca* não é cúbica e enquanto cúbica e *também* branca não tem sabor de sal etc. O colocar-se-em-uma-só dessas propriedades incumbe à consciência somente (...). (HEGEL, 2003, p.102)

Interessante perceber também que os três primeiros capítulos da *Fenomenologia* são considerados uma crítica ao positivismo, na medida em que Hegel relaciona sempre o conhecimento do concreto à consciência que conhece. Na filosofia hegeliana, o mundo “objetivo”, as coisas, só tem sentido para àquela consciência específica, ou seja, o “em-si” é um “para-si”. Marcuse (1991, p. 113) destaca que logo no primeiro capítulo desta obra: “O leitor descobre que, por trás da cortina da aparência não há uma coisa-em-si desconhecida, mas o sujeito que conhece. A autoconsciência é a

essência das coisas”. Ampliando esta discussão, este autor analisa que além do questionamento do positivismo, Hegel criticou o que Marx veio a chamar posteriormente de “reificação”, ou seja, a visão de que todas as relações entre os homens, no capitalismo, aparecerem como relações entre coisas. Tendo assim antecipado essas críticas no campo da filosofia, pois, segundo Marcuse (1991, p. 114), de acordo com as afirmações de Hegel:

(...) não há verdade que, em última análise, não se relacione *essencialmente* com o homem concreto, e que não seja verdade do sujeito. O mundo será hostil e falso enquanto o homem não destruir a objetividade morta e se reencontrar, bem como à sua própria vida, “por trás” das formas rígidas das coisas e leis. Quando o homem atingir, finalmente, esta *autoconsciência* estará não somente no caminho de sua própria verdade, como na verdade do seu mundo. E a consciência é acompanhada do fazer. O homem tentará pôr em ação aquela verdade, *tornando* o mundo o que este essencialmente é, isto é, a realização da autoconsciência do homem.

De acordo com o pensamento de Hegel a consciência de um determinado momento histórico está necessariamente vinculada à ação política e econômica de uma época. Portanto, a obra de Hegel está intimamente relacionada com os problemas políticos e sociais do seu tempo, principalmente com as conseqüências das mudanças trazidas pela Revolução Francesa. Konder (1991) chama a atenção que Hegel lia os jornais todos os dias, como uma “oração da manhã” e procurava se manter atualizado com tudo o que estava acontecendo na Europa, em especial aos eventos da França e da Inglaterra. A filosofia idealista alemã é entendida como uma resposta aos desafios colocados pela Revolução Francesa. Contudo, a Alemanha daquela época era muito pobre, predominantemente feudal, desunida politicamente e bastante influenciada pela Reforma Protestante. Essa região se encontrava em condições muito diferentes da França e Inglaterra. Nesse sentido, se compreende que os filósofos alemães se refugiavam no campo do pensamento porque não eram capazes de perceber outra alternativa de mudança social num curto período de tempo. Além das dificuldades econômicas e políticas desse país, as próprias concepções do Protestantismo Luterano dominante contribuíam para este refúgio “interior”:

A cultura alemã é inseparável de suas origens no Protestantismo. Este inaugurara um reino de beleza, liberdade e moralidade, que não podia ser abalado por realidades e conflitos exteriores; tal reino se apartava do

miserável mundo social e se fundava na “alma” do indivíduo. Este deslocamento é fonte de uma tendência muito evidente no idealismo alemão, qual seja, a disposição a acomodar-se com a realidade social. Esta tendência conciliatória entra muitas vezes em conflito com seu racionalismo crítico. (MARCUSE, 1988, p. 27)

No entanto, a filosofia hegeliana procura ir além de uma alternativa que apenas se resolveria no “interior” da consciência, ou seja, a “liberdade interior” deveria tornar-se uma “liberdade exterior” também. Eis o nó que pretendo desatar neste trabalho. Na medida em que habito minha liberdade interior, desterritorializada das vãs aparências e me proponho a interpretar meus sonhos, não estaria vivenciando um processo de libertação exterior também, de encontro entre o olhar de dentro e o olhar de fora, simbolizando e trazendo à tona sonhos pessoais e ao mesmo tempo coletivos?

Na obra de Hegel, contudo, esta liberdade interior não está relacionada com sonhos, mas se refere à consciência racional, sendo ressaltada a importância da conciliação, do encontro desta consciência racional com a “realidade” objetiva. Toda a história humana, para ele, representava a história desse encontro. A célebre frase “tudo que é racional é real e tudo que é real é racional” simboliza a natureza desse encontro, quando a autoconsciência, que é racional, após um longo processo de conhecimento e ação sobre o real, irá finalmente se conciliar com a realidade. Como situa Konder (1991, p. 66), “o real, para Hegel não se reduzia ao existente. A palavra que o filósofo utilizou, *wirklich*, vem de *wirken*, que significa atuar, efetuar. A *Wirklichkeit* é a efetividade, a realidade empreendida em sua dinâmica, em seu movimento profundo, que nunca se restringe ao meramente dado”. Interessante lembrar que Ivani Fazenda (2002b), no seu primeiro livro, fruto da sua dissertação de mestrado (1978), em seu desejo de enxergar novas alternativas para a educação, já nos coloca frente ao enigma de decifrar se uma Teoria da Interdisciplinaridade da Educação navegaria entre uma *efetividade* ou uma ideologia? A partir do significado desta palavra, efetividade, entendo que quando Hegel afirma que “tudo que é real é racional”, está se referindo a uma realidade autoconsciente que é movimento e contradição, unidade e diversidade, espírito e matéria, essência e aparência.

Gombrich (1994, p.20), sintetiza bem o sentido dessa história universal: “Para Hegel a história do universo era a história de Deus a criar-se a si próprio e a história da

humanidade era, no mesmo sentido, a contínua encarnação do espírito”. Hegel foi protestante durante toda a sua vida. Contudo, conforme procurou ressaltar na sua obra, a religião significava para ele uma forma de conhecimento e expressão diferente e inferior ao pensamento filosófico. Porque na religião, “o culto não é senão um abandonar-se ao objeto do pensamento; a filosofia, pelo contrário, (...) volta-se para o seu objeto na forma de consciência pensante”. (HEGEL, 1999, p.424) No entanto, apesar desta diferença fundamental, segundo Hegel, a filosofia, a religião e a arte tinham o mesmo conteúdo, tinham objetivos semelhantes: “Com a arte, e especialmente com a religião, a filosofia tem de comum o ter por conteúdo objetos universais. Arte e religião são os modos onde as mais altas idéias se revelam à consciência não-filosófica, ou seja, à sensível, intuitiva e representativa”. (HEGEL, 1999, p.423) A filosofia e a religião teriam em comum, na sua essência, captar o universal, ao que não se limitava à simples aparência finita dos objetos, ao infinito. O problema era que a própria forma de apreender o universal, deveria ser universal também. E apenas na filosofia, através do pensamento racional, considerado a característica mais sublime e a mais universal do ser humano, é que finalmente aparência e essência poderiam se reconciliar. Ou seja, o elemento da filosofia, a razão universal autoconsciente, iria se encontrar com essa realidade divina, que é totalidade e movimento contraditório, espírito e matéria.

Dessa forma, quando Hegel se refere a Deus, espírito, etc., ele não está percebendo estes conceitos da mesma maneira que percebe a religião. O Deus hegeliano não é uma entidade imutável, estática e separada da vida humana. O mundo histórico concreto seria apenas a aparência do Espírito, a manifestação sensível de Deus. A filosofia, através da razão, teria como fim desvendar essa aparência do divino, tornar consciente que a essência espiritual do mundo é totalidade e movimento dialético.

A razão dialética de Hegel percebida como “uma equação que parecia nunca ter solução”

Este último símbolo que pretendo analisar – uma equação que parecia insolúvel – me parece ser um dos mais reveladores da filosofia hegeliana. A razão e sua relação intrínseca com o real, com o concreto, é uma razão que evolui no tempo, uma razão em movimento constante que vai com esforço desvendando o real como movimento e contradição. No sonho, essa razão consciente, representada por mim, procura solucionar uma equação que parece não ter fim. A figura do professor, que pode ser interpretado como o próprio Hegel ou ainda como “o outro”, “os outros”, “o mundo histórico no qual vivemos”, sempre está lançando novos dados, novos desafios para serem “solucionados” numa perspectiva dialética, com sínteses que desencadearão novas antíteses, em um processo sem fim. E esta forma de compreender a dinâmica do real nem sempre é percebido por nós, que somos professores e ao mesmo tempo alunos, neste fluxo constante da vida.

Será que no último capítulo da *Fenomenologia*, quando a consciência atinge o que Hegel chama de “saber absoluto”, esta viagem da consciência tem um ponto final? Ou será que é justamente o contrário, que esta etapa significa apenas o momento dessa autoconsciência perceber que o mundo objetivo é totalidade, movimento e contradição? A minha aposta neste estudo caminha nesta direção.

Desde a morte de Hegel, duas vertentes principais de interpretação da sua obra se destacaram: os chamados hegelianos de “direita” e os de “esquerda”. Os hegelianos de direita costumam ser percebidos como aqueles que adotaram, sobretudo, “a tese política de que o Estado é a mais alta realização do espírito absoluto. (...) são considerados em geral como ortodoxos e conservadores”. (Arantes, 1999, p. 18) No entanto,

A esquerda hegeliana adotou o método dialético e aplicou-o à análise dos problemas políticos, invertendo o conteúdo das doutrinas de Hegel e opondo-se ao regime dominante da Alemanha da época, regime esse que era apoiado pelos adeptos da orientação direitista. (...) Feuerbach, o mais conhecido representante da esquerda hegeliana, considerou necessário desmascarar (em sua própria expressão) a teologia especulativa de Hegel, pois, em seu entender, o fantasma da teologia percorre todo o pensamento hegeliano. (ARANTES, 1999, p.18)

O que importa chamar a atenção é que a direita hegeliana, em geral, adotou o “idealismo de Hegel” e passou a defender o Estado, como o representante da mais alta

realização do espírito absoluto, numa atitude mais conservadora, não crítica em relação ao *status quo*. Ao contrário, a esquerda hegeliana, assumiu uma posição questionadora em relação às condições políticas e sociais dominantes, percebendo o caráter transitório do real. E um dos seus principais representantes, Feuerbach, rejeitou qualquer menção à essência espiritual do mundo, tentando substituir o que considerava a teologia hegeliana por uma antropologia. Marx e Engels continuaram esse legado, pretendendo inverter a dialética de Hegel, “da cabeça para os pés”, da razão para a ação, do idealismo para a visão materialista.

Assim como a leitura dessa “ação” de Marx, deva ser compreendida uma ação consciente, ou seja, a práxis; talvez a razão dialética hegeliana não possa ser confundida com uma teologia no sentido estrito. Considero a perspectiva de Hegel, na qual é vislumbrada uma totalidade dinâmica e contraditória entre essência e aparência, consciência e objeto, espírito e matéria, muito interessante. Nele, a razão dialética é meio, processo e fim; o que nos leva a relativizar toda posição ortodoxamente reducionista.

O problema é que a consciência hegeliana é uma consciência que se identifica apenas com o pensamento racional. Pode ser por este motivo que esta filosofia tenha aparecido em sonho através de uma equação matemática. Em uma abordagem de ordem pessoal, consciente, o conhecimento matemático nunca foi percebido como o melhor caminho para se compreender a complexidade do real, embora tivesse facilidade com essa ciência, eu valorizava mais outras formas de conhecimento, ligadas às chamadas ciências humanas. Este símbolo pode significar que também considero a filosofia hegeliana e a sua supervalorização da razão, como ainda insuficientes para uma apreensão da realidade e da consciência. Nesse sentido, este trabalho que realizei talvez possa ser compreendido como uma Fenomenologia às avessas. Isso porque não é o movimento da dialética da consciência racional que está sendo descrito, mas a dialética do consciente com o inconsciente. E este encontro não só revelou a beleza e originalidade da obra de Hegel, mas também a sua perspectiva unilateral, na medida em que supervaloriza um único caminho de interpretação da realidade: a consciência racional.

Durante a realização desta pesquisa, tive um outro sonho, o qual pode simbolizar o que estou pretendendo justificar neste momento. E esse segundo sonho será interpretado na próxima parte desta tese.

PARTE II

ENTRANDO NO MAR DO INCONSCIENTE: UMA OPÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Observando os traçados das investigações que dialogam com a Interdisciplinaridade, realizados por alguns pesquisadores brasileiros, constatamos que eles parecem surgir articulados à necessidade do pesquisador se reconhecer e ao mundo, o que significa emergir progressivamente da inconsciência para a contínua elaboração da consciência. (FURLANETTO, 2004, p. 7)

Como foi apontado anteriormente, um outro sonho que tive quando estava escrevendo a primeira parte deste trabalho, contribuiu para tornar mais claro o meu questionamento em relação à supervalorização da razão hegeliana e a opção por um novo caminho de pesquisa para mim: Interdisciplinar. Contudo, é bom ressaltar que não existe um modelo único de pesquisa na interdisciplinaridade, na medida em que cada autor vai expressar a sua singularidade, a sua forma própria de responder às suas perguntas existenciais: “A forma como essa dúvida ou pergunta se elucida é própria de cada pesquisador e inerente ao ato de pesquisar. Caminhos próprios exigem próprios

enfoques metodológicos”. (FAZENDA, 2001, p.104) Portanto, trilhar a pesquisa interdisciplinar não significa caminhar numa estrada já pronta, mas descobrir os seus próprios contornos, curvas e obstáculos. Significa perceber as flores, os espinhos e os sinais que auxiliam a sua busca. Neste sentido, destaco que o meu caminhar aceitou os desafios de Kairós, das sincronicidades percebidas de uma forma inesperada através dos sonhos. Um caminho que se aventurou a um *olhar para dentro*, para o inconsciente, para o mundo dos símbolos e que se inspirou em algumas contribuições da interdisciplinaridade e da psicologia profunda de Jung para compreender esse movimento.

Sonhei que para me “salvar” um homem me jogava ao mar. Saía da água através de um pequeno buraco num navio, ajudada por um outro homem. Eu estava nua e menstruada. Uma mulher meio estranha sorria e me dava uma calcinha para me proteger. Eu dizia para ela que precisava de mais do que uma calcinha, que necessitava de alguma coisa maior, como uma toalha, por exemplo. Caminhava um pouco no navio e encontrava essa toalha, com a qual me cobria.

Esse sonho foi revelador para mim em muitos sentidos. Percebi nele, principalmente, a minha trajetória nesta tese, a minha forma própria de caminhar metodologicamente na perspectiva interdisciplinar. Como toda metodologia pressupõe uma concepção de mundo e uma epistemologia, procurei apreender o significado deste sonho como um símbolo desse processo.

Inicialmente, quero destacar que o sonho é como um “teatro onde o sonhador é ao mesmo tempo o ator, a cena, o ponto, o regente, o autor, o público e o crítico”. (SILVEIRA, 2001, p. 92) Assim, numa primeira interpretação desse segundo evento sincronístico, diria que o caminho da razão, mais masculino, apontado por Hegel, talvez não seja o único caminho ou o mais indicado para mim neste momento. Para me “salvar”, para buscar a união da consciência racional com o inconsciente, preciso entrar na profundidade do mar. Segundo Jung (1999, p.206-207): “Nos sonhos e fantasias, o mar ou as grandes extensões de água significam o inconsciente”. O mundo do

inconsciente é um mundo desconhecido, um “navegar por mares nunca dantes navegados”. Neste sentido, esse mergulho no mar do inconsciente pode simbolizar o meu encontro com as partes relegadas ao inconsciente do meu ser, desconhecidas, também, da minha trajetória acadêmica. Entro num navio por um buraco, um círculo, uma mandala que pode representar o sentido de busca de totalidade: “os símbolos utilizados pelo inconsciente para (...) exprimir a totalidade, a integridade (...); em geral, (...) são formas *quaternárias e círculos*”. (JUNG, 2002e, p.101, grifos do autor) Mais ainda, esse pequeno círculo pode ser interpretado também como a função transcendente na nossa vida psíquica. Isso porque o *buraco* é um elo de ligação entre o mar e o navio, entre o inconsciente e o consciente. Nesta perspectiva, o próprio navio pode simbolizar uma *nova consciência*, navegando sobre o mar do inconsciente, dirigindo esse processo com mais segurança e ao mesmo tempo consciente da grandeza do mar e da possibilidade de ondas inesperadas pelo caminho, como é próprio da vida. Um homem, ou seja, o símbolo da razão, me auxilia, continua presente no meu ser. Mas neste novo caminho me sinto nua, renascendo. O fato de aparecer menstruada me sugere capacidade feminina de gestação, de gerar vida. Portanto, essa menstruação pode significar também uma nova vida que se inicia, com uma nova consciência, expandida, mais integrada. Contudo, ainda sinto medo dessa nova forma de navegar: a mulher no navio me parece estranha, não familiar. Além disso, eu também não me sinto à vontade, estando nua. A parte feminina do meu ser, ou seja, o caminho da *intuição, do sentimento, da forma*, ainda não está integrado na minha vida e na pesquisa acadêmica que desenvolvo. A mulher não tem a intenção de me cobrir muito, no entanto, eu preciso de mais. Tenho que descobrir as toalhas que vão adornar esta tese. Talvez toda essência precise da aparência para se manifestar de forma mais inteira. Ou ainda, o caminho da razão, do pensamento, apontado por Hegel, também precise das outras funções da consciência (sentimento, intuição e sensação), ressaltadas por Jung (1991a), para navegar nas ondas da vida.

A partir desta primeira interpretação, percebi que este sonho poderia simbolizar o meu caminho teórico-metodológico nesta tese e merecia ser aprofundado. Para facilitar a compreensão dos inúmeros símbolos presentes nessa mensagem do inconsciente, apresento separadamente a interpretação de alguns acontecimentos simbólicos que

considerarei mais ricos em sentido. Chamo a atenção, contudo, que todas as partes do sonho estão interligadas, constituem uma totalidade. Aprecio muito o pensamento de Morin (2000, p.37) sobre a questão da relação todo-parte: “O todo tem qualidades ou propriedades que não são encontradas nas partes, se estas estiverem isoladas umas das outras, e certas qualidades ou propriedades das partes podem ser inibidas pelas restrições provenientes do todo”. Ou seja, Morin postula que o *todo é simultaneamente mais e menos que a soma das partes*. Mais, porque o todo adquire uma nova configuração que não significa a mera soma das partes, ou a análise isolada da parte. Uma questão que a sociologia positivista e funcionalista de Durkheim, por exemplo, já havia colocado em relevo, mas que a cultura cientificista e o individualismo ocidental não valorizou. E *menos*, porque certas características particulares, individuais, locais, se inibem e não aparecem devido a limitações e restrições da totalidade. Desta maneira, considero que Morin deu um salto qualitativo na abordagem da relação todo-parte, na medida em que, a partir dessa interpretação, podemos perceber que as duas formas de análise são fundamentais e complementares, pois é no aprofundamento da relação dialética todo-parte-todo, que a compreensão se torna mais clara.

Na perspectiva de Jung, a relação todo-parte - na interpretação dos sonhos - também é compreendida de uma forma bem ampla. Jung denominou o seu método de interpretação de sonhos de *método sintético ou construtivo*, uma forma de interpretação distinta do método psicanalítico tradicional. Neste sentido, o método construtivo *não* se baseia “num procedimento reduutivo, exclusivamente causal, que decompõe o sonho (ou fantasia) nos componentes de reminiscências e nos processos instintivos”. (JUNG, 2002e, p.72) Isso porque, para o nosso autor, os símbolos dos sonhos não podem ser reduzidos a reminiscências ou anseios pessoais, pois também podem representar imagens do inconsciente coletivo. Desta forma, Jung chama de *amplificação* o processo de relacionar as imagens dos sonhos aos símbolos presentes nas mais diversas culturas e tradições, ao inconsciente coletivo da humanidade. Portanto, no método construtivo:

(...) a ‘análise’, na medida em que se restringe à decomposição, deve ser necessariamente seguida por uma síntese. (...) Os valores e as imagens do inconsciente coletivo só aparecem quando submetidos a um tratamento *sintético*. Como a análise decompõe o material simbólico da

fantasia em seus componentes, o processo sintético integra-o numa expressão conjunta e coerente. (JUNG, 2002e, p.73)

Assim, após uma abordagem inicial numa dimensão de totalidade do sonho, algumas partes percebidas como mais reveladoras de sentidos, serão mais detalhadas, procurando sempre relacioná-las ao sentido geral do sonho.

Para me “salvar” um homem me jogava ao mar

Jung (2002e, p.73) destaca ainda que uma das primeiras formas de interpretação do sonho consiste no método de associação, quando o próprio sonhador associa os símbolos que aparecem no sonho com os conteúdos, emoções e imagens que lhe sugerem. Nessa perspectiva, qual o sentido, para mim, de que para me “salvar” eu tinha que ser jogada ao mar? O verbo “salvar” pode indicar que eu não estava me sentindo segura, bem, confiante. E para explicar esse sentimento que o sonho chama a atenção, é importante revelar que a minha relação com o discurso científico e com as práticas educativas instituídas sempre foi motivo de dúvidas e contradições para mim. Por um lado, existe o amor pelo conhecimento e pela sala de aula que alimentam o meu ser e a minha necessidade de troca e reciprocidade, por outro, as ricas leituras e vivências que também são partes do meu existir no mundo e que se situam além dos limites paradigmáticos produzidos pelo conhecimento científico. Por exemplo, já vivenciei ricas experiências com as religiões afro-brasileiras, com os ensinamentos da Ordem Rosacruz³, aprecio muito a filosofia oriental, pratico ioga e reiki⁴. Além disso, fiz cursos de astrologia e gostei tanto que quase larguei a academia. Um dos meus maiores dilemas foi e continua sendo conciliar essas duas formas de caminhar na vida, de identificar um sentido integrador, unificador, dialético e sintetizador para essas aparentes polaridades. Mesmo consciente de que essa síntese é provisória,

³ A Ordem Rosacruz é uma tradição mística/iniciática que surgiu inspirada pelas várias “escolas de mistério” ou “escolas de sabedoria” do Egito na Antigüidade. Atualmente, essa Ordem existe nos mais diferentes países.

⁴ Reiki é uma técnica/filosofia milenar, de origem japonesa, de cura natural. Essa técnica acredita ter a possibilidade de sintonizar a Energia Vital Universal e através da imposição das mãos promove a reorganização das energias bloqueadoras do chamado corpo sutil (não material, energético), geradoras de doenças, atuando nas suas causas primárias.

desencadeadora de novas sínteses, como é próprio do movimento dialético da vida. Neste sentido, como tenho apontado, desde a dissertação de mestrado a questão da *expansão da consciência* tem procurado ser o elo de ligação, o conceito e/ou o símbolo que tem me inspirado a integrar a minha práxis no universo acadêmico e fora dele. Contudo, toda vez que me vejo na situação de ter que me definir teórica e metodologicamente para uma posterior avaliação científica, a insegurança retorna.

No doutorado, a partir da vivência da interdisciplinaridade proposta pela Prof^a. Dr^a. Ivani Fazenda e pelo grupo de pesquisa por ela coordenado, o GEPI (Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares), experiência na qual me identifiquei e que também me revelou um novo modo de fazer e pesquisar em educação, é que surge a possibilidade de uma metodologia interdisciplinar para a minha tese. Principalmente porque percebi que o caminho da interdisciplinaridade procura romper a concepção e a prática de um saber esfacelado, compartimentado do real: “interdisciplinaridade é a arte do tecido que nunca deixa ocorrer o divórcio entre os seus elementos, entretanto, de um tecido bem trançado e flexível”. (FAZENDA, 2001, p. 29) Desta forma, identifiquei na interdisciplinaridade a mesma busca de totalidade que caracteriza a minha práxis. E essa vivência da totalidade na teoria interdisciplinar não está relacionada a uma mera junção de disciplinas, mas sim a uma *atitude dos sujeitos* envolvidos no processo:

A atitude interdisciplinar não está na junção de conteúdos, nem na junção de métodos; muito menos na junção de disciplinas, nem na criação de novos conteúdos produto dessas funções; a atitude interdisciplinar está contida nas pessoas que pensam o projeto educativo. (FAZENDA, 2002c, p.64)

A teoria e a prática interdisciplinar estão ligadas a uma recuperação da unidade do ser humano, de um sujeito que, por se sentir inacabado, incompleto, atua se relacionando com outros sujeitos, interagindo, ou seja, instaurando uma intersubjetividade. Neste sentido, a interdisciplinaridade valoriza a *atitude* do sujeito na interação com outros sujeitos, com o conhecimento, com a vida. Ou melhor: “A interdisciplinaridade pressupõe basicamente uma intersubjetividade, não pretende a construção de uma superciência, mas uma mudança de *atitude* frente ao problema do conhecimento, uma substituição da concepção fragmentária para a unitária do ser humano”. (FAZENDA, 2002b, p.40) Essa forma de vivenciar o conhecimento nos ajuda a

situar a problemática educacional no que esta possui, talvez, de mais específico: o de ser uma relação entre pessoas: professores-alunos, professores-professores, professores-alunos-funcionários, professores-alunos-funcionários-pais de alunos ... Uma relação intersubjetiva, que educa, que forma, interagindo. E nesse processo, atua possibilitando a transformação de nós mesmos, do outro, da escola, do mundo:

A interdisciplinaridade visa à recuperação da unidade humana através da passagem de uma subjetividade para uma intersubjetividade e assim sendo, recupera a idéia primeira de Cultura (formação do homem total), o papel da escola (formação do homem inserido em sua realidade) e o papel do homem (agente das mudanças no mundo)". (FAZENDA, 2002b, p. 48)

Contudo, para ocorrer esta intersubjetividade, essa interação de uma forma mais consciente, na qual o educador tenha intenção e desejo de se relacionar com o outro, é necessário que o educador se conheça, seja consciente dos seus projetos de vida, dos seus limites e possibilidades. Desta maneira, a metodologia interdisciplinar valoriza o autoconhecimento do pesquisador, realizado inicialmente através do resgate da sua memória intelectual e das práticas que nortearam a sua vida. Foi o que procurei realizar na primeira parte deste trabalho e também nesta, na medida em que estou procurando desvelar o *sentido* da minha opção teórico-metodológica, percebendo que este autoconhecimento está ligado à expansão da consciência. Essa preocupação com o autoconhecimento na Interdisciplinaridade favorece que esta se torne um importante tema de estudos, presente, por exemplo, no interessante livro de autoria de Santo (1998). Também na perspectiva desse autor, o autoconhecimento seria o ponto de partida para o que ele chama de renascimento do sagrado: "uma visão unificada da vida que enseja uma percepção do sentido e do significado da existência, abarcando todo o caminho percorrido (...)". (SANTO, 1998, p. 109) Esse meu mergulho no mar do inconsciente e na vivência da interdisciplinaridade também pode ser percebido como um "retorno ao sagrado", como uma busca de sentido e significado para a minha jornada pessoal e acadêmica.

Outro aspecto a ser ressaltado é que a Interdisciplinaridade procura estar atenta aos vestígios do caminho, ao tempo de Kairós, as sincronicidades que se apresentam na vida e que podem nos levar por caminhos insuspeitados, como foi esta pesquisa para mim:

A investigação interdisciplinar por nós praticada, diferentemente de outros procedimentos de pesquisa, não se baliza por métodos, mas alicerça-se em vestígios. Os vestígios apresentam-se ao pesquisador não como verdades acabadas, mas como lampejos de verdade. Cabe ao investigador decifrar e reordenar esses lampejos de verdade para intuir o que seria a verdade absoluta, total, os indícios a seguir. (FAZENDA, 2002a, p.22-23)

Além disso, como venho apontando neste estudo, na Interdisciplinaridade, pesquisa e prática são pólos interligados e em permanente movimento. A pesquisa interdisciplinar pressupõe uma vivência, uma entrega ao caminho, uma experiência na qual o sujeito vai se tornando inteiro, interagindo consigo mesmo, com os outros, com a vida. Portanto, sem esgotar os motivos pelos quais me identifiquei com o movimento interdisciplinar, que continuarão a ser explicitados ao longo deste trabalho, destaco nesse momento, ainda, que foi através da interdisciplinaridade que fui apresentada à obra de Jung. No sonho, a perspectiva junguiana, o encontro com a sua psicologia complexa, com o inconsciente, foi simbolizado pelo meu “salvamento” através do mergulho no mar. Ou seja, para sair da *divisão* na qual me encontrava, eu “fui jogada por um homem” no *inconsciente*, segundo a simbologia de Jung. Essa minha jornada pelo mundo dos sonhos e dos símbolos se apresentou como a minha opção teórico-metodológica neste momento. Alguns princípios da teoria junguiana surgem, então, como elos integradores para o estudo da *expansão da consciência* e como contribuições para uma Teoria Interdisciplinar de Educação.

Mas por que é um *homem* desconhecido quem me joga no mar? Percebo este símbolo – *homem* – como o meu lado racional, científico, acadêmico, consciente, solar. Quando o sonho aconteceu, eu estava escrevendo o capítulo sobre a minha interpretação de Hegel através do encontro do consciente-inconsciente. Desta forma, entendo que o *caminho da razão*, que é parte de mim, surgiu no sonho na figura de um homem. Essa interpretação é possível porque, para Jung, os personagens do sonho, em geral, simbolizam aspectos da psique do próprio sonhador. Neste sentido, não foi exatamente um outro quem me jogou no mar, mas eu mesma, a minha consciência racional. Esta hipótese pode ser ampliada pelo fato de ter sido num espaço acadêmico, num curso do Programa de Pós-Graduação em Educação, da PUC/SP, que tomei conhecimento da obra de Jung. Desde o primeiro momento que ouvi as idéias deste

autor, através da Prof^a. Dr^a. Ivani Fazenda e da Prof^a. Dr^a. Ecleide Furlanetto, percebi que o estudo dessa teoria seria importante para mim. Contudo, nem imaginava que teria sonhos cujos símbolos poderiam encaminhar-me para interpretações que pudessem colaborar na minha pesquisa. Esses eventos foram uma grata surpresa que o meu inconsciente me proporcionou. Na teoria da complexidade de Morin, ou mesmo para a física quântica, esses acontecimentos poderiam ser descritos como o aspecto do inesperado, do lado imprevisível da realidade. Segundo a teoria da interdisciplinaridade, como já foram sublinhados, poderíamos relacionar esses eventos com o tempo de Kairós, com o olhar atento aos vestígios, aos acontecimentos significativos que ocorrem em determinados momentos e que podem contribuir para momentos de criação. Para Jung, o inconsciente e os sonhos têm uma função compensatória:

Os sonhos não são meras reproduções de acontecimentos, nem simples abstrações de vivências. Eles constituem as manifestações não falsificadas da atividade criadora inconsciente. (...), cheguei pela experiência adquirida ao lidar com sonhos a ver neles muito mais uma *função compensadora*. (JUNG, 2002c, p.105)

Os sonhos, então, representam uma manifestação criadora do inconsciente: uma criação que possibilita compensar o que está faltando na vida do sonhador, numa dimensão de integração, de totalidade. Mas de qual sonhador estou dizendo? De mim mesma ou de todos os pesquisadores que procuram caminhos para uma educação mais humanizada, mais de acordo com os seus anseios? E esta busca de totalidade simbolizada no *mergulho no mar* está presente nos mais variados sentidos, como tenho procurado apontar neste trabalho. É a razão consciente que vai de encontro com o inconsciente, como também é a cientista social e educadora que busca subsídios teóricos na psicologia profunda. Isso porque a minha formação inicial foi em Ciências Sociais, curso no qual estudei Sociologia, Antropologia e Ciência Política. Além disso, o meu mestrado foi na área de Educação e devido ao enfoque teórico predominante no curso, mais uma vez as ciências sociais foram mais enfatizadas do que outras contribuições. Desta forma, a Psicologia, por exemplo, não havia sido muito abordada. Mesmo na dissertação de mestrado, quando tive a necessidade de buscar subsídios em outras áreas do conhecimento, tais como às ciências naturais, através da física quântica e da Biologia, não apenas pela percepção da importância das suas novas descobertas, como também pela vontade de interligar os diferentes campos do

conhecimento, a psicologia ainda não tinha sido contemplada nos meus estudos. E, como desde a dissertação de mestrado tenho defendido uma concepção e vivência de totalidade em relação à vida e ao conhecimento, a psicologia não poderia ficar fora desse processo. Neste sentido, quando fui lecionar na Faculdade de Formação de Professores da UERJ e me solicitaram para trabalhar também com a disciplina Psicologia da Educação, que na época estava com falta de professores, de imediato aceitei o desafio. Foi interessante estudar autores como Piaget, Vygotsky, Wallon e outros; porém essas teorias não despertaram em mim a mesma identificação e entusiasmo que encontrei na leitura de Jung, realizada no doutorado. Percebo que me identifico com as abordagens teóricas e metodológicas que defendem a necessidade de uma maior inter-relação entre as diferentes formas de conhecimento, seja com uma concepção complexa do real, como sustenta a visão de Morin (2002), seja com a abordagem multirreferencial e transversal de Ardoino (1998) e Barbier (1998, 2002), ou, ainda, com a perspectiva transdisciplinar, na qual esses autores estão relacionados. Contudo, foi por intermédio da Interdisciplinaridade, na qual se valoriza o ser humano e o sujeito pesquisador como àquele que busca responder às suas perguntas existenciais (FAZENDA, 2001, p.64), perguntas estas que não são questões meramente acadêmicas e intelectuais, mas questões que estão ligadas à sua história de vida, e que, portanto, são perguntas que envolvem o ser humano numa dimensão de totalidade, que encontrei uma contribuição maior para a minha busca.

Desta forma, ressalto que, no sonho, na parte em que mergulho no mar – está sendo percebida como um acontecimento-símbolo de que na minha busca de uma compreensão maior da *consciência*, faltava me aprofundar na questão do *inconsciente*. Mesmo porque, na perspectiva de Jung (2002c, p.120): “o inconsciente é a mãe criadora da consciência. A partir do inconsciente é que se desenvolve a consciência (...)”. Neste sentido, a opção pelo estudo de algumas contribuições da psicologia junguiana e de alguns de seus seguidores, pode ser justificada, também, por essa necessidade pessoal de integração e totalidade, que tem caracterizado o meu ser e a pesquisa que venho desenvolvendo desde a dissertação de mestrado.

Contudo, outros autores, principalmente os da teoria psicanalítica iniciada por Freud, também se destacaram pelos estudos do inconsciente. A minha escolha pelos

textos de Jung pode ser compreendida pelo fato de eu considerar a sua obra bastante próxima de uma abordagem do que hoje denominaríamos transdisciplinar ou mesmo interdisciplinar. Inicialmente, porque a obra de Jung é resultante do conjunto de *vivências e pesquisas do autor em diferentes campos do conhecimento*, ou seja: de suas atuação como psiquiatra e psicólogo; de seus estudos de importantes cientistas e filósofos ocidentais, que não se limitaram à área médica ou psicológica; e também de uma profunda imersão no seu mundo interior, nos mistérios do seu próprio inconsciente, conforme seu relato no livro autobiográfico *Memórias, sonhos e reflexões* (JUNG, 1963). Além disso, Jung pesquisou temas considerados pouco científicos, como alquimia, espiritismo, magia, astrologia, mitologia, etc., formas de conhecimento que também gosto de explorar, e que, atualmente, têm sido um pouco mais aceitos no ambiente acadêmico, desde que exploradas em pesquisas que possuam bases teóricas consideradas consistentes. Outrossim, nosso autor procurou compreender, através de viagens e estudos, culturas diferentes da ocidental: “A paixão de conhecer a alma humana levou Jung a longas viagens. No ano de 1921 foi à África do Norte. Em 1924-1925 conviveu com os índios Pueblo da América e em 1925-1926 esteve no monte Elgon, na África Oriental inglesa”. (SILVEIRA, 2001, p. 17-18) Para ressaltar ainda a sua abordagem interdisciplinar, Maroni (1998, p.81) lembra que a velha geração de junguianos – e o próprio Jung - consideravam fundamental para a formação do analista

a disposição de percorrer vários campos de conhecimento (história, religião, mitologia, filosofia, antropologia, literatura, arte, biologia, ciência do comportamento animal, psicopatologia, alquimia, etc.), o conhecimento específico da psicologia analítica e, obviamente, uma certa configuração psicológica, um dom, para o exercício profissional. (...) olhares múltiplos podiam manter essa área do conhecimento fiel à sua vocação primeira: a interdisciplinaridade.

Destaco também que, coerente com o que tenho apontado como uma das minhas maiores preocupações, percebo que a teoria junguiana considera que *a psique do ser humano está em constante movimento totalizador, integrador*, que ele chama de *processo de individuação* ou *realização do si-mesmo*. Na percepção de Jung (1978, p. 60), o motivo propulsor do inconsciente “parece ser um instinto de realização do si-mesmo”. Isso significa dizer que a dinâmica da integração dos aparentes opostos está presente nas diversas dimensões psíquicas do ser: seja uma integração e/ou luta entre

o ego e a sombra, entre a persona e o inconsciente individual, entre o inconsciente coletivo e o ego, entre o inconsciente coletivo e a persona, entre a função do pensamento e a do sentimento, entre a função da intuição e a da sensação⁵, etc.

Aqui paro para indagar: essas questões por ele tratadas não poderiam fundamentar aspectos de uma Teoria Interdisciplinar? Na medida em que sua obra destaca a necessidade do ser humano conhecer e integrar o seu lado inconsciente, desconhecido, que embora não possa ser observado diretamente, produz efeitos na vida de todos nós? Da mesma forma penso que os estudos de Jung ao procurar revelar a linguagem do inconsciente, a forma própria como ele se comunica com a nossa consciência, o valor atribuído a linguagem simbólica, metafórica, arquetípica, mítica e/ou sincrônica, são essenciais ao pensarmos em fundamentos teóricos para a Interdisciplinaridade na Educação e para a expansão de consciência de professores e alunos. Como já vem ocorrendo na pesquisa interdisciplinar e foram apontados por Fazenda (2001, p.120):

Na pesquisa interdisciplinar, a descoberta de si mesmo, do mais interior do que somos conduz-nos à explicitação do como nos representamos. Nesse caminho de interiorização o objetivo do pesquisador é uma nova forma de conhecimento. É caminho, no qual em certo momento o pesquisador passa a tomar contato com seu universo imagético. Nele descobre algumas mandalas, as que a ele são mais próximas; passando, então, a descrevê-las. (...) A pré-visão de totalidade auxilia o pesquisador na explicitação do caminho a ser percorrido, ajudando-o a compô-lo, a contá-lo com maior tranquilidade, numa maior inteiridade. Acredito mesmo que parte desse poder de síntese que essas imagens detêm é incorporada à identidade do pesquisador, auxiliando-o posteriormente na recomposição de outros aspectos de sua vida.

Desta maneira, a teoria e a prática interdisciplinar, no seu movimento em busca da totalidade, da interiorização, da unidade do sujeito e do sentido maior da sua pesquisa, também percorre o caminho *simbólico*, descobre metáforas e/ou mandalas pessoais/coletivas. No entanto, é bom lembrar que o caminho da totalidade não é uma travessia sem obstáculos, sem dificuldades. Muitos aspectos sombrios podem vir à tona também. Constatamos que os indivíduos da modernidade, que supervalorizaram apenas a consciência racional e a sua linguagem objetiva, tornando inconscientes as

⁵ Os diferentes conceitos destacados neste parágrafo serão mais desenvolvidos na próxima parte deste trabalho.

outras dimensões psíquicas do ser, criaram uma sociedade doente. Nesse sentido, considero que certos aspectos tratados por Jung podem contribuir para uma *transformação pessoal e coletiva, na medida em que podem proporcionar uma expansão da consciência em relação ao que está inconsciente, aos arquétipos atuantes no nosso ser, às nossas sombras*. Chamo a atenção, porém, que não estou abordando esse problema a partir de um ponto de vista terapêutico, mas como um conhecimento complementar a uma filosofia dialética não materialista. Como um conhecimento que percebo como fundamental para que o ser humano, a educação e a sociedade se transformem de fato, ou seja, se tornem mais humanos e integrados. Isso porque percebo que a questão da *transformação*, da possibilidade de construção de uma sociedade mais humana, foi o grande motivo que me levou a me identificar com a teoria de Marx, com a dialética e atualmente com a teoria interdisciplinar e a abordagem de Jung. Desta forma, destaco que a insatisfação com o Brasil e com o mundo em relação à vida social, econômica, política, etc., é um sentimento que me acompanha desde que escolhi cursar a graduação em Ciências Sociais, na UFRJ, na década de 80. Concomitante a este desagrado existia também uma vontade muito grande de compreender o porquê dos seres humanos não terem conseguido até o momento viver de uma forma mais digna e feliz, pelo menos para a maioria da população. Nesse sentido, durante a graduação, me encantei com o pensamento dialético materialista de Karl Marx. Considerava que a sua obra possuía muitas explicações para os meus questionamentos e a minha necessidade de atuar de forma transformadora. Quando me formei em Ciências Sociais, não consegui optar por uma única especialização, em Sociologia, Antropologia ou Ciência Política, como fazia a maior parte dos alunos, pois percebia essas ciências de forma interligada; sentia que a minha opção seria outra: o campo da saúde ou da educação. Essa escolha se devia ao fato de acreditar que sem um investimento qualitativo nessas duas áreas, saúde e educação, o Brasil não seria capaz de grandes transformações sociais. Entretanto, paralelo à graduação, devido a problemas de ordem pessoal e também a uma necessidade de autoconhecimento, fiz terapia e biodança. A lição que ficou desse período foi a de que não basta querer transformar o mundo, se a própria pessoa também não buscar transformar a si mesma. Considero que as mudanças social e pessoal caminham juntas, inter-relacionadas. O

indivíduo é um ser social e, ao mesmo tempo, a sociedade é formada por indivíduos. No entanto, ainda não tinha me aprofundado na questão da transformação pessoal.

Segundo Maroni (1998, p.62):

Para as personalidades afins com a psicologia junguiana, curar-se significa transformar-se. Em geral, são pessoas que adoecem porque se sentem um fragmento de si mesmas, (...). Adoecem porque são unilaterais. Na verdade, como Jung permite entrever na sua discussão com Schiller, essa unilateralidade é produzida culturalmente. Para que possamos ter sucesso em qualquer área, somos convidados culturalmente a desenvolver uma única potencialidade, permanecendo as demais indiferenciadas.

Desta forma, a autora ressalta que o sentido e a meta da prática terapêutica junguiana “é o desabrochar da totalidade, isto é, a realização da personalidade originária, presente no germe originário, com todos os seus aspectos”. (MARONI, 1998, p. 62) Mesmo percebendo que o campo educativo não é um espaço terapêutico em sentido estrito, este pode ser compreendido como um espaço de transformação, de expansão da consciência e de desabrochar do germe único e, ao mesmo tempo, ligado a tudo que existe presente no ser humano. E, nesse processo integrador, o inconsciente pode atuar iluminando este caminho, compensando as unilateralidades, indicando caminhos a seguir através da sua linguagem simbólica e sincrônica. O problema é interpretar esta linguagem, tão sinuosa e ao mesmo tempo tão pouco valorizada na nossa cultura, principalmente na cultura dos educadores.

Este “desabrochar da totalidade” está relacionado ao processo de individuação do ser humano, sendo que “Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por ‘individualidade’ entendemos a nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que *nos tornamos o nosso próprio si-mesmo*”. (JUNG, 1978, p. 49) Contudo, não se deve confundir individualismo com individuação:

Individualismo significa acentuar e dar ênfase deliberada a supostas peculiaridades, em oposição a considerações e obrigações coletivas. A individuação, no entanto, significa precisamente *a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano; é a consideração adequada e não o esquecimento das peculiaridades individuais*, o fator determinante de um melhor rendimento social (JUNG, 1978, p.49, grifos meus).

Na perspectiva de Jung, o individual e o social, o pessoal e o universal, embora distintos, constituem pólos interligados, caracterizam um movimento inter-relacionado. No entanto, “os fatores universais sempre se apresentam em forma individual, uma consideração plena dos mesmos também produzirá um efeito individual, que não poderá ser superado por outro e muito menos pelo individualismo” (JUNG, 1978, p.50). O inconsciente se expressa com uma linguagem sutil e complexa, que pode ser individual e coletiva ao mesmo tempo, tal como já foi ressaltado neste trabalho. Isto porque Jung percebeu que existe uma ligação entre os seres humanos, que os unem à sua cultura e também a um passado cultural longínquo. Nesse sentido, o inconsciente não é apenas individual, mas coletivo, cultural, histórico. E esse inconsciente coletivo, essa memória cultural e inata, que o sujeito não tem consciência, se expressa e se apresenta sob a forma de arquétipos, seja em sonhos, premonições e/ou outras formas de expressão simbólica. “A meta da individuação não é outra senão a de despojar o si-mesmo dos invólucros falsos da *persona*, assim como do poder sugestivo das imagens primordiais” (JUNG, 1978, p. 50). Podemos dizer que a *persona* se constitui num tipo de vida/imagem que a sociedade nos impõe, do papel que a coletividade da qual participamos aparentemente nos obriga a desempenhar. Enquanto as imagens primordiais a que Jung alude se refere aos arquétipos do inconsciente pessoal e coletivo. Desta forma, o processo de individuação significa, por um lado, o encontro e o desvelamento do que está inconsciente na nossa vida, das nossas sombras pessoais, sociais e universais. A partir deste encontro com as sombras é possível que se revele o sol que existe em nós, o si-mesmo. Talvez pudéssemos nos perguntar: em que medida, nós professores, não estaríamos nos obrigando a representar uma imagem falida à qual vimos nos submetendo? Como expandir consciências no campo educativo? A Teoria Interdisciplinar pode contribuir neste processo de desvelamento das potencialidades dos sujeitos?

E para compreender a questão dos arquétipos na teoria junguiana, também temos que compreender a base instintiva e natural do ser humano. Para Jung (1991a, p. 428-429) o instinto significa “uma coação para certas atividades”; “todo fenômeno psíquico que ocorre sem a participação intencional da vontade”; ou ainda “todos os processos psíquicos cuja energia a consciência não controla”. Portanto, a noção de

instinto está ligada à de inconsciente, na medida em que é uma energia não controlada pela consciência e, nesse sentido, está relacionada também aos arquétipos do inconsciente coletivo. Na perspectiva de Jung (1999, p.126), “o instinto é uma misteriosa manifestação de vida, de caráter em parte psíquico, em parte fisiológico. Ele pertence às funções mais conservadoras da psique e é difícil ou mesmo impossível modificá-lo”. O instinto, na sua forma de manifestação “mais psíquica”, foi denominado de arquétipo. Como lembra Byington (2004, p. 36):

As imagens ou temas arquetípicos, como herói, mãe, pai, criança, mestre, discípulo, busca do tesouro e luta com o dragão são assim considerados tão típicos de nossa espécie como nosso comportamento biológico de comer, dormir e reproduzir.

Contudo, se os instintos, tanto na sua dimensão fisiológica como na dimensão psíquica se apresentam como inatos e difíceis de serem modificados, ao menos uma “esfera instintiva pode ser temporariamente despotencializada a favor de uma outra” (JUNG, 1999, p. 126). Isto porque a psicologia analítica destaca o caráter energético da psique, denominando-a de *libido*, “um valor energético que pode transmitir-se a qualquer área, ao poder, à fome, ao ódio, à sexualidade, à religião, etc., sem ser necessariamente um instinto específico” (JUNG, 1999, p.124). O nosso autor percebeu muitas semelhanças entre a sua teoria e as descobertas da nova física, sendo que “o conceito de libido no campo da psicologia funcionalmente tem o mesmo significado que o conceito de energia no campo da física” (JUNG, 1999, p.119). E para a teoria junguiana: “o mecanismo psicológico que transforma a energia é o símbolo” (JUNG, 2002a, p.54). Isto significa dizer que o símbolo contribui para que a energia instintiva, a libido, potencialize uma área, uma parte da psique que poderia estar inconsciente, sem participação na vida emocional, intelectual, etc., de um ser humano, modificando a sua atitude e consciência em relação ao mundo. Mais ainda, a conscientização dos símbolos atuantes na nossa vida contribui para que o processo de individuação se torne uma realidade consciente, na qual todas as partes da psique funcionem de uma forma mais integrada, coordenadas pelo *self*, o arquétipo central da psique.

Neste sentido, *entrar no mar do inconsciente*, aprofundando-me na obra de Jung, significou desvendar o universo simbólico na busca de uma maior integração da minha própria psique. Representou a necessidade de desvelamento do instinto de

individuação que todo ser humano é levado a percorrer, tenha consciência deste fenômeno ou não. Portanto, nesta tese, a minha *expansão de consciência* está relacionada à compreensão dos símbolos fornecidos pelo inconsciente, através de alguns sonhos percebidos como mais significativos, que foram surgindo no processo de elaboração deste trabalho, e que fui buscando interpretar à luz dos recursos teóricos apreendidos nesta minha trajetória interdisciplinar.

Saía da água através de um pequeno buraco num navio, ajudada por um outro homem...

Esta água do sonho, o mar, como já foi abordado, está representando o inconsciente e o seu universo simbólico. Segundo Jung, o inconsciente seria a grande fonte da consciência, a mãe de toda espécie de consciência. Como já foi apontado anteriormente, o navio pode ser percebido como um símbolo da consciência. Portanto, este pequeno buraco na qual entro no navio, pode significar um símbolo desta *relação* do inconsciente-consciente. Ou seja, se o inconsciente é o mar, a origem, e se percebo o navio como um símbolo da consciência, esta consciência pode ter a possibilidade de conectar com o todo circundante. Para navegar, o navio fica com uma parte do seu casco dentro do mar. Nesta perspectiva, a consciência, para viver, também carrega uma parte inconsciente da vida com ela. Além disso, este *buraco* pelo qual saio da água, se situa no fundo do navio, em contato com o mar. É como se este pequeno círculo representasse a possibilidade de a consciência se comunicar com o inconsciente. Portanto, este círculo no fundo do navio talvez signifique a função transcendente na nossa vida, a linguagem simbólica – tão ausente do universo do discurso dos educadores.

Outra figura interessante que surge no sonho é este homem que me ajuda a sair do fundo do mar, do inconsciente. Este homem pode estar simbolizando o nosso “eu consciente”, o “ego”, ou mesmo a “consciência racional”, disciplinar, também necessária para a compreensão das mensagens do inconsciente.

Estas imagens me sugerem esta possibilidade de compreensão das noções de *consciência, ego, psique, função transcendente, símbolo* e ainda a de *inconsciente* para Jung. No intuito de explorar um pouco mais este quadro - de uma mulher saindo do mar por um buraco num navio, ajudada por um homem – e os conceitos acima citados, diria que, segundo o nosso autor:

A natureza determinada e dirigida dos conteúdos da consciência é uma qualidade que só foi adquirida relativamente tarde na história da humanidade (...) mas que, por seu lado, prestou o mais alto serviço à humanidade. Sem ela, a Ciência, a técnica e a civilização seriam simplesmente impossíveis, porque todas elas pressupõem persistência, regularidade e intencionalidade fidedignas do processo psíquico. (JUNG, 1991b, p.2)

Para Jung, as qualidades da consciência, como a *vontade dirigida e determinada*, que pressupõem *persistência, regularidade e intencionalidade*, foram qualidades que o ser humano foi adquirindo ao longo da história, e que faltam muitas vezes no homem “primitivo” e nos psicóticos, por exemplo, que se encontram num estágio muito ligados ao inconsciente. (JUNG, 1991b, p. 2) Esse autor destaca que esse desenvolvimento dos conteúdos da consciência foram e são muito valiosos para a nossa civilização científica e técnica. As grandes invenções da humanidade e praticamente todas as profissões necessitam hoje destes atributos da consciência. Voltando para a nossa imagem, poderíamos dizer que o navio, tal como a consciência, precisou de um tempo - foi inventado apenas quando o homem civilizado adquiriu estas qualidades da consciência.

Além disso, para dirigirmos um navio, precisamos de *direção e intencionalidade*, pressupostos também fundantes de uma atitude interdisciplinar. (FAZENDA, 2001, p.87) Contudo, se a pessoa que estiver no leme do navio não conhecer os mistérios do mar, do inconsciente, corre o risco de afundar e de não chegar aonde pretende. O homem de cultura “primitiva” não aprendeu e/ou não se interessou em construir um navio e a desenvolver as qualidades da consciência. A cultura chamada de “civilizada” foi além do simples barco, ainda muito levado pelas ondas do mar, pelos humores do inconsciente. Não aceitou uma vida na qual homem e mar, homem e natureza, homem e inconsciente estavam profundamente inter-relacionados. Para Jung, o homem civilizado deu um passo além, separou-se das entranhas da mãe natureza, do

inconsciente. O desenvolvimento da consciência, no sentido próprio da palavra *desenvolver*, ou seja, *des-envolver*, se retirou, saiu de onde estava envolvido, do inconsciente, da sua mãe, da sua origem, para se expandir, se tornar ela mesma, e não mais uma com a natureza, com o inconsciente. Este navio pode ser um símbolo deste processo de desenvolvimento da consciência. Com a invenção do navio, o ser humano foi capaz de controlar com mais precisão o seu rumo, a sua vontade consciente. Além disso, foi capaz de navegar para além das suas próprias terras, para o desconhecido. Não é por acaso que a época das grandes descobertas científicas provocaram em muitos um entusiasmo sem fim. Era como se toda a vida, a partir de então, pudesse ser conquistada, controlada. No entanto, este navio e as descobertas científicas só foram possíveis, também, através do conhecimento cada vez maior das leis da natureza e da própria vida. Com certeza, as maiores descobertas só foram possíveis de serem realizadas por pessoas dotadas de qualidades criativas, capazes de olhar o oculto nas dobras de um racional fechado: “A vantagem de que tais pessoas gozam consiste precisamente na permeabilidade do muro divisório entre a consciência e o inconsciente”. (JUNG, 1991b, p. 2) O problema é que, na nossa cultura e no contexto educativo, estas qualidades criativas ainda não foram percebidas conscientemente. Precisamos resgatar a permeabilidade desse muro nas nossas vidas. Criar espaços na educação na qual os talentos de professores e alunos sejam desocultados. Gambini (2000, p. 106) também destaca esta questão:

Acredito que se vier a ocorrer algum salto quântico no campo da educação, ele advirá não da elaboração de mais uma teoria racionalizante, mas da capacidade de abriremos as portas da percepção para as experiências acumuladas em cem anos de psicoterapia e começarmos a refletir sobre uma possível articulação entre a educação e os processos que ocorrem no inconsciente.

Para Jung, no chamado homem primitivo e/ou naqueles que apresentam problemas psíquicos sérios, é como se esse muro não existisse, fosse uma porta aberta. Entretanto, o desenvolvimento da consciência e de suas qualidades foi fundamental, necessário para o desenvolvimento humano. Contudo, o homem ocidental se sentiu tão poderoso com as suas realizações científicas, com a construção do seu navio, que esqueceu da sua fonte primeira, o inconsciente. Assim, nossa escola replica a construção de navios de mesmo formato, não ousando dar a eles asas.

Nesta tese, tento realizar este movimento de retorno à origem da consciência, já que desde a dissertação de mestrado, esse tem sido o meu tema de pesquisa. No entanto, percebo que este mergulho no mar, no inconsciente, é uma necessidade não apenas minha, porém, cultural, humana, existencial: de todos os educadores. Isto porque:

A psicologia do indivíduo corresponde à psicologia das nações. As nações fazem exatamente o que cada um faz individualmente; e do modo como o indivíduo age, a nação também agirá. Somente com a transformação do indivíduo é que começará a transformar-se a psicologia da nação. (JUNG, 2002e, p. VIII, grifos do autor)

Enquanto o ser humano não se voltar para as suas necessidades mais internas, ainda tão inconscientes na nossa cultura materialista e individualista, continuaremos a viver numa sociedade desumana, antidemocrática e ecologicamente perigosa. Neste sentido, “o autoconhecimento de cada indivíduo, o retorno do ser humano às suas origens, ao seu próprio ser e à sua verdade individual e social, eis o começo da cura da cegueira que domina o mundo de hoje”. (JUNG, 2002e, p. IX)

De volta ao sonho, sem, contudo, não ter saído dele, percebo que o mar, o *inconsciente*, pode representar tudo que está inconsciente e desconhecido na nossa vida individual, cultural, social, planetária e quantas dimensões formos capazes de perceber no mar da vida. Jung trabalha com os conteúdos psíquicos do inconsciente, no entanto, é notório que o inconsciente influencia toda a vida consciente, logo, todas as dimensões da vida relacionadas acima. Neste sentido, se formos capazes de *reconstruirmos a ponte* que nos liga à dimensão do inconsciente, da fonte da vida, talvez a nossa vida cultural pare de se comportar de uma forma tão unilateral, que foi uma característica do desenvolvimento da consciência: “A unilateralidade é uma característica inevitável, porque necessária, do processo dirigido, pois direção implica unilateralidade. A unilateralidade é, ao mesmo tempo, uma vantagem e um inconveniente”. (JUNG, 1991b, p. 3) Isso porque, a nossa “vida civilizada exige uma atividade concentrada e dirigida da consciência, acarretando, deste modo, o risco de um considerável distanciamento do inconsciente”. (JUNG, 1991b, p. 3) Esta relação consciente-inconsciente se comporta, então, como uma tensão de opostos, como é próprio do movimento da vida. Além disso, esta oposição do inconsciente:

é inócua, enquanto não contiver um valor energético maior. Mas se a tensão dos opostos aumenta, em conseqüência de uma unilateralidade demasiado grande, a tendência oposta irrompe na consciência (...). Este momento é crítico porque apresenta o mais alto grau de tensão energética que pode facilmente explodir, quando o inconsciente já está carregado, e liberar o conteúdo inconsciente. (JUNG, 1991b, p.3)

Para Jung, que viveu até a década de 60 do século XX, vivenciando duas guerras mundiais, essas guerras e os grandes problemas da nossa sociedade são exemplos da explosão do inconsciente coletivo, das sombras da sociedade. No meu caso em particular, habitante do planeta no século XXI, as sombras se multiplicam: miséria, guerras, problemas políticos, terrorismo, problemas ecológicos, etc. Contudo, acredito que a saída desta crise na qual nos encontramos também se encontra no enfrentamento individual e coletivo das sombras ainda inconscientes. Mais ainda, na descoberta de que no inconsciente não existem apenas sombras, mas luz, integração, plenitude, vida. É a experiência do encontro do *si-mesmo*, do centro ordenador da psique. O que pode contribuir para este encontro, segundo a teoria junguiana, seria a função transcendente, que “ajuda a unir a consciência e o inconsciente e, assim, chegar a uma nova atitude”. (JUNG, 1991b, p. 6) No sonho em questão, estou associando o buraco, o pequeno círculo no qual subo no navio, a esta função, na medida em que ela: “*é chamada transcendente, porque torna possível organicamente a passagem de uma atitude para outra, sem perda do inconsciente*”. (JUNG, 1991b, p. 6) Quando utilizamos essa função, “a consciência é ampliada continuamente, ou – para sermos mais exatos – poderia ser ampliada pela confrontação dos conteúdos até então inconscientes, se se desse ao cuidado de integrá-los. Mas isto evidentemente nem sempre acontece”.(JUNG, 1991b, p.23) Neste estudo, ocorreu uma vivência/pesquisa de ampliação da consciência através da compreensão dos símbolos representada pela função transcendente da psique. Contudo, é importante acentuar que “entre a consciência e o inconsciente não há demarcação precisa, com uma começando onde o outro termina. *Seria antes o caso de dizer que a psique forma um todo consciente-inconsciente*”. (JUNG, 1991b, p. 137) A noção de *psique* engloba a consciência, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. Desta forma, na imagem do sonho, a psique estaria relacionada à *totalidade dos símbolos expressos no sonho*.

O homem que me ajuda a sair da água, pode estar representando, como já foi sinalizado, a consciência pensante, reflexiva, ou ainda o *ego*, o centro da consciência. É com a contribuição do pensamento dirigido, tão valorizado pela filosofia hegeliana e pela cultura científica ocidental, que posso compreender os símbolos também. Não é porque me lancei no mar do inconsciente, no mundo dos símbolos, que irei abandonar a razão consciente. Ela é extremamente necessária para o funcionamento da psique. Contudo, nesta viagem pelo mar outras partes da psique também serão importantes.

Eu estava nua e menstruada. Uma mulher meio estranha sorria e me dava uma calcinha para me proteger. Eu dizia para ela que precisava de mais do que uma calcinha, que necessitava de alguma coisa maior, como uma toalha, por exemplo. Caminhava um pouco no navio e encontrava essa toalha, com a qual me cobria.

A questão de eu entrar no navio “nua e menstruada” pode estar relacionada às *conseqüências do encontro com o inconsciente e ao meu processo de individualização*. E para compreender o sentido dessas conseqüências a que estou aludindo, algumas considerações são importantes. Segundo a abordagem de Jung (1991b, p. 9): “o sonho é, por assim dizer, um produto puro do inconsciente”. Nesta pesquisa, na qual interpreto os meus próprios sonhos, é como se estivesse trabalhando com um material puro do inconsciente, no sentido de que as imagens que aparecem no sonho, não são imagens criadas pela *minha vontade ou racionalidade consciente*. Contudo, na medida em que a minha consciência, enquanto *ego*, cabe a tarefa de compreensão deste material onírico, a sua pureza pode ser contaminada pela cegueira do *ego*, que muitas vezes não quer enxergar suas sombras e perceber que é um olhar apenas limitado. Portanto, trabalhar com o inconsciente é tentar enxergar no escuro, nos pontos cegos da nossa existência, um desafio que precisamos enfrentar conscientes dos inúmeros erros que podemos cometer. Jung não aconselhava ninguém a procurar interpretar os próprios sonhos, sem a ajuda de um profissional. Apenas depois do tratamento do paciente estar numa fase mais avançada, é que esses poderiam tentar compreender as suas imagens oníricas.

Até porque, Jung incentivava a autonomia dos sujeitos e não a dependência, como podemos observar neste trecho de uma das suas obras:

Por isso, estou convencido de que a verdadeira meta da análise é atingida quando o paciente adquire um conhecimento suficiente dos métodos, mediante os quais poderá ficar em contato com o inconsciente e um saber psicológico satisfatório, que lhe permita compreender razoavelmente o desenvolvimento do seu traçado vital. Caso contrário, seu consciente não teria condições de acompanhar o rumo da corrente da libido, apoiando assim conscientemente a individualidade resultante. (...) Neste sentido, a análise não é um método que possa ser monopolizado pela medicina; é também uma arte, uma técnica ou uma ciência da vida psicológica, que devemos cultivar depois da cura, para o próprio bem e para o bem de todos. (JUNG, 1978, p. 148)

Entretanto, talvez tenha me aventurado nesta jornada de forma mais solitária porque já passei por processos terapêuticos e, neste momento, senti como se este caminho fosse o exigido pela minha voz interior. Lembro ainda que, apenas no século XX, a psicologia voltou o seu olhar para os sonhos, no entanto, em todas as culturas conhecidas de todos os tempos, os seres humanos sonharam e tentaram compreender estas vivências noturnas. Gambini (2000, p.111), um analista junguiano, chama a atenção:

(...) este século transformou o sonho em monopólio das terapias. Mas o sonho não é monopólio de nada e de ninguém. As terapias usam os sonhos como instrumento de tratamento e freqüentemente fazem isso muito bem. Mas o sonho não é posse exclusiva da terapia. Os artistas e os poetas sempre os usaram como bem entenderam e não há por que se pensar que um educador também não possa usá-los para seus próprios fins. Mas fica a pergunta: como será esse possível uso?

Esta importante questão que esse autor coloca fica como um desafio para nós, educadores. Uma resposta que cada professor, que tenha interesse neste campo, deve procurar em si mesmo, nas suas experiências educativas e no diálogo com seus pares e com os outros pesquisadores. Ou seja, com base numa atitude interdisciplinar, numa interação subjetiva consigo mesmo e com os outros. O próprio Gambini (2000) relata a sua experiência numa escola em São Paulo, a Escola Nova Lourenço Castanho, na qual crianças de três a seis anos relataram seus sonhos, na sala de aula, em grupo e diante das professoras. Os sonhos eram anotados pelas professoras do mesmo jeito que eram contados pelas crianças. Depois, os alunos desenhavam os seus sonhos. Não havia a intenção de interpretar essas imagens oníricas, apenas abrir um espaço

para que o inconsciente também pudesse se manifestar no ambiente escolar. Essa experiência, segundo esse autor, se revelou bastante positiva, possibilitando uma maior aproximação entre as professoras e os alunos, favorecendo um maior conhecimento dos alunos de aspectos que antes ficavam ocultos, possibilitando que alguns alunos, percebidos como mais introvertidos, em alguns momentos se tornassem o protagonista de uma história (seu sonho!) ... Ou ainda, que “trabalhar com os sonhos é o melhor alimento para o imaginário, é o instrumento por excelência para se reconhecer e validar o imaginário”. (GAMBINI, 2000, p. 116) Eda Maria Canepa, a diretora desta escola, uma educadora e psicóloga clínica de orientação junguiana, também relata esta experiência:

Informalmente, as professoras passaram a contar os seus sonhos, leram alguns livros sobre o assunto, trouxeram artigos e notícias para compartilhar com as colegas. A riqueza das experiências comentadas nos encontros sobre o trabalho com sonhos, ao desfazer medos e inseguranças, foram angariando novas adeptas, atraídas pelo entusiasmo das que já estavam participando da proposta e pelo evidente significado que a experiência estava tendo para elas e para seus alunos. (CANEPA, 2000, p. 93)

Uma experiência rica em sentido para professoras e alunos, ao que parece. Uma vivência que favoreceu a intersubjetividade entre os diferentes atores do processo educativo. Um sonho para a educação? Pode ser. Mas um sonho que se concretizou nessa instituição, tal como a experiência revolucionária da Escola da Ponte em Portugal. Precisamos nos alimentar destes sonhos e buscar trazê-los para as nossas vivências, para a nossa realidade. Esta foi uma experiência com crianças. Porém e nós, professores? Em geral, a questão do inconsciente não tem sido tratada a partir dos *sonhos dos professores e/ou pesquisadores*, entre aqueles que se identificam com a abordagem junguiana. Furlanetto (1997, 2002, 2003, 2004), que tem se dedicado ao estudo das questões simbólicas na formação de educadores, pautadas na psicologia analítica e nas contribuições da Interdisciplinaridade, utilizou-se deste recurso em trabalhos importantes de sua autoria, tais como na sua tese de doutoramento (1997) e no seu último livro, *Como nasce um professor* (2003). Esse estudo cuidadoso e devidamente aprofundado permitiu a pesquisadora desenvolver a noção de *Matrizes Pedagógicas*, em que destaca a importância de investigar o desenvolvimento do professor interno de cada um. Na trajetória desta tese, mantive uma interlocução constante com essa pesquisadora e com os respectivos discípulos, que a estes estudos

dedicaram-se. Como ela, revisitei a minha trajetória no campo educacional, que possibilitou uma maior compreensão do processo vivido individualmente, mas profundamente articulado ao momento histórico vivido por nós, professores, que vivemos o drama da educação hoje. Nesta jornada, também detectei símbolos, principalmente através dos sonhos, que contribuíram para o que chamo de *expansão de consciência*. No entanto, os símbolos não são uma forma de linguagem que apenas aparecem nos sonhos. Eles estão presentes no cotidiano das nossas vidas, conforme ressalta Furlanetto (2002, p. 74): “um símbolo, segundo Jung, pode ser uma idéia, uma emoção, um acontecimento ou um objeto que, além de seu significado literal, possui outros significados ocultos e até mesmo inconscientes”. Contudo, para percebê-los, “temos que educar nosso olhar, pois, caso isso não aconteça, eles passarão despercebidos”. (FURLANETTO, 2002, p.74) A partir dessa abordagem - descobrir os símbolos que podem estar ligados as matrizes pedagógicas dos professores - Furlanetto, como pesquisadora, tem orientado interessantes pesquisas de mestrado nesta área. Um destes trabalhos, desenvolvido por Ayéres Brandão (2005), procurou relacionar o mito universal da jornada do herói com a sua história de vida como professora e de outros professores-herói. Esse mito trabalhado pela autora pode fornecer algumas pistas para entender o meu próprio processo de pesquisa:

A história da jornada do herói segue um padrão básico – o herói é alguém que ouve o chamado da aventura e o segue. (...) Em algum momento da vida do herói, esse fascínio pelo extraordinário intensifica-se, tornando-se “a experiência do chamado”. Chamado este que pode assumir múltiplas formas, desde um convite de um colega, um filme, um livro, uma sugestão de alguém, *um sonho, uma voz interior*. Qualquer que seja o caso, o chamado que chega à consciência é taxativo – “a vida é mais do que você está vivendo”. (BRANDÃO, 2005, p. 115, grifos meus)

Investigar a expansão da consciência através da interpretação dos próprios sonhos surgiu de uma necessidade interna – como um chamado da minha voz interior, do meu olhar para dentro, dos meus sonhos. Isto exigiu um aprendizado em lidar com uma grande quantidade de mensagens do inconsciente, que chegavam à minha consciência através destas aventuras noturnas. A minha forma de responder a este chamado foi dialogando com estas imagens oníricas. Porém, tenho consciência de que outro professor/pesquisador, confrontado com estas mesmas questões, poderia

responder de uma forma diferenciada a este chamado. Foi uma opção metodológica do meu ego, e que, neste momento, parece ter atendido as demandas da minha psique.

Entretanto, esse caminho de pesquisa representa uma forma de estar *nua* diante de eu mesma e da academia. Os símbolos que surgem nos sonhos podem revelar as minhas sombras, as partes da minha personalidade que não gosto de ver e que também não gosto de mostrar aos outros. Porém ao desnudar-me, uma desconfiança em mim se estabelece: em que medida, ao olhar para dentro de eu mesma, não estarei ingressando nas inquietações primordiais das mulheres professoras? Como lembra M. Louise von Franz (1977, p. 168):

Quando uma pessoa tenta ver a sua sombra ela fica consciente (e muitas vezes envergonhada) das tendências e impulsos que nega existirem em si mesma, mas que consegue perfeitamente ver nos outros – coisas como o egoísmo, a preguiça mental, a negligência, as fantasias irreais, as intrigas e as tramas, a indiferença e a covardia, o amor excessivo ao dinheiro e aos bens – em resumo, todos aqueles pequenos pecados que já terá confessado dizendo: ‘Não tem importância; ninguém vai perceber e, de qualquer modo, as outras pessoas também são assim.

A questão é que quando se lida com o inconsciente, com os sonhos - como ficará mais claro na parte subsequente - não há como fugir do enfrentamento das sombras e de se sentir nua para os outros e para si mesma. No entanto, percebo que o processo de individuação exige este confronto com a nossa parte sombria. Até porque, “a sombra só se torna hostil quando é ignorada ou incompreendida”. (FRANZ, 1977, p. 173) Na maioria das vezes, a sombra é projetada nas pessoas que temos dificuldade de nos relacionar, porém, quando conscientizadas, o seu caráter hostil diminui. Ou seja, “o problema teria fácil solução se pudéssemos integrar a sombra na nossa personalidade consciente, tentando apenas ser honestos e usar a nossa lucidez”. (FRANZ, 1977, p. 173) É importante destacar ainda que Jung chamou “sombra” a um aspecto da personalidade inconsciente relativamente definido. “Mas, por vezes, tudo quanto o ego desconhece mistura-se à sombra, incluindo as mais valiosas e nobres forças”. (FRANZ, 1977, p. 173)

Além do confronto com a sombra, o processo de individuação implica no desvelamento da *persona*, da máscara social do indivíduo: “A persona é um complicado sistema de relação entre a consciência individual e a sociedade; é uma espécie de

máscara destinada, por um lado, a produzir um determinado efeito sobre os outros e por outro lado a ocultar a verdadeira natureza do indivíduo”. (JUNG, 1978, p. 68) Neste processo de pesquisa permiti que a máscara de socióloga da educação cedesse espaço para o estudo do inconsciente, pelas diferentes razões já apontadas anteriormente. Isto significa reafirmar que há muito tempo percebi que apenas a sociologia e/ou as ciências sociais não respondiam aos meus questionamentos mais profundos em relação à vida. No entanto, na universidade, a minha persona está ligada a esta disciplina. A partir desta tese, novas possibilidades de relação com a minha vida, com a sociedade, com a pesquisa acadêmica e com os alunos podem surgir.

Penso também que não é somente a minha trajetória individual que está ligada a uma máscara “sociologizada” na educação, o próprio campo educativo tem permitido muito pouco que as questões subjetivas adentrem seu espaço. Como ressalta Fazenda (2003, p. 7):

Os anos 90 autorizam-se a timidamente explorar a subjetividade. Foucault disseca o poder dela, Guattari e Delleuze definem territórios. Ricoeur reifica a fenomenologia. Entretanto, estuda-se o subjetivo sem encarna-lo ou vive-lo, melhor dizendo, reflete-se sobre o subjetivo, mas faltam instrumentos que permitam a personificação do pensamento tornado ato. Biólogos como Maturana e Varela estudam o sentido do ser a partir de sua própria natureza biológica. Morin, Dusselle, Freire ensaiam uma ética do existir. Ricoeur decifra símbolos e metáforas. A psicologia, banida da educação nas décadas anteriores, engatinha sua volta. A releitura de Vigotsky, Freud e Jung conduz a uma antropologia do sujeito. (...) Caminha-se da leitura do eu para a leitura do nós. As histórias de vida adquirem importância como suporte e não como caminho.

António Nóvoa (1992), uma referência fundamental na pesquisa sobre histórias de vida de professores, também contribui para dimensionarmos esta questão. Isto porque refere-se:

aos anos 60 como um período onde os professores foram “ignorados”, parecerem não terem existência própria enquanto fator determinante da dinâmica educativa; aos anos 70 como uma fase em que os professores foram “esmagados”, sob o peso da acusação de contribuírem para a reprodução das desigualdades sociais; os anos 80 como uma década onde se multiplicaram as instâncias de controlo dos professores, em paralelo com o desenvolvimento de práticas institucionais de avaliação. (NÓVOA, 1992, p. 15)

Esse autor destaca que apenas a partir de meados da década de 80 é que a literatura pedagógica foi invadida por estudos sobre a vida dos professores, as carreiras e os percursos profissionais, as biografias e as autobiografias docentes ou o desenvolvimento pessoal dos professores. (NÓVOA, 1992, p. 15) Neste sentido, podemos dizer que a Teoria Interdisciplinar também se insere neste movimento de valorização da subjetividade, da história de vida dos professores. Contudo, nesse processo, uma nova subjetividade é resgatada, aquela que se relaciona com a totalidade do sujeito e com a descoberta dos seus símbolos, das suas marcas e com as possibilidades de conexão consigo mesmo e com o outro. Uma subjetividade mais inteira, complexa, ambígua, porém carregada de um sentido interdisciplinar.

No meu caso específico, no qual esta subjetividade aflora interpretando os próprios sonhos, este olhar para dentro, esta conexão comigo mesma, pode favorecer o contato com o(s) outro(s) que habita(m) em nosso interior. Com o que Jung chama, por exemplo, de *anima*, no caso do homem; e de *animus*, no caso da mulher. As noções de *anima* e *animus* estão relacionados à imagem do inconsciente no ser humano. Jung compreende a relação consciente-inconsciente como um sistema de opostos, ou seja, no homem, a imagem do seu inconsciente será feminina – a qual foi denominada de *anima*, enquanto na mulher esta imagem será masculina – denominada de *animus*. É como se todo homem tivesse uma alma feminina e toda mulher um inconsciente masculino. O problema é que, muitas vezes, tais imagens - da *anima* e do *animus* - não estão respectivamente conscientizadas e a tendência é a de as projetarmos nas relações que temos com o sexo oposto. Jung explica que muitos casamentos acontecem devido às projeções da *anima* e do *animus*. Neste trabalho, por eu ser do sexo feminino, será a personificação do *animus* que aparecerá nos meus sonhos. Contudo, considero importante perceber o princípio masculino e feminino como dois princípios, duas polaridades que estão presentes nas mais diferentes manifestações da vida e da psique. Esta questão será mais explorada na próxima parte desta pesquisa.

Neste momento, quero ressaltar que o fato de eu aparecer no sonho *menstruada* pode simbolizar o princípio feminino, na medida em que só as mulheres menstruam e são capazes de gerar filhos no seu ventre. A partir desta primeira interpretação desta imagem – menstruação – pesquisei nos livros de Jung e não encontrava nada sobre

esse tema. Apenas meses depois desse sonho, minha mãe me deu de presente um livro de uma discípula e ex-aluna de Jung, M. Esther Harding, que contribuiu bastante para a possibilidade de compreensão deste símbolo. Segundo a autora, “a crença de que há uma conexão entre a mulher e a lua tem sido universalmente mantida desde tempos remotos” e “o poder da mulher de gerar filhos, certamente uma das coisas mais misteriosas, era considerado um dom da lua” (HARDING, 1985, p. 90). Lembra ainda que “para o homem primitivo, o ritmo mensal da mulher, correspondendo ao ciclo da lua, deve ter parecido o resultado óbvio de alguma ligação misteriosa entre as duas” (HARDING, 1985, p.90). Neste sentido, esclarece:

Nossa palavra menstruação significa “mudança da lua”, *mens* sendo “lua”. Camponeses alemães chamam o período menstrual simplesmente de “a lua”; na França é chamado de *lê moment de la lune*. (...) o mandingo usa a palavra *carro* tanto para lua como para menstruação; no Congo, *njonde* tem um sentido similar. No estreito de Torres e na Índia a mesma palavra é usada para sangue menstrual e para lua. Os maoris chamam a menstruação de *mata marana*, que significa “a doença da lua”, e acreditam que a primeira menstruação de uma menina se deve a uma relação da lua com ela durante seu sono. (HARDING, 1985, p. 90-91)

Outro aspecto que merece destaque seria que o período de menstruação, universalmente, representa um momento no qual a mulher “não pode ficar com outras pessoas nem cumprir suas obrigações usuais”, “precisa isolar-se e permanecer sozinha”. (HARDING, 1985, p.91) Ela explica que a menstruação na mulher foi responsável pelo primeiro tabu na cultura, sendo que tabu pode significar impuro, sagrado ou reservado. Para Harding, a existência desse tabu relacionado ao período menstrual na mulher pode ter dois sentidos principais: o primeiro estaria ligado ao momento do “cio” em toda fêmea, que, ao provocar no macho um desejo indomado, representaria uma ameaça tanto para as mulheres como para a organização social: “Nas sociedades humanas toda a organização tribal seria quebrada se ao instinto fosse permitido uma manifestação assim; a situação obviamente precisava ser controlada para que pudesse haver qualquer avanço na cultura”. (HARDING, 1985, p. 96) Uma outra justificativa para o surgimento desse tabu seria que a própria mulher, de acordo com os princípios da sua natureza, necessita de momentos de solidão, de interiorização. Isto porque, durante o período menstrual, a mulher “é compelida a ficar só, a descer para dentro de si mesma, a introverter-se”. (HARDING, 1991, p. 108)

Na perspectiva de Jung, existem duas formas de atitudes em relação à energia psíquica: a atitude extrovertida e a atitude introvertida. A extroversão

é um voltar-se para fora da *libido*. (...) Por isso a extroversão é de certa forma uma transferência do interesse do sujeito para o objeto. (...) No estado de extroversão há uma forte, ainda que não exclusiva, determinação pelo objeto”. (JUNG, 1991a, p. 406, grifo do autor)

Ao contrário, esse autor considera

introversão o voltar-se para dentro da *libido*. (...) O interesse não se dirige para o objeto, mas dele se retrai e vai para o sujeito. Quem possui uma atitude introvertida, pensa, sente e age de modo a deixar transparecer claramente que o motivador é o sujeito, enquanto o objeto recebe valor apenas secundário. (JUNG, 1991a, p. 430, grifo do autor)

A teoria junguiana entende, então, que os seres humanos se caracterizam por pertencerem a dois tipos psicológicos distintos: tipos que predominantemente se comportam de forma extrovertida ou tipos mais introvertidos. Contudo, a extroversão e a introversão estariam ligadas a duas formas opostas e ao mesmo tempo complementares em relação à vida. Mesmo que um ser humano apresente um comportamento mais extrovertido, necessita de momentos de introversão, de retorno da libido, e vice versa. No caso da mulher, da sua natureza feminina associada à lua, na compreensão de Harding (1985), é como se a mulher fosse simbolizada pelo ciclo lunar, pela mutabilidade da lua, e que, todo mês, no seu período da lua escura, ela necessitasse de um período de isolamento, de introversão.

Esta pesquisa representa um momento de introversão na minha vida, de isolamento do mundo objetivo, externo. Significa um período no qual a minha energia psíquica, a libido, se voltou para dentro de si mesma, para o fundo do mar, para o inconsciente, para o mundo dos sonhos e dos símbolos. É a vivência de um olhar para dentro, da *intuição* no sentido próprio da palavra. (JUNG, 1991a, p. 430) É a experiência do instinto feminino ativo, pois “na época do período menstrual, a natureza feminina instintiva movimenta-se dentro dela e, como maré enchente, subjuga pelo menos parte de sua consciência”. (HARDING, 1985, p. 113) Isto porque, “a sabedoria que nos vem do período escuro e cego da noite é uma evidência de que o espírito do homem, seu ‘Eu’ viaja em reinos onde habita uma compreensão maior (...)”. (HARDING, 1985, p. 114)

Outro aspecto interessante da percepção da lua como o planeta que representa o princípio feminino é que na maior parte dos mitos relacionados à deusa lua, o iniciado, aquele que passa por um período de introversão e crescimento, é ajudado e salvo pela barca da lua crescente: “A palavra *arca* é cognata com a palavra hindu *argha*, que significa crescente, e também com *arco* de um círculo. A arca na qual pai Noé carregou os animais no dilúvio era, conseqüentemente, uma barca lunar”. (HARDING, 1985, p. 152) A autora acrescenta que “os hindus, que eram mais propensos à simbologia psicológica que os caldeus ou os egípcios, falam que a lua, através das águas, carregava as almas dos mortos até o sol, onde elas viviam uma vida redimida” (...) e também que “a deusa da lua chinesa, depois do dilúvio, dá à luz todas as criaturas viventes”. (HARDING, 1985, p.153)

Neste sentido, a autora analisa:

Temos que perguntar qual é o significado psicológico dessa arca, desse barco-crescente.(...) Ao invés de ser tragado pelas águas da lua, o iniciado pode embarcar em sua arca e assim tornar-se seu companheiro. (...) Entrar no barco da deusa implica a aceitação da força do instinto, porém com um espírito religioso, entendendo-o como manifestação da própria força criativa da vida. Quando tal atitude é atingida, o instinto não pode mais ser olhado como um recurso a ser explorado para vantagem da vida pessoal; ao invés, é reconhecido que o eu pessoal, o *Ego*, precisa submeter-se às exigências da força da vida como a um ser divino. (HARDING, 1985, p. 173)

Considerarei fascinante essa simbologia do barco da lua como uma viagem aos mistérios da psique e da aceitação da força do instinto feminino criador de vida. Percebo esta tese como um momento de entrada nos mistérios do inconsciente através da linguagem simbólica, ou seja, com uma linguagem que utiliza o princípio feminino, a necessidade de integração e totalidade. Para compreender um símbolo, todas as partes da psique precisam atuar em harmonia, através do seu centro integrador, o si-mesmo. Relaciono essa viagem no barco da lua até o *sol*, como o divino si-mesmo que existe em todos nós. O ego, o centro da consciência, precisa perceber que não é o centro da nossa psique, mas que existe um sol ainda mais intenso do que ele, o si-mesmo. Quando comecei a participar das aulas e da pesquisa coordenada pela Prof^a. Dr^a. Ivani Fazenda no curso de doutorado da PUC/SP, tive uma vivência, desenhando com a minha filha mais velha, na qual percebi que o *sol* era a minha metáfora interior de

pesquisa. Na época, associei esse símbolo à *consciência* e à *crítica da razão*, temas da minha dissertação de mestrado. Com o desenvolvimento deste trabalho, outras representações desse símbolo foram acrescentadas. Por exemplo, segundo Nasser (2003, p. 71-72), o *sol* seria:

símbolo de lucidez, consciência, iluminação do espírito, realização do ideal do eu, ascensão, sucesso, vivificação, deus ou manifestação da divindade. (...) O Sol simboliza a imortalidade, pois, levanta-se todas as manhãs e desce todas as noites ao reino dos mortos, conduzindo os homens à morte. Porém, pode guiar as almas através das regiões infernais, trazendo-as, juntamente com a alvorada, à luz novamente. (...) O Sol está no centro do nosso sistema planetário e, como tal, representa o poder organizador deste sistema. (...) O centro representa o simbolismo do Princípio, é o lugar da condensação e da coexistência das forças opostas, o lugar de maior concentração de energias.

A partir da compreensão de que o sol representa o centro, o poder organizador do nosso sistema, o princípio, o lugar da condensação e da coexistência das forças opostas, o lugar de maior concentração de energias, percebo que a noção de *si-mesmo* seria uma visão mais próxima do símbolo do *sol*, do que a noção de consciência. Isso porque, para Jung, a psique e o seu arquétipo central, o si-mesmo, inclui no seu sistema o *ego* (ou o *eu*), na medida em que esse é percebido apenas como o centro ordenador da consciência. Assim, como sugere a imagem de Jung (1978, p.114, grifos do autor), “sentindo o *si-mesmo* como algo de irracional e indefinível, em relação ao qual o *eu* não se opõe nem se submete, mas simplesmente se liga, girando em torno dele como a terra em torno do sol – chegamos à meta da individuação”. Desta forma, numa percepção ampliada da consciência, na qual a função transcendente contribui para uma integração do inconsciente, o *sol* também pode servir como um símbolo deste processo constante de desvelamento do si-mesmo.

Além disso, na sociedade ocidental científica ocorreu uma supervalorização das funções psíquicas do pensamento e da sensação, enquanto as funções do sentimento e da intuição foram relegadas à sombra na nossa cultura. Poderíamos dizer que as funções do pensamento e da sensação tiveram seus momentos de glória e luz, porém as expressões do sentimento e da intuição foram limitadas às sombras da noite. Contudo, a função transcendente, a linguagem simbólica da psique, só pode revelar o seu mistério, a sua luz, quando estas quatro funções da consciência atuam de uma

forma mais integrada. Portanto, considero que, para mim, o caminho interdisciplinar significou um navegar nos mistérios da lua, nos sonhos que essa deusa me embalou durante a realização desta tese e do meu processo de individuação. Destaco ainda que, durante o dia, o princípio masculino, a razão, a ordem, a coragem e a ousadia, simbolizadas pelo homem que me ajuda a subir no navio, também se fizeram presentes neste trabalho.

Retornando à imagem do sonho que procuro interpretar neste momento - no qual me encontro nua e menstruada num navio/possibilidade de consciência ampliada/barca da lua - *uma mulher que considero estranha me oferece uma calcinha, mas eu lhe digo que necessito de mais, que preciso de uma toalha para me proteger. Caminho no navio e encontro essa toalha, com a qual me cubro.* Esta última parte do sonho me sugere que a nudez, a exposição que o processo de individuação conduz, ainda não tinha sido completamente aceita pela minha consciência. Procuro uma toalha para me proteger. Além disso, a mulher me parece estranha. Percebo que o sentido dessas imagens pode estar relacionado ao caminho simbólico e interdisciplinar desta pesquisa, que procura uma integração do inconsciente e do *princípio feminino* na academia e na minha vida – um processo também estranho para mim e para a cultura dos educadores. No entanto, só continuando a viagem na *barca da lua*, essas vivências/estudos podem se tornar mais familiares.

PARTE III

NAVEGANDO NOS MISTÉRIOS DA LUA: EXPANDINDO A CONSCIÊNCIA PELO CAMINHO DOS SONHOS

Navegar na ambigüidade exige aceitar a loucura que a atividade interdisciplinar desperta e a lucidez que a mesma exige. (FAZENDA, 1999, p.50)

A partir do sonho descrito na Parte II deste trabalho, decidi anotar todos os sonhos que recordasse, pois percebi que poderiam conter mensagens importantes do inconsciente e que possibilitariam o que chamo de expansão de consciência – tema da minha pesquisa. Desta forma, no período de um ano, de julho de 2004 a julho de 2005, registrei mais de cem sonhos. A vivência desses sonhos, o encontro com a Interdisciplinaridade e as leituras realizadas da teoria junguiana e de alguns de seus seguidores, me sugeriram algumas interpretações do meu processo de individuação e das suas relações com o meu tema de pesquisa. Uma escolha metodológica de risco, pois não tenho formação em Psicologia e, como Jung (1991b, p. 9) adverte, *é muito difícil interpretar os próprios sonhos*. Por que então enveredei por esse caminho? Além de todas as justificativas que foram abordadas na segunda parte deste trabalho,

ressalto ainda que todo conhecimento envolve risco e que a metodologia interdisciplinar chama a atenção que navegar entre a loucura e a lucidez é um dos maiores desafios do professor/pesquisador. Porém, “essa ambigüidade exigirá a recuperação do que é próprio de cada um”. (FAZENDA, 1999, p. 50) Pois foi como se este caminho “me escolhesse”, na medida em que senti que o meu próprio inconsciente foi me “provocando” com uma grande quantidade de sonhos e de símbolos com os quais eu tive que aprender a me relacionar.

Fazenda (2002a, p.24) analisa que: “O sentido da ambigüidade em seu exercício maior impele-nos ao mesmo tempo a encontrar o caos e a buscar a matriz de uma ordem, de uma idéia básica de organização”. Jung percebeu que a leitura atenta do conjunto dos sonhos de uma pessoa pode nos indicar uma ordem, um sentido, uma certa configuração específica do seu processo de individuação, como destacou Marie Louise von Franz (1977, p. 160):

Observando um grande número de pessoas e estudando seus sonhos (calculava ter interpretado ao menos uns 80.000 sonhos), Jung descobriu não apenas que os sonhos dizem respeito, em grau variado, à vida de quem sonha mas que também são parte de uma única e grande teia de fatores psicológicos. Descobriu também que, no conjunto, parecem obedecer a uma determinada configuração ou esquema. A este esquema Jung chamou “o processo de individuação”.

Além disso, essa autora ressaltou que se examinarmos um grande conjunto de sonhos de uma mesma pessoa observaremos que sofrem mudanças lentas, mas perceptíveis. E estas *mudanças podem se acelerar se a atitude consciente* do sonhador for influenciada pela interpretação apropriada dos seus sonhos e dos seus conteúdos simbólicos”. (FRANZ, 1977, p. 160, grifos meus)

Franz (1977, p. 162) chamou a atenção, ainda, que de um certo ponto de vista, o processo de individuação ocorre em qualquer ser humano, ou ainda em todo ser vivo, de uma maneira espontânea e inconsciente, no entanto, “em seu sentido estrito, só é real se o indivíduo estiver consciente dele e, conseqüentemente, com ele mantendo viva ligação”. Foi o que procurei fazer nesta pesquisa: *expandir a minha consciência* em relação aos conteúdos simbólicos dos sonhos, tentando perceber a trajetória do meu processo de individuação e o relacionando com o meu tema de pesquisa. Um movimento duplo, inter-relacionado, pois “A consciência é ampliada continuamente, ou

– para sermos mais exatos – poderia ser ampliada pela confrontação dos conteúdos até então inconscientes, se se desse ao cuidado de integrá-los”. (JUNG, 1991b, p. 23)

No entanto, destaco que não serão todos os sonhos que tive, neste período um ano, que serão relatados nesta tese, porém apenas aqueles que, segundo a minha compreensão, se revelaram mais representativos de todo o processo vivido e das suas descobertas. Ressalto, contudo que, certamente, muitos símbolos contidos nesses sonhos foram percebidos de forma equivocada ou foram insuficientemente trabalhados por mim. Até porque, um símbolo só continua vivo enquanto a sua imagem continue a nos provocar diferentes possibilidades de leitura. Jung (1977, pp. 20-21) sustenta que:

(...) uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem tem um aspecto “inconsciente” mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado. E nem podemos ter esperanças de defini-la ou explicá-la. Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a idéias que estão fora do alcance da nossa razão.

Acredito que navegar nestes mistérios do mar do inconsciente, só foi possível pela ajuda da “barca da lua”, ou seja, por uma atitude não apenas racional, mas intuitiva e afetiva diante da complexidade dos sonhos e dos seus símbolos. Navegar nos mistérios da noite também exigiu as qualidades da consciência aludidas por Jung: determinação, persistência, regularidade e intencionalidade. Neste sentido, percebo que o caminho da interpretação simbólica representa uma forma de trilhar a metodologia interdisciplinar, na medida em que essa se caracteriza por ser uma nova atitude diante do conhecimento e que busca a inteireza do ser: “Ser interdisciplinar é superar a visão fragmentada não só das disciplinas, mas de nós mesmos e da realidade que nos cerca, visão esta que foi condicionada pelo racionalismo técnico”. (GIACON, 2002, p. 38)

Além disso, “A interdisciplinaridade pauta-se numa ação em movimento. Pode-se perceber esse movimento em sua natureza ambígua, tendo como pressuposto a metamorfose, a incerteza”. (FAZENDA, 2002a, p.12) Uma metamorfose que nesta tese foi se revelando como a descrição dos movimentos ocasionados pelo encontro do meu consciente com o inconsciente através dos sonhos, na qual busco traduzir os seus significados para a minha intenção primeira: pesquisar a questão da expansão da

consciência. Durante este trabalho, descobri que o *inconsciente era uma das grandes fontes da consciência* e, portanto, que o meu caminho de expansão da consciência deveria passar necessariamente pela vivência e pesquisa do inconsciente.

No entanto, o que estou chamando de expansão da consciência? Qual a relação da expansão da consciência com o campo educativo? Inicialmente, destaco que este tema de pesquisa também deve ser compreendido como um *símbolo* e não como um conceito a ser definido de uma forma determinada e fechada. Talvez seja interessante situar essa questão como um movimento, por isso o termo *expansão*. Como algo em constante processo, *expandindo*. Uma expansão que, no primeiro momento desta tese, se movimentou para um passado consciente e inconsciente ao mesmo tempo. Consciente porque foi uma opção do meu ego revisitar a filosofia dialética, que tanto influenciou e ainda é fundamental para a minha vivência na academia. Inconsciente porque ainda não tinha estudado com atenção a filosofia de Hegel e muito menos através de um sonho. Neste sentido, a primeira parte deste trabalho pode ser percebida como uma *expansão de consciência para o passado, do presente, sobre um autor antes desconhecido, e como um primeiro movimento para dentro, buscando uma síntese dialética, provisória, consciente-inconsciente*.

Desta primeira forma de expandir a minha consciência surgiram algumas questões:

Se foi possível desvendar, ao menos para mim, aspectos da obra de um autor através dos símbolos presentes num sonho, os sonhos não podem ser percebidos como importantes *fontes de conhecimento*? Por que os sonhos, na atualidade, só têm sido explorados no campo da psicologia? Será que a expansão da consciência acontece principalmente através da relação dialética consciente-inconsciente, percebido aqui *inconsciente como tudo aquilo que desconhecemos*? Será que expandir consciência no campo educativo não seria olhar também para o que ficou na sombra das teorias que influenciaram a nossa vida? Hegel sugere estágios da consciência, a Interdisciplinaridade percebe que olhamos em camadas, que o nosso olhar vai se modificando, olhando em múltiplas direções, para frente, para trás, para os lados, para dentro ...

A filosofia hegeliana busca a essência da realidade e percebe que essa essência está ligada à consciência de que o mundo é totalidade, movimento, contradição. Que Deus não é algo externo a nós, mas está presente na dinâmica do real, na luta dos opostos, na vida como um todo. Porém, para Hegel, a essência só poderia ser apreendida pela consciência racional. Esse foi o meu maior questionamento em relação à sua filosofia. A sua concepção de Estado, tão questionada por Marx e por seus seguidores, na minha compreensão, é apenas uma conseqüência da supervalorização hegeliana da razão. Para este filósofo, o Estado representaria a suprema consciência racional, justa, divina, que governaria todos os homens.

Voltando a primeira questão suscitada por esta forma de estudo do pensamento de Hegel, poderiam os sonhos nos ajudar a expandir outras formas de consciência? Será que o inconsciente, o irracional, os símbolos, podem contribuir para resgatarmos a unidade do conhecimento, de nós mesmos, da vida? Mais ainda, não só a unidade, mas também a diversidade que existe em cada ser humano? Acreditei nessa possibilidade e continuei a minha jornada de expansão da consciência através do inconsciente e do diálogo com a consciência. Desta maneira, foram surgindo as outras partes do trabalho.

Descobri que a ampliação da consciência está relacionada ao *processo de individuação*, que para Jung é um caminho que envolve o enfrentamento das *sombras*, da *persona*, do *animus*, dos arquétipos que estão constelados na nossa psique. Os diversos sonhos que vivenciei possibilitaram desvelar o conteúdo de diferentes arquétipos atuantes no meu inconsciente pessoal, mas também no inconsciente coletivo. A sincronicidade foi também um fenômeno bastante perceptível na interpretação desses sonhos. Portanto, a minha compreensão dos conceitos trabalhados por Jung não se limitou a um entendimento intelectual, mas sim a uma vivência na qual dialogo com a sua teoria. Uma vivência interdisciplinar que procura caminhos de expansão da consciência para o campo educativo.

Desta forma, nesta parte do trabalho, selecionei alguns sonhos dos muitos que tive durante a elaboração desta tese, que considereei mais representativos e que contribuiram para uma maior compreensão desta minha *expansão de consciência*

através do inconsciente. Esta série de sonhos não foi interpretada de forma extensa, como procurei fazer com os sonhos que já foram relatados nesta pesquisa. A compreensão desses sonhos foi realizada de forma mais sintética, porém com o objetivo de que fosse possível perceber a situação na qual me encontrava no momento e as relações que estabeleci a partir dessas vivências. Procurei também separar o conjunto de sonhos pela temática principal, no entanto, nem sempre isso ocorreu. Chamo a atenção que os sonhos sempre têm uma dimensão de totalidade de uma ou mais situações, e, desta maneira, não podem ser reduzidos exclusivamente a um único ângulo. A forma como foram apresentados foi apenas para facilitar a análise do conjunto desses sonhos. Portanto, destaco que os dividi em seis temáticas: Expandindo a consciência em relação à elaboração da tese e ao cotidiano; Expandindo a consciência em relação às sombras; Expandindo a consciência em relação às projeções do *animus* e/ou às imagens do inconsciente; Sonhos nos quais o *animus* é um amigo e/ou professor compreensivo; Expandindo a consciência dos arquétipos do feminino; e Expandindo a consciência da mandala a ser construída, do nosso ouro interior. Além disso, ressalto que considere melhor situar a data em que os sonhos ocorreram, para uma melhor compreensão do caráter de *processo* dos sonhos, pois, em alguns temas, essa questão é fundamental. E também porque, segundo esta minha experiência, percebi que a grande maioria dos sonhos estão intimamente relacionados às emoções e preocupações do momento, contribuindo assim, para uma *expansão de consciência* das vivências do cotidiano e até de decisões importantes a serem tomadas. Destaco ainda que numerei os sonhos para facilitar as referências que faço sobre os mesmos ao longo do texto; e que continuei a utilizar a letra em itálico para o seu relato no intuito de diferenciá-los da minha interpretação.

Expandindo a consciência em relação à elaboração da tese e ao cotidiano

1) 1/2-11-04: *Sonhei que estava apresentando o meu trabalho sobre Hegel na PUC/SP, mas não era exatamente no prédio dessa Universidade, e sim num jardim, perto de uma árvore. Tinha aproximadamente umas cinco pessoas apresentando também, sentadas*

em cadeiras perto da árvore. Sento num lugar de que não gosto muito, estou meio sem graça de apresentar, mas quando começo, a vergonha desaparece e apresento muito bem. Lembro que, neste local, tinha ainda um professor que havia sido meu professor nesta instituição, o qual me olhava de uma forma meio crítica. Mas eu não me importava, continuava a minha apresentação com segurança.

Percebo que, no momento do sonho, estava um pouco insegura, com medo de uma apresentação sobre o desenvolvimento da minha pesquisa que iria acontecer no dia 10 de novembro na PUC/SP. Mesmo assim, no meu íntimo, sentia que iria ocorrer tudo bem. Mas por que apareceu aquele local, parecido com uma clareira, com uma árvore grande, frondosa? Essa árvore pode representar eu mesma, o meu desenvolvimento: uma pessoa com raízes, grande e frondosa, acolhedora? Contudo, o local era meio marrom, sem flores, sem cor, num lugar em que eu, conscientemente, não desejaria estar. Relacionei essa situação ao modo como me sentia naquele período: uma pessoa que estava progredindo na elaboração da tese, porém ainda com uma vida solitária, apenas trabalhando muito, sem outras diversões. Era como se toda a cor tivesse que brotar de mim mesma, era eu quem teria que botar vida no ambiente, e no sonho eu conseguia expressar vida, apesar desses sentimentos e da imagem desse professor crítico. A figura dele pode estar relacionada ao meu professor interno, às críticas que eu mesma me faço, à minha insegurança, porém também a minha vontade de ser melhor, de me aperfeiçoar, de crescer.

Registro, ainda, que a apresentação desta parte da pesquisa, no dia marcado, foi muito boa, sem problemas.

2) 6/7-11-04: *Sonhei que eu e a minha filha mais nova, estávamos caindo de algum lugar.*

3) 7/8-11-04: *Sonhei que eu chegava na rodoviária para ir a São Paulo e lá encontrava uma amiga, que me dizia que eu tinha perdido o ônibus, que ocorrera um problema. Eu dizia para ela que eu tinha que pegar o ônibus, pois tinha que apresentar o meu trabalho na PUC. Penso então em pegar um avião. Olho para o relógio e via que só*

faltavam duas horas para o início da apresentação em São Paulo, e que nem de avião daria tempo, já que havia o trânsito até chegar ao aeroporto do Rio e o trânsito terrível de São Paulo. Fico confusa e me lembro de que já tinha tido até um sonho sobre a apresentação, que ia ocorrer tudo bem.

O primeiro sonho não escrevi no mesmo dia, pois tinha ficado muito confusa com o sonho, não me senti bem. Logo que acordei no dia seguinte, após o segundo sonho, me senti mais confusa ainda. Qual era o problema? O que estaria acontecendo comigo? Nesse dia, resolvi arrumar o meu escritório, pois estava uma bagunça total. Quando estava escrevendo, nesses últimos dias, senti dificuldade de encontrar os papéis e as referências dos autores para o meu texto, estava tudo desorganizado. Quando terminei uma grande parte da arrumação é que percebi o significado dos sonhos. Eles estavam me alertando que eu estava entrando no mundo do caos, da desordem, da irracionalidade. Eram avisos de que se eu não me organizasse, iria perder o tempo da tese e não iria chegar aonde quero. No primeiro sonho, número 2, esta filha, uma criança de três anos, pode ter aparecido como símbolo do inconsciente e da desordem em que eu estava caindo. Isto porque, para Jung (2002c, p. 48), a criança, nesta faixa etária, ainda não desenvolveu a consciência do “eu” e se encontra bastante ligada ao inconsciente dos pais e/ou ao inconsciente coletivo. No sonho de número 3, essa amiga, que considero uma pessoa extremamente organizada, estaria representando, na minha compreensão, o símbolo da ordem, da razão, pois era ela quem estava me avisando para ter cuidado. Interessante como o inconsciente, o sonho trabalha, ou seja, quando não entendemos o sonho, ele fornece outra mensagem, outro sonho mais completo. E quando estamos muito confusas, até os sonhos são menos explícitos. Contudo, mesmo sem que a minha consciência pudesse compreendê-los imediatamente, alguma parte de mim captou o alerta, pois comecei a organizar o meu escritório nesse mesmo dia. Ou seja, percebi que os sonhos podem atuar como amigos, nos alertando de problemas que podem ser solucionados, contribuindo para um equilíbrio maior na nossa vida.

Outro fenômeno desse sonho que considere interessante é que, durante o mesmo, houve um momento em que me lembrei de um sonho anterior, o de número 1, no qual ocorreu uma temática semelhante, a viagem até à PUC/SP.

4) 1/2-12-04: *Sonhei que estava jogando cartas e estava com muita sorte, todas as cartas boas, de que eu precisava, chegavam às minhas mãos. Não me lembro de outras pessoas no sonho. Apenas eu pegando e/ou recebendo cartas maravilhosas, de sorte. Foi um sonho em que me senti muito bem, com muita harmonia. Foi um sonho delicioso.*

Fiquei intrigada com o sonho quando acordei, sem entender direito. Isso porque tinha passado por várias dificuldades nos dias anteriores: doença da minha filha, que por alguns momentos foi muito sofrido, decepção, porque, devido a esse problema, ela não pôde participar da apresentação do balé (que ela adora!), falta da babá, doença do filho da babá, passei algumas noites sem dormir direito, falta de tempo, preocupação com a tese ... Ou seja, estava passando por um momento estressante e tive um sonho maravilhoso! Talvez seja o caráter *compensatório* do sonho a que Jung alude. Ou talvez seja também uma luz no fim do túnel, que apesar de tudo, as coisas vão melhorar num futuro próximo. Essa interpretação se deve ao fato de que, para mim, cartas simbolizam jogo, sorte, ou ainda um meio de se preverem as possibilidades da vida que estão em germe e que podem vir a se concretizar no futuro, um oráculo.

Contudo, acredito principalmente que todo “azar”, todo “mal” pode ser um alerta para nós. Neste sentido, a partir destes acontecimentos, fiz algumas mudanças na estrutura de funcionamento da minha casa, tal como horário de empregada, etc., com o objetivo de me sentir mais preparada para enfrentar os “imprevistos” da vida. Mesmo consciente de que todo imprevisto desestrutura a antiga ordem.

5) 17/18-12-04: *Sonhei que ia me qualificar no doutorado, mas que outras pessoas também iriam passar pela qualificação no mesmo dia. Era um lugar com muitas*

peessoas sentadas assistindo e a professora Ivani Fazenda estava presente, como orientadora. Uma colega apresentava seu trabalho primeiro do que eu, mas antes já haviam ocorrido outras apresentações. A minha impressão é que tinha havido algum problema com o trabalho dessa colega, que ela teria que “consertar” ou repensar algumas questões. Um dos professores avaliadores avisava isso à professora Ivani, ao pé do ouvido. Chegava a minha vez, e eu pensava: agora deve estar todo mundo cansado, pois vários alunos já tinham se apresentado. A Prof^a. Ivani me dizia que estava muito cansada e falava meio irritada comigo, me informava que naquele momento eu não poderia apresentar e me solicitava um copo de água. Eu me sentia frustrada e chateada.

Esse sonho representou um espelho de como estava me sentindo naquele momento. Estava frustrada por não ter conseguido terminar a parte da tese para a qualificação. Além disso, estava me sentindo muito cansada, esgotada mesmo. Tinha conversado ao telefone com a professora Ivani Fazenda, minha orientadora, naquele mesmo dia, relatando a minha frustração por não ter concluído este trabalho. Ela foi muito compreensiva e simpática, e procurou me confortar. Contudo, também percebi que ela estava cansada, tal como eu. Isso pode justificar o seu cansaço no sonho que, no fundo, era meu também. Mas quem estava irritada com a situação e precisando de um copo d'água, de um descanso, era eu. O problema no trabalho vivido pela minha colega no sonho, mais uma vez, simbolizava os problemas que eu percebia na minha própria pesquisa.

6) 22/23-01-05: *Sonhei que o jardineiro da minha casa, que é motorista das minhas filhas também, estava levando o meu carro para a oficina, a fim de fazer uns pequenos reparos. Eu também me encontrava dentro do carro. No caminho, ele via uma casa, na praia de Copacabana, e dizia que ela tinha pertencido a ele e as empregadas que trabalham na minha residência. Fica feliz em rever a casa e pára o carro para podermos visitá-la. A residência me causa surpresa, pois é bem grande e bonita. Entro na casa e vejo que agora ela é uma loja de roupas finas e coloridas. A minha empregada, que se*

encontrava dentro da casa, fica me mostrando toda animada as roupas bonitas da loja e também os outros compartimentos do local. Olho tudo de forma surpresa, sem entender como eles poderiam ter sido donos daquela casa, na medida em que são pessoas pobres. Lembro-me de que estávamos indo para a oficina, não encontro o motorista e decido ir sozinha levar o carro. Encontro a oficina fechada, pois já havia anoitecido. Volto até a casa que tinha sido dos empregados e fico olhando para a sua fachada externa: meio retangular, estilo colonial e ao mesmo tempo moderna, grande e bonita. Fico de pé apreciando a casa e impressionada com aquela situação.

A minha primeira impressão do sonho foi que deveria estar relacionado com o movimento de escrita e elaboração da tese. Naquela semana tinha me decidido a voltar a escrever e reformulara alguns aspectos que já haviam sido escritos, mas me deparei com algumas dúvidas conceituais e com questionamentos em relação às primeiras interpretações que tinha elaborado de alguns sonhos. Mais tarde, relendo-os em conjunto, certas inter-relações foram vislumbradas, percebendo-os como partes de um processo. Recorri ao dicionário junguiano, um livro que, de início, não tinha dado muita importância, mas que veio a contribuir muito para esclarecer e ampliar algumas questões.

Nessa linha de interpretação, percebo o carro do sonho como a própria tese. A minha razão, que pode estar simbolizada pelo motorista dirigindo o carro - a tese - estava decidida a fazer as devidas reformas no texto. Contudo, a minha consciência racional, o motorista, percebeu que tinha que parar para ver uma outra casa, uma certa consciência que já tinha sido dela, antes de prosseguir no caminho para a oficina, para as mudanças necessárias. Paramos e entramos na casa, no livro que já tinha sido folheado, mas que tinha sido *vendido*, ou seja, não estava fazendo parte dos meus estudos naquele momento. No entanto, fico impressionada, pois lá encontro muitos cômodos, ricos e bem adornados. O fato de ser uma loja com roupas finas e coloridas, me sugere que, num dicionário, encontramos várias palavras, cada uma com a sua cor, com a sua especificidade, mas que foram devidamente selecionadas, que houve critério de escolha. Contudo, mesmo assim, decido levar o carro até a oficina, mas ela está

fechada. Ou seja, ainda não é o tempo de fazer as mudanças pretendidas no texto. Volto para olhar a casa e outros textos, ainda falta estudar e amadurecer algumas questões.

7) Noite de 23/24-01-05: *Sonhei que estava na minha casa e aparecia um senhor que já tinha feito uma obra na minha residência, que me olhava com muita raiva. A impressão que eu tinha é que ele queria roubar alguma coisa de mim. Falava com uma prima minha, e ela me dizia que ele estava com raiva e querendo me roubar alguma coisa já há algum tempo, que esta questão não era de hoje.*

Acordei muito impressionada com a imagem do sonho: do homem com raiva e que queria me roubar alguma coisa. Parecia um cão raivoso. Fico confusa e com muita dor de cabeça. Logo após ter tomado o café da manhã, a minha empregada me comunica que o seu marido tinha brigado com ela, dizendo-lhe que não poderia mais trabalhar dormindo na minha casa. Relata que a briga tinha sido séria, que ele estava com muita raiva desta situação, “mandando” ela sair do emprego se eu insistisse na necessidade dela dormir durante a semana. Imediatamente me recordo do sonho, pois o marido dessa empregada já tinha trabalhado numa obra na minha casa. Fico surpresa e chateada com a situação, pois tinha sido a própria empregada, quem tinha dado a idéia de dormir na minha casa, já que a babá que tinha arranjado, uma amiga sua, não poderia dormir; somado ao fato do seu marido estar trabalhando num lugar distante, necessitando dormir no emprego durante a semana. Essa empregada, então, me diz que o marido não tinha entendido a sua decisão, pensando que ela iria dormir na minha casa apenas enquanto eu estivesse sem babá. Conto o sonho para a minha empregada, lembrando que no sonho me avisam que essa situação não é nova, que já vem acontecendo há algum tempo. Ela confirma e me diz que ele tem estado com muito ciúme dela, sentindo que ela não lhe dá atenção suficiente. Pergunto-lhe, então, como era a relação do marido com a mãe dele. Ela me responde que o seu marido sempre reclamava que a sua mãe não lhe dava muita atenção. Eu lhe digo que talvez fosse melhor ela tentar conversar com calma com o seu marido, expressando o amor que ela

sente por ele e lhe explicando, depois, que a decisão de dormir na minha casa tinha sido dela mesma.

Interessante perceber o fenômeno da sincronicidade e da telepatia que os símbolos do sonho revelaram nessa situação. O meu inconsciente captou a raiva e a vontade desse homem de tirar a “minha” empregada, de que gosto muito e que é uma amiga e companheira para mim. Esse sonho teve um caráter simbólico e outro bem real, pois eu estava na minha própria casa e percebia claramente que esse homem já tinha trabalhado numa obra na minha residência. Era um homem, mas eu não via o rosto do marido dessa empregada, que conheço, apenas “via” um homem que estava com muita raiva e sentia que ele queria me roubar alguma coisa.

A prima que fala comigo é uma mulher que considero bastante doméstica, que não quis sair da casa dos seus pais nem quando casou, apesar de ter condições financeiras suficientes para isso. Construiu uma casa na mesma rua dos seus pais, mas mesmo assim levou anos para ir morar nela. Além disso, é uma pessoa muito intuitiva, que joga cartas, embora apenas para as pessoas próximas. Na minha interpretação, a prima simbolizou que essa situação estava acontecendo na minha própria casa, sendo que este seu/meu lado intuitivo, me alerta que o problema desse homem não é novo, ou seja, os seus problemas com o arquétipo feminino não são recentes e eu estou no meio dessa confusão.

No dia seguinte a este diálogo com a minha empregada, ela me relatou que teve uma conversa muito bonita com o marido e ele concordou com a sua decisão de dormir no emprego. Ficamos as duas felizes e aliviadas. Será que o sonho contribuiu para este desfecho positivo do impasse? Acredito que sim.

8) Noite de 29/30-01-05: *Sonhei que a minha filha menor, estava numa cadeira de rodas, sem andar. Eu sabia que era temporário, mas resolvia ir falar com a coordenadora da escola, pois estava preocupada em como ela iria frequentar a escola com este problema nas pernas. Não me lembro se falava com essa coordenadora. Olhava em torno e via vários membros da minha família de cadeira de rodas, inclusive a minha outra filha. Fixava a minha atenção nesta filha mais velha e percebia que a sua*

expressão facial era muito saudável, corada e alegre. Eu ficava confusa olhando para ela, vendo-a tão bem, mas impossibilitada de andar.

No dia do sonho, eu me encontrava num Hotel Fazenda, numa viagem de fim de semana com a família. Tive dúvidas se viajava, preocupada com a necessidade de trabalhar na tese. Decidi ir porque as crianças estavam de férias e porque achava que precisava relaxar um pouco, embora tenha levado material de pesquisa. Atribuo esse sonho a estas dúvidas, ao meu sentimento de culpa em relação ao trabalho. Ou seja, eu não podia andar, caminhar na tese, no trabalho, contudo foi uma viagem muito boa, revigorante, alegre. Existem momentos que temos que parar para viver melhor.

9) Noite de 01/2-02-05: *Sonhei que estava próxima ao mar, numa espécie de baía, circundada por rochedos. A água estava escura e me parecia um mar agitado, não seguro para o banho. Nesse lugar, também se encontravam algumas pessoas de roupa de banho, que pareciam estar com disposição para mergulhar no mar. Uma mulher, de biquíni, me encarava, rindo, dizendo para não ter medo, que ela ia entrar. Olhava para o mar e continuava a sentir que aquele mar era perigoso. Não entrava.*

Num segundo momento, uma professora conhecida me dizia, de uma forma simpática, que estava pronta para ouvir o que eu tinha para lhe falar, já que eu tinha lhe dito anteriormente que queria conversar com ela. Eu me sentia um pouco insegura, mas resolvia lhe chamar para fazer parte da minha banca no doutorado. Ela aceitava de bom grado.

Nesse mesmo dia, antes do sonho, surgiu na minha mente a idéia dessa professora, que trabalha no meu departamento da UERJ, fazer parte da minha banca de doutorado. Contudo, fiquei com muitas dúvidas, pois ponderava que a referida professora não se identifica muito com a obra de Jung, e sim com a de Freud. Ao mesmo tempo, eu a admiro, pois a considero uma pessoa que busca crescer sempre, sendo uma excelente profissional. Além disso, conjecturava que seria uma forma de me

reaproximar e de valorizar o meu departamento na UERJ, do qual me sentia afastada. Contudo, senti medo dessa idéia, pois, nesta tese, me mostro muito, “fico nua”, segundo o símbolo utilizado nos meus sonhos. Com os professores de São Paulo, esse sentimento de medo e vergonha não é tão forte, pois depois irei voltar para a minha cidade, em Niterói-RJ.

Percebo que o mar, agitado e inseguro, simboliza o meu próprio medo, nervosismo e insegurança em chamar essa professora para fazer parte da minha banca. A mulher de biquíni, toda corajosa, que ri do meu medo e me incentiva a entrar na água, pode representar o meu outro lado, a parte corajosa da minha psique, que enfrenta os desafios da vida. O segundo momento do sonho contribui para que o lado corajoso seja o vencedor. Como de fato foi.

10) 10/11-02-05: *Sonhei que estava numa cidade pequena, num local que parecia uma lanchonete grande. Eu estava sentada ao lado de uma colega professora, num círculo de aproximadamente quinze pessoas. Fora do círculo, em pé, eu via uma amiguinha da minha filha de cinco anos, acompanhada da sua mãe, ambas muito felizes. A mãe me contava que a filha estava fazendo o curso de informática e estava adorando, que nem parecia um curso, e sim uma brincadeira, que era muito divertido. Eu lhe digo que a minha filha também iria começar nesse curso naquele dia e, a partir dessas boas referências, eu iria perguntar se a minha outra filha menor poderia freqüenta-lo também, já que era tão divertido. Eu era informada que o curso era apenas para maiores de cinco anos, mas que, excepcionalmente, esta outra filha, de três anos, poderia participar do curso. Fico feliz.*

A minha colega, sentada ao meu lado, me solicita, afirmando que era a minha vez de me apresentar ao grupo. Eu me apresento dizendo que era uma mulher separada, que tinha duas filhas pequenas, que estava escrevendo uma tese e que morava em Niterói, RJ. Contava que tinha sido bastante difícil ficar sozinha com duas crianças, trabalhar e escrever uma tese, mas que eu estava conseguindo.

Associei esse sonho ao momento que estava vivenciando na elaboração da minha tese. Estava sentindo prazer em escrever este trabalho e parece que, no sonho, esse sentimento é simbolizado pela alegria da menina que está freqüentando o curso de informática. Essa criança é uma menina que percebo como muito ativa e alegre. A sua mãe se separou há pouco tempo do marido e desta forma, pode estar representando a minha própria situação: separada e trabalhando em algo que me dá prazer. O fato das minhas duas filhas também irem freqüentar o curso, pode indicar que todas as partes da minha psique estão envolvidas no processo de tese e de busca do si-mesmo. Outro fator interessante é que a minha filha menor, aceita como uma exceção no curso, talvez simbolize a questão do inconsciente nesta tese, um tema pouco encontrado nas pesquisas em educação e bastante novo para mim também.

Deste primeiro conjunto de sonhos, ficou a questão: serão os sonhos importantes aliados dos nossos problemas do cotidiano? Ou ainda, serão eles capazes de *expandir a nossa consciência* em relação às emoções ligadas a uma determinada situação, capazes de nos indicar caminhos a seguir? E você, leitor, já percebeu isto também?

Expandindo a consciência em relação às sombras

11) Janeiro/05: Tive dificuldades de recordar-me deste sonho. Apenas quando não estava mais pensando neste assunto, durante uma caminhada, subitamente ele me veio na mente: *tinha sonhado que meu carro tinha sido roubado. Além disso, a minha vizinha estava querendo brigar comigo fisicamente.*

Em primeiro lugar, percebi que *quando o sonho não é agradável, é mais difícil de recordar*. Além disso, atribuí esse sonho a uma espécie de *compensação* do meu inconsciente. Isso porque, em relação ao roubo do carro, na semana anterior tinham me informado que duas pessoas que moram na minha rua haviam sido roubadas. Não demonstrei medo no momento, pois estava com as minhas filhas e não quis que elas

ficassem amedrontadas. No entanto, no fundo, fiquei insegura. No que se refere à vizinha, a considero uma pessoa bastante desagradável, que vive brigando e gritando com a sua família, sem se importar que outros escutem as suas desavenças. Inclusive, há poucos dias, ela havia brigado com uma outra moradora da rua e por muito pouco não houve agressão física. Infelizmente, essa vizinha, também comigo, tinha reclamado muito e de uma maneira que considerei bastante vulgar, de uma árvore do meu terreno. No seu ponto de vista, essa árvore servia apenas para sujar o seu quintal. Cansada de tantas reclamações, me vi obrigada a chamar um técnico para avaliar a árvore. Após o técnico me informar que aquela árvore não era adequada para o local, na medida em que suas raízes poderiam danificar o chão da piscina da minha casa, resolvi cortar a árvore. Desta forma, tive problemas reais com essa vizinha e senti muita raiva dela, não só pela forma como conduziu as suas reclamações, mas, principalmente, pelos seus constantes gritos com os familiares, que, por sermos vizinhas, sou obrigada a escutar. Também tive medo dela, principalmente após a briga com a outra vizinha, pois desde o início percebi que se tratava de uma pessoa difícil e sem nenhuma consideração com os outros. O sonho mostra os meus medos e receios em relação a essa vizinha. Ou melhor, mostra o meu medo de *liberar toda a minha raiva dessa mulher*, dessa situação, de liberar os meus instintos mais baixos, de não suportar a pressão. Neste sentido, o sonho com a vizinha também pode estar relacionado com a minha *sombra*, com o meu lado mais instintivo, animal. A briga física sugere essa interpretação. Passei um ano, desde que ela veio morar perto de mim, “suportando” as suas brigas e reclamações. Acredito que esse sonho revele que eu estava no meu limite da chamada “boa educação”.

12) 12/13-01-05: *Sonhei que estava falando ao telefone com uma vizinha que, na vida real, considero uma pessoa muito desagradável, desequilibrada, que vive sempre gritando e brigando com as pessoas, além de estar constantemente reclamando da vida, dizendo que trabalha muito e tem poucas alegrias. Contudo, no sonho, ela parecia super equilibrada, calma, generosa, sábia, etc., ou seja, o oposto da imagem que tenho dessa vizinha. Apesar de estar falando ao telefone, eu a via, e ficava muito confusa com esse comportamento tão diferente do que ela me parece ser. A impressão que*

tinha é que ela estava me acalmando sobre alguma situação problemática que eu estava passando com as minhas filhas.

Esse sonho foi com a mesma vizinha do relato anterior. Contudo, naquele sonho, número 11, essa mulher surgiu do mesmo modo que ela me parece na vida real: querendo brigar, e comigo. No entanto, esse sonho foi completamente diferente. Fico imaginando se ele pode simbolizar o encontro com a *sombra* e com a possibilidade dessa nova consciência se integrar mais e ocasionar uma transformação da psique como um todo. De fato, reconheço na vizinha, características semelhantes à imagem que tenho de uma pessoa da minha família. Esta pessoa vivia constantemente brigando, gritando, reclamando da vida, dizendo que trabalhava muito e tinha poucos momentos de prazer, etc. Carrego este familiar e esta imagem da infância dentro de mim. Contudo, também tenho a possibilidade de conectar com um outro lado da psique, que transformou estas experiências dolorosas em sabedoria? Será que o encontro com essa nova mulher simboliza o encontro com um novo centro de ordenamento da psique, que liga consciente-inconsciente? Jung diz que o encontro com uma figura sábia, calma, equilibrada, etc., do mesmo sexo que o sonhador, pode significar o encontro com o arquétipo do si-mesmo.

13) 25/26-01-05: *Sonhei que entrava na casa da minha vizinha, ajudada por duas mulheres que trabalhavam como faxineiras na casa. Essa vizinha era aquela de quem não gosto, que vive gritando e brigando com as pessoas à sua volta. Ela não se encontrava na residência, eu visitava a casa como se fosse um segredo entre mim e as faxineiras, que pareciam minhas amigas. Para entrar na porta da casa, primeiro subia uma escada em forma de zigue-zague. Ficava surpresa, pois a casa, embora não fosse muito grande, me parecia bonita e jeitosa, decorada com bom gosto. Chamava a minha atenção que a residência por dentro era toda de madeira: tanto o teto, como as paredes e o chão. Observava, ainda, que na sala, a única parte da casa que me lembro de ter estado, também havia uma escada em caracol, igual ao da minha própria residência.*

Resolvía ir embora, pois achava que a vizinha poderia chegar a qualquer momento. As faxineiras saíam da casa comigo.

Nessa noite, no meu quarto, antes de dormir, ouvi a voz da vizinha, que em geral fala muito alto, aconselhando o marido a dar parte na polícia de alguma coisa. Fechei as janelas e liguei o ar condicionado, pois estava muito calor e também porque estava querendo silêncio para dormir. Mas esse incidente, um pouco antes de eu adormecer, pode justificar, em parte, eu ter sonhado com essa vizinha novamente. Contudo, a incidência como essa mulher tem aparecido nos meus sonhos, este já sendo o terceiro, pode indicar que ela me remete a conteúdos importantes da minha psique. Outra situação que pensei antes de dormir, foi em relação à tese, a escrita do texto, pois estava percebendo que tinha muitos conceitos e símbolos para serem explorados. Conjeturava que não daria tempo de explorar tudo para o momento da qualificação, que talvez eu devesse indicar futuras reflexões para o desenvolvimento deste trabalho. Neste sentido, numa primeira interpretação, relaciono estas “duas” temáticas nesse sonho. Essa vizinha tem me parecido ser a minha *sombra*, o passado familiar que ainda habita em mim. No primeiro sonho (número 11), percebi essa personagem como simbolizando meus medos, ou seja, medo de que essa sombra me batesse e fosse mais forte do que eu. Neste sonho, a vizinha surgiu com a imagem que tenho dela na vida real. No entanto, desde o último sonho com essa mulher (número 12), algo sofreu uma metamorfose - no sonho anterior ela conversava comigo de uma forma completamente diferente de como eu a vejo: de forma doce, compreensiva e sábia. Neste sonho, a sua figura não aparece, mas entro na sua casa de forma sorrateira, ajudada por duas faxineiras conscientemente desconhecidas, mas que no sonho eram minhas amigas. A casa me surpreende positivamente, considero-a jeitosa e de bom gosto. O sonho de número 12, da conversa com uma mulher completamente diferente, oposta à imagem que faço dessa vizinha, e este sonho, no qual me surpreendo positivamente com a casa que identifico como sendo dela, podem indicar mudança da minha própria psique e/ou ainda coexistência dos opostos em mim.

Outra temática muito comum nos meus sonhos, que serão mais desenvolvidas depois, tem sido o aparecimento de duas figuras femininas. Tenho percebido essas personagens como sendo o meu lado mais feminino, intuitivo e simbólico a me conduzir, a me mostrar os caminhos. Neste sonho, elas são minhas amigas e trabalham como faxineiras. O fato de serem identificadas como faxineiras, talvez sugira uma limpeza na minha psique, uma reforma, uma transformação no sentido junguiano, ou seja, uma mudança de direção da libido, da energia psíquica.

A análise que realizei desse sonho também contribuiu para eu perceber uma metodologia mais produtiva de interpretar os sonhos que tive durante a escrita da tese. Desta forma, talvez o melhor procedimento seja separar as temáticas e os personagens mais comuns que têm aparecido nos sonhos, no intuito de perceber o seu sentido. E, posteriormente, analisá-los em conjunto, a partir de uma síntese provisória. Assim, por exemplo, *casa* tem sido um tema freqüente da minha atividade simbólica. Percebo que este símbolo – *casa* – pode significar a minha própria consciência e/ou a minha psique como um todo. A *escada* estaria indicando crescimento, desenvolvimento, processo de ampliação da consciência e/ou dos conteúdos da psique. Neste sonho, vejo duas escadas, na parte externa e interna da casa, ou seja, uma ampliação da consciência e do inconsciente, da psique como um todo, do meu lado extrovertido e introvertido? Sublinho que a casa “real” da vizinha é uma casa baixa, que não tem escadas nem na parte interna, nem externamente. Também não existe nada em madeira no seu interior, pois já entrei nessa residência quando lá moravam outros vizinhos, com os quais mantinha relações cordiais. A casa da vizinha, neste sonho, não corresponde à realidade objetiva. Associo madeira a um material consistente, que tem raízes, pois madeira me lembra a sua origem, árvore, que me sugere desenvolvimento também. Essas representações concordam com a idéia anterior, da casa como símbolo de desenvolvimento da psique.

Mas por que entro na casa de forma sorrateira, como se estivesse cometendo um delito? Será que este sentimento de culpa e de medo de estar fazendo algo errado está relacionado à questão da revelação dos segredos da psique, ao caráter sagrado dessa situação? Segundo o Dicionário Junguiano (PIERI, 2002, p.445), “a palavra sagrado tem o significado de ‘separado’, e enquanto tal exprime o que é separado do

homem e, portanto, aquilo que é separado e diferente em relação ao próprio homem”. Nessa mesma página, o dicionário chama a atenção que, para Jung, a noção de sagrado está ligado ao que está separado e diferente, não de forma absoluta, mas sim em relação ao conhecimento do consciente e ao Eu. Neste sentido, o adjetivo “sagrado” é considerado sinônimo do adjetivo “inconsciente” e do conceito de imagem do Si-mesmo. E ainda, que a experiência do sagrado, do inconsciente, do si-mesmo, envolveria um sentimento de numinosidade, de temor, de transgressão de um tabu. Portanto, considere que esses conceitos poderiam contribuir para a minha compreensão deste sonho em particular.

Isso porque, neste sonho, era como se eu estivesse violando a casa alheia, transgredindo uma norma, e esse evento me causasse medo e pavor de ser descoberta por estar cometendo um delito, pois, no fundo, eu estava entrando no inconsciente, em *têmenos*. Mais uma vez, segundo o Dicionário Junguiano (PIERI, 2002, p. 493), *têmenos* seria o “recinto que delimita e ao mesmo tempo faz subsistir o espaço do sagrado. Como imagem encontra-se freqüentemente nos materiais oníricos, nas mitologias, (...) nas obras arquitetônicas”. Ou ainda (p. 494): “Enquanto ‘zona de tabu’, o *têmenos* protegeria os conteúdos psíquicos inconscientes de eventuais projeções para o externo ou de influências a partir do externo, e estes elementos, enquanto ‘isolados intencionalmente’, perderiam para o Eu o seu caráter amedrontador e perturbador”. A entrada na casa da vizinha, de forma furtiva, pode significar a entrada no espaço do sagrado, do *têmenos*. Ou seja, uma vez que os conteúdos inconscientes desagradáveis que essa vizinha representa em mim são conscientizados, integrados e até transformados na minha psique, no espaço daquela casa, de *têmenos*, esta projeção perde o sentido.

Interessante é que, poucos dias depois que tive este sonho, percebido como o encontro com o sagrado, a vizinha se mudou, não está mais morando próxima a minha residência. Confesso que me senti aliviada. É possível que a projeção das minhas sombras que ela representava, não seja mais necessário. Mais um exemplo da sincronicidade da vida?

14) 30/31-01-05: *Sonhei que via o interior de uma casa de palhoça, pobre e simples, na qual moravam uma moça e uma menina. Eu as identifiquei, como sendo as duas personagens protagonistas de uma novela infantil que as minhas filhas assistem no canal SBT: “Alegrijes e Rabujos”. No sonho, perguntava onde estava o pai da menina e alguém me dizia que ele havia falecido. No quintal da casa, a menina lutava bravamente com um monstro, que se assemelhava a uma grande nuvem cinza. A menina, aparentemente, conseguia derrotá-lo, fazendo com que ele desaparecesse. Contudo, na mão da menina ainda restavam, do monstro, algumas folhas verdes, semelhantes à capim. Ela jogava esse capim fora. Entretanto, essas folhas brotavam novamente na terra, não mais com uma aparência de monstro, e sim como se fossem duas trepadeiras finas, ou seja, dois caules verdes finos com folhas largas verdes também, mas que não estavam encostadas em nada. As duas plantas cresciam muito rápido, como se fossem alcançar o céu. Eu me sentia assustada com a situação, pois era como se o monstro não fosse morrer nunca. Eu me perguntava, olhando para a menina: e agora, o que vamos fazer?*

Assim que acordei fiquei me perguntando qual a situação da minha vida que percebo como um monstro que parece não morrer nunca, apesar de todos os meus esforços para derrotá-lo. Imediatamente, me veio a resposta: a minha rinite alérgica. Tinha tido crise de rinite naquele dia e fui dormir ainda me sentindo mal. Já fiz vários tratamentos para curar essa rinite, não sou de me conformar com nenhum tipo de doença. Nos últimos seis meses, no entanto, desde que intensifiquei a escrita da tese, piorei um pouco. Contudo, raríssimas vezes tenho tido crises mais sérias dessa alergia e percebo que quando isso acontece é porque estou me sentindo fragilizada com alguma situação emocional e/ou muito cansada. Mas, sempre que tenho alguma recaída da rinite, fico inconformada, pois sempre acho que “não mereço”, na medida em que “já lutei muito com essa doença”.

Esse sonho me ajudou a perceber que talvez essa alergia não seja necessariamente um monstro, alguma coisa apenas “negativa”, mas também um símbolo de vida e de transformação. A casa de palhoça, a mulher e a menina podem

significar fragilidade e ao mesmo tempo a necessidade de um momento de introspecção, de aconchego no seio materno, de não-ação, de uma parada no ritmo agitado da vida. Isso porque a mulher na novela é como se fosse uma mãe para a menina (que é órfã de mãe), sempre a protegendo. O pai morreu, ou seja, a força yang, na terminologia chinesa, que representa o movimento e a extroversão, neste momento, está ausente. A menina, que na novela é uma representante da chamada força “alegrife”, da força do bem que luta contra os “rabujos”, as forças do mal, neste sonho pode estar representando a minha luta contra a rinite alérgica e/ou contra todas as sombras da minha vida. Isso porque a rinite acontece quando estou em crise emocional e/ou quando tenho que dar uma freada no ritmo da vida. Ou seja, num momento que está apontando a necessidade de parar o movimento anterior e me transformar.

Outro fator importante a ser analisado é que, apesar de aparentemente o monstro ser vencido pela menina, ou seja, por eu mesma, ele continua nas suas/minhas mãos como capim e renasce na terra. A terra também é um símbolo do feminino e da fertilidade. Podemos dizer, então, que não é mais o “monstro” quem renasce na terra, e sim uma planta bonita, verde, que parece querer alcançar o céu. Ou seja, o monstro, as sombras da nossa vida nos ajudam a nos transformar, crescer, lutar e ter esperança de alcançar o infinito. E essa luta não tem fim, é como a filosofia dialética, é uma luta constante, pois em cada etapa novos “monstros” surgem e nos transformam. Depois desse sonho, resolvi não ficar tão chateada com a minha rinite alérgica e/ou com as minhas sombras, pois elas são símbolos de vida também.

Chamo a atenção, ainda, para o fato de serem *duas* plantas que renascem, além de serem *duas mulheres* também os personagens desse evento; situações que têm se repetido nos meus sonhos.

Esta questão das sombras, das partes da nossa psique que não queremos ver ou assumir como partes de nós, talvez seja um dos maiores obstáculos para quem se aventura a prestar atenção nos sonhos. No entanto, mesmo que não tenhamos a intenção *consciente* de olharmos as nossas sombras, elas invadem as nossas vidas, estão presentes no nosso cotidiano, no trabalho, nas doenças, na relação com os

outros, com os alunos, nos nossos “pesadelos” diurnos ou noturnos. Poderíamos falar também que somos parte da sombra cultural do nosso passado e do nosso tempo, das guerras, dos preconceitos, da miséria, da fome, etc. Dessa maneira, mesmo que olhar as sombras seja um remédio doloroso, não seria melhor expandirmos a nossa consciência em relação aos “monstros” que existem em nós? Percebi que, atualmente, tenho muito mais medo das sombras que desconheço, ou seja, das que continuam *inconscientes*. Pois aquelas que reconheci, ao menos parcialmente, acredito que tenha mais condições de atuar de uma forma transformadora. Jung (2002c, p. 158-159) chama a atenção que: “Apenas na consciência algo pode ser corrigido. O que é inconsciente permanece inalterado. Se quisermos provocar alguma alteração, precisamos passar para a consciência os fatos inconscientes (...)”.

E você, leitor, também tem dado alguns passos no intuito de iluminar algumas das suas sombras? Mesmo a sala de aula não sendo o lócus terapêutico, será que apenas as sombras culturais podem ser apontadas? As sombras dos “outros”? Dos dominadores, dos que detêm a riqueza material, ou ainda dos racistas, machistas, e de todos os “istas”? Até que ponto as sombras dos outros não são reflexo das nossas próprias sombras? Como trabalhar essas questões na sala de aula? Como tirar da sombra as sombras que são pessoais e coletivas ao mesmo tempo?

A minha resposta para essa importante questão, nessa pesquisa, foi expandindo a minha consciência por meio dos sonhos. Mas talvez uma antiga história indiana, fornecida pelo Prof. Dr. Ruy Cezar do Espírito Santo, no momento da qualificação dessa tese, possa contribuir para essa reflexão em relação às sombras e para o conteúdo dos próximos sonhos que apresento neste trabalho.

Trecho da obra “Depois do Êxtase Lave a Roupa Suja” de Jack Kornfield (p. 51-53)

Há uma antiga história indiana que fala de um jovem, Nachiketa, que ficou frente a frente com a morte. Com a morte de vários amigos, Nachiketa sentiu a brevidade da vida. Percebeu que, divorciadas da compreensão espiritual, as ocupações mundanas são superficiais. Filho de um rico mercador, ele sabia que a felicidade do coração não vem das propriedades que se tem. Isso explica o que ele fez quando o pai, instigado pelos sacerdotes Brahim da comunidade, resolveu fazer uma grande doação ao templo para garantir um bom renascimento na outra vida. Essa doação seria feita no centro da

cidade, na presença de todos. A idéia de comercializar virtude e mérito publicamente horrorizou Nachiketa.

O dia chegou. Em seu discurso, o pai disse: *Dou meu gado, o meu ouro e tudo o que tenho de valor aos sacerdotes do templo.* Mas Nachiketa observou: *Tudo o que tem valor? E seu filho?* Publicamente humilhado e ofendido por essas palavras, o pai de Nachiketa respondeu zangado: *Vou dá-lo também. Vou dá-lo à Morte!* Os olhos de Nachiketa brilharam e ele respondeu: *Aceito.* E foi embora.

Nachiketa chegou a um ponto remoto da floresta e ficou esperando que a Morte se revelasse. Por três dias e três noites ficou sentado ali, concentrado e imóvel, determinado a encontrar o boi branco e olhá-lo nos olhos, determinado a enfrentar a Morte em sua busca espiritual. Concentrado apesar da fome, da dor e da exaustão, Nachiketa chegou finalmente à terra de Yama, o Rei da Morte, também conhecido como Guardião das Contas. Lá os três ajudantes da Morte – a pestilência, a fome e a guerra – lhe disseram que o Senhor Yama estava fora. – *Ele foi receber os rendimentos.* Nachiketa respondeu: *Está bem. Eu espero.*

Três dias depois, quando o Senhor da Morte voltou, seus ajudantes disseram que um jovem estranho tinha vindo procurá-lo. Quem ouve falar da Morte sempre corre na outra direção, mas esse jovem estava esperando havia três dias. O Senhor Yama cumprimentou Nachiketa e lhe pediu desculpas por tê-lo feito esperar. *Bem vindo ao meu reino. Vejo que é um homem dedicado à jornada. E eu o deixei esperando. Vou compensá-lo pelos três dias de espera com uma oferta. Você pode escolher três graças para a sua jornada.* Enquanto viajava e esperava, Nachiketa tinha entrado no limiar entre os mundos, onde a verdade é revelada. Agora, três graças lhe eram oferecidas. Em seu luminoso estado mental, Nachiketa **pediu perdão para si mesmo e para tudo com que tinha tido contato.** *Que meu pai me olhe com a alegria que sentiu no dia em que nasci.* Nachiketa sabia que para continuar a jornada tinha que abrir mão do passado e se reconciliar com o que havia de incompleto no seu coração.

Ao pedir perdão para si mesmo, Nachiketa perdoou o pai, porque o perdão tem sempre mão dupla. Perdoar não é uma simples questão de vontade e nem sempre é fácil. Às vezes, para perdoar, temos que nos submeter a um longo processo de indignidade, mágoa e pesar. Perdoar não significa relevar as injustiças do passado. Podemos jurar: *Nunca mais vou deixar que isso aconteça.* Mas no fim basta deixar para lá a dor e o ódio do passado. Graças a essa bondade que a tudo suaviza, nós nos livramos da repetição cega, de lavar a dor do passado para o futuro. Perdoar não é tirar a outra pessoa do coração: Nachiketa sabia que, se tirasse o pai do coração, não poderia continuar o caminho com todo o seu ser.

O benefício trazido pelo perdão é a reunião com a vida, que deixou o coração de Nachiketa aberto e claro. Olhando-o de frente, o senhor Yama observou: *Seu primeiro pedido foi sábio, Nachiketa. Qual o segundo? Fale!* Depois de um momento de reflexão, Nachiketa falou: **Peço a graça do fogo interior.** Nachiketa sabia que para ter sucesso na jornada espiritual precisava de ardor e coragem para seguir o caminho com todo o seu ser. Assim, pediu força para se entregar à busca: fogo interior é energia sincera, paixão espiritual, Shakti, intensidade de ser.

Esse fogo, ou plenitude, não deve ser confundido com ambição, avidez ou sofreguidão na realização de uma meta. Não é um esforço para melhorar ou obter alguma coisa. Quando pediu essa intensidade, Nachiketa não pretendia chegar ao fim de uma jornada imaginada, mas estar totalmente onde estava. Precisamos da energia de nossa presença total para encontrar e domar o boi sagrado. O Senhor Yama elogiou outra vez a sabedoria de Nachiketa, abençoando-o com a força interior.

Livre das restrições de antigos conflitos e cheio de perseverança e energia, Nachiketa tinha agora quase tudo que é preciso para passar pela iniciação. Finalmente, o Senhor da Morte lhe disse para fazer o último pedido. Depois de refletir, Nachiketa olhou para a Morte e disse: **Peço o que é imortal.** Surpresa, a Morte lembrou ao audacioso jovem que esse pedido era o último e que ele podia pedir qualquer coisa. E dito isso conjurou visões do que Nachiketa podia escolher: um harém de belas donzelas para lhe fazer companhia na jornada, um carro de guerra dourado puxado pelos cavalos mais velozes do mundo, um palácio onde Nachiketa reinaria.

Nachiketa viu tudo isso e muito mais. *Por que não escolher uma dessas coisas?*, perguntou-lhe a Morte. Mas Nachiketa era um jovem determinado, que não se deixava convencer com facilidade. Quem já viu o boi branco sabe que um circo de moscas é só um circo de moscas. Assim, Nachiketa perguntou: *Essas coisas que me mostrou não vão voltar, mais cedo ou mais tarde, para seu reino, Senhor Yama?* O Senhor da Morte sorriu diante da sabedoria de Nachiketa e respondeu: *Sim, é verdade. Então eu quero conhecer o que é imortal.*

Diante disso, o Senhor Yama disse: *Vou lhe conceder sua graça.* Então deu a Nachiketa um presente simples mas extraordinário: um espelho. *Se você quer descobrir o segredo da imortalidade, Nachiketa, eu só posso lhe dizer para se olhar de frente, e se fazer repetidas vezes a maior das perguntas humanas: Quem sou eu? Olhe além do seu corpo e dos seus pensamentos, Nachiketa. Assim, vai encontrar o que procura.*

Expandindo a consciência em relação às projeções do *animus* e/ou às imagens do inconsciente

15) Início de agosto/2004: *Sonhei que estava caminhando com a minha empregada e a babá das minhas filhas, todas as duas evangélicas, num lugar desconhecido para mim, mas conhecido para elas. Encontrávamos um outro rapaz que trabalha na minha casa, o jardineiro, também evangélico, e ele me mostrava a sua “igreja”. Entrávamos nessa igreja com ele para conhecê-la. A igreja parecia uma casa grande com um amplo salão no qual havia pessoas sentadas em torno de mesas, tal como um escritório grande ou um local de estudos. Nesse ambiente, o jardineiro me apresentava o seu*

pastor: trocávamos um aperto de mão simpático e algumas poucas palavras. Voltava a caminhar e via uma casa pequena, porém jeitosa, bonita e organizada. Passava perto dessa residência e dizia para as minhas companheiras que eu já tinha entrado nela, que a casa pertencia ao tio do meu ex-marido. Neste momento, a porta e/ou janela da casa se abre e vejo várias pessoas da família dele sentadas ao redor de uma mesa no seu interior. Contudo, uma pessoa em especial me surpreende e me chama muito a atenção: uma moça que também estava sentada, mulher de um primo do meu ex-marido, que considero jovem e bonita, mas que nunca a tinha visto freqüentando essa casa. Continuo a caminhar.

Assim que acordei e fui tomar o café da manhã, comentei o sonho com a minha empregada. No entanto, disse a ela que estranhei o fato de o jardineiro levar nós três para conhecermos a igreja dele, como se elas também não a conhecessem. Isso porque, segundo o que sabia, os três freqüentavam a mesma igreja. Ela me disse que não, que há uma semana atrás, esse rapaz, junto com uma ala mais jovem da igreja dela, haviam fundado uma nova igreja. Achei muito interessante esse fenômeno sincronístico, de caráter telepático. Ou seja, o meu inconsciente captou uma informação desconhecida da minha consciência e a utilizou para seus propósitos.

Em relação ao momento do sonho, estava escrevendo sobre Hegel na tese e compreendi que esses símbolos poderiam significar o que o meu inconsciente percebeu sobre a relação desse filósofo com a religião, além de contribuir para tornar mais claro a minha própria vivência com essas questões. Isso porque a presença do caráter religioso neste sonho é muito forte, tanto em relação aos personagens, como a própria entrada na igreja. As pessoas que trabalham na minha casa e a família do meu ex-marido são todas pessoas bastante ligadas à religião, embora professem crenças diferentes. Hegel era protestante, mas pessoalmente, conheço pouquíssimos protestantes, a não ser esses empregados, todos evangélicos. Logo no início, apareço caminhando com essas duas mulheres, ambas ligadas à religião evangélica. Não conheço o caminho, é como se elas me conduzissem. Ou seja, não tenho conhecimento da religião protestante e também conheço pouco da filosofia hegeliana, é

um mundo estranho para mim. Uma outra interpretação possível e talvez complementar, seria que meu lado feminino, mais sensível e intuitivo, simbolizado pelas duas mulheres, é quem me guia pelos caminhos do transcendente e da própria filosofia de Hegel, pois, nesta pesquisa, utilizei a linguagem simbólica para compreender o seu pensamento. O próprio fato de serem duas mulheres reforça essa hipótese, pois o número *dois* na numerologia é o símbolo do feminino. Encontramos o jardineiro e ele nos apresenta a sua igreja. Percebo este rapaz e a sua igreja nova (que só entendi após a conversa pela manhã com a empregada) como o símbolo maior da relação da minha compreensão da filosofia hegeliana com a dimensão religiosa. Hegel considerava que a forma de alcançar o espírito absoluto era pela consciência racional. No sonho, essa nova igreja era ampla e parecia um local de estudo, um lugar que para mim tem uma aparência mais racional e científica. O pastor era simpático, mas não me demoro muito nesse local. Talvez porque essa não seja a “minha igreja”, a minha forma própria de me relacionar com a vida e com o sagrado. Ou ainda, foi muito bom ter estudado Hegel, contudo não me identifico plenamente com a sua filosofia dialética. Então, no sonho, fui embora.

Continuando o caminho, junto às minhas companheiras, ou seja, com o meu lado feminino, vejo outra casa, desta vez, uma residência conhecida, dos parentes do meu ex-marido, que são todos espíritas. Na realidade, a casa dessas pessoas é uma casa de veraneio, numa região de praia, confortável, porém não tão jeitosa como a da imagem do sonho. Esta me pareceu mais uma casa de campo, com flores na janela, pequena, porém bonita e organizada. As pessoas que identifico como os donos da casa, além das pessoas que observo no seu interior, podem representar a minha relação com o espiritismo e até com o meu ex-marido. É uma religião e uma família com a qual tenho mais intimidade, que já vivenciei uma relação próxima, mas que também não considero que seja a “minha religião” ou a “minha família”. Talvez por isso a casa tenha aparecido para mim dessa forma: aconchegante, porém pequena. Este ainda não é o meu lugar. É possível que uma outra parte da minha psique esteja simbolizada por aquela moça, uma professora que quando se casou, abandonou a sua profissão e se tornou apenas uma dona de casa. No sonho, olho para a moça, ou seja, para eu mesma, e me surpreendo por ela estar ali, como se aquele não fosse o seu lugar. Não

deixei de atuar no campo profissional quando me casei, no entanto, percebo que se eu permanecesse naquela religião e naquele casamento, seria uma forma de negar meu verdadeiro eu, a minha individualidade. É como se eu tivesse apenas estado naquela casa de passagem, como uma estadia no campo. Continuo a caminhar, esta estrada ainda não acabou. Estou vivenciando um processo de mudança em todos os sentidos: filosófico, religioso, metodológico, sentimental ... E quantos mais eu conseguir perceber neste novo caminho.

É importante notificar que, no dia em que tive esse sonho, não procurei interpretá-lo escrevendo, pois fiquei muito impactada com ele, devido ao fato de estar ligada à minha religiosidade e ao meu casamento também. A minha relação com o sagrado sempre teve um aspecto muito forte sobre mim e sempre sofri muito pelo fato de a minha vida acadêmica não integrar essa parte de mim. Percebo agora que até a minha vida com o meu ex-marido foi uma forma de compensar estas contradições, uma *projeção* de necessidades internas. Foi após esse sonho que comecei a perceber que seria interessante anotar todos os meus sonhos, como um registro de pesquisa. Esta interpretação ocorreu cinco meses depois do sonho em questão.

16) 20/21-10-04: *Sonhei que estava em uma festa com uma colega, que é professora também. Na festa, ela era o meu par para fazermos uma experiência de tipo sexual, para conhecimento do próprio corpo e prazer. Não era uma relação amorosa, mas apenas uma vivência. Fazíamos de um lado e eu sentia que estava meio presa, não sentia muito prazer. Ela me diz para eu procurar me soltar mais do outro lado. Fizemos desse outro lado e foi melhor, senti mais prazer, me soltei mais. Era uma experiência em que não ficávamos de frente uma para a outra, eu ficava de frente às suas costas. Tenho a impressão de que dos dois lados ocorreu o mesmo. Após essa vivência, esta professora me apresentava um homem estrangeiro, louro e de olhos claros, que falava inglês. Eu procurava falar o “meu inglês”, não muito bom, mas me expressava como podia, sem vergonha ou coisa parecida. Apenas dizia a ele para me desculpar, que não falava a língua dele bem, mas que poderíamos nos comunicar. Na hora de ir embora da festa eu ia com este homem. Ele parecia gostar da minha companhia, satisfeito. No*

entanto, a impressão que tinha era de que eu estava mais aberta para ele do que ele para mim. Ele tinha que ir para um hotel em Copacabana. Esperávamos o táxi, carro ou ônibus num calçadão de uma praia. Ele não entendeu direito porque eu ia com ele, mas aceitou ou gostou, não sei. Eu mesma parecia estar confusa, mas me decido (?) ir com ele para o seu hotel (?), e do hotel eu iria para a minha casa(?). Esta parte final do sonho ficou um pouco nebulosa. Acordei.

Essa mulher que aparece no sonho é uma professora que fez a sua tese de doutorado baseada em Freud. Embora eu não tenha estudado esse autor diretamente, Jung, em diversas partes da sua obra, faz referência a psicanálise freudiana como uma teoria que supervalorizou o instinto sexual para justificar os diferentes problemas da neurose. Neste sentido, a impressão que tenho é de que essa professora surgiu no sonho porque a estou associando ao meu instinto sexual, à atração pelo sexo oposto, às minhas relações afetivas. A segunda parte do sonho – do encontro com o homem estrangeiro, reforça essa hipótese. Recordo-me também que essa professora uma vez me chamou para fazer biodança, que é um tipo de experiência da qual já participei, em que se realizam vivências parecidas com a desse sonho. O fato de eu aparecer com uma mulher no sonho pode indicar que neste momento eu deveria me desenvolver sozinha, sem a necessidade de um parceiro.

Além disso, antes de começar a registrar os meus sonhos de forma organizada como fiz nesta tese, já tinha acontecido de eu sonhar outras vezes com *festa*, e percebia que, em geral, associava festa a *confusão*. Isso porque gosto mais de estar em grupos pequenos. Festa me lembra muita gente, muitos sentimentos e interesses diversos, confusão. Somente aprecio grupos grandes quando existe um assunto e/ou interesse em comum, como no caso de uma sala de aula, por exemplo. E mesmo assim, prefiro turmas pequenas. Portanto, o fato de eu estar numa festa pode simbolizar que estou confusa em relação as minhas questões sexuais e afetivas. Esse homem estrangeiro pode indicar que os homens têm parecido estranhos para mim, difíceis de compreender e de me relacionar, como se fossem de outra cultura, com outras necessidades, valores, sentimentos, etc. Contudo, eu procurava me comunicar com ele

de forma aberta, sem reservas, me mostrando como sou de verdade, na língua dele, pois, uma vez que eu falo a sua língua, esta passa a ser minha também. Ele parecia gostar, aceitando tudo com um sorriso. Depois não tenho certeza se prolongo essa relação ou não. Ele também não se manifesta sobre o rumo a dar após essa relação inicial. Resolvo arriscar, ir com ele? No entanto, sem um compromisso definitivo? Ainda não o conheço o suficiente, além disso, tenho que voltar para casa. Ficamos esperando alguma coisa nos levar, confusos ainda.

Outro fator que me chama atenção é o aspecto físico desse estrangeiro: louro, branco e de olhos claros. Conscientemente, sempre senti mais atração por homens morenos. No entanto, todas as relações afetivas que considerei importantes, foram com homens claros, embora não necessariamente louros. Meu pai é branco, tem olhos azuis, e em muitos aspectos é um estrangeiro para mim. Já até namorei, de verdade, um homem muito parecido fisicamente com meu pai, um estrangeiro, irlandês, que conheci numa discoteca em Londres. Após um período de intensa paixão, ele preferiu voltar para o seu país, a Irlanda, para a sua família, para a sua mãe. Apenas muito tempo depois do fim dessa relação, percebi que tínhamos objetivos e valores muito diferentes. Após refletir sobre as minhas relações de afeto mais fortes, inclusive com o meu ex-marido, percebi que esses homens tinham valores distintos dos meus e pareciam querer uma *mãe* e não uma companheira. Considero que este tipo de situação entre homem e mulher não é algo que se restrinja apenas ao meu caso em particular, mas que está muito presente nos casamentos da nossa sociedade. Embora acredite que numa relação afetiva a mulher possa se comportar em alguns momentos um pouco como uma mãe, pois todas as pessoas necessitam de um “colo”, de se sentirem protegidas e acarinhadas por um outro, semelhante ao papel social e arquetípico da mãe, nunca considerei que essa era a única relação possível e desejada entre duas pessoas. No entanto, inconscientemente, talvez seja esse tipo de homem e de relação que tem me atraído. Ou seja, o arquétipo masculino atuante na minha psique está ligado a um tipo de homem que ainda não se libertou do desejo de estar com a mãe, que ainda não se *indivíduo*. A relação que tive com o irlandês, mesmo que tenha durado pouco tempo, foi uma relação arquetípica da minha psique. Neste sonho, a minha indecisão de ir com esse estrangeiro pode demonstrar que estou num período

de transição, de mudança. No fundo, já posso estar percebendo que esse homem, com valores diferentes dos meus, seria mais um a me largar depois pelo seu país, pela sua mãe. Uma relação que não iria me fazer feliz.

Portanto, considero que este sonho representa o encontro com o meu arquétipo masculino, que vem se repetindo nas minhas relações afetivas. Ou seja, um homem que ainda sente necessidade de uma mãe, de ser cuidado e não de viver de uma forma mais autônoma, *individuado*, segundo a expressão de Jung. O meu comportamento neste sonho também é típico, ou seja, eu me abro para este outro, procuro falar a sua língua, me esforço para entrar no seu mundo, mas depois percebo que temos valores diferentes e que ele procura uma mãe e não uma companheira. Infelizmente, esse tipo de relação foi freqüente em todas as minhas vivências afetivas. Quantas mulheres já não sentiram o mesmo na nossa cultura?

17) 24/25-10-04: *Via a minha filha mais velha, mergulhando numa piscina, se levantando e dizendo com um sorriso nos lábios, achando graça, que eu ia me casar, ou ia namorar. Eu não entendia direito e pedia para ela repetir. Ela dizia que eu ia encontrar um namorado, mas o papai também ia encontrar uma namorada para ele, e falava essa última frase meio receosa de eu ficar chateada. Parecia que estávamos todas numa piscina e a minha filha menor, mergulhava comigo de forma confiante. Eu dizia para esta filha que estava feliz de ela cair na piscina com a mamãe. Mergulhávamos mais de uma vez. Era um momento gostoso para todas, de alegria, resultados positivos.*

Foi um sonho feliz, azul, alegre, acolhedor. O mergulho da minha filha mais velha numa piscina, pode estar representando o mergulho da minha consciência mais racional no meu inconsciente pessoal. Isso porque, na minha visão, esta filha, que tem cinco anos, neste momento, apresenta uma consciência racional mais desenvolvida do que a outra. E a piscina, por ser uma água delimitada, é bastante diferente do mar – que poderia ser visto, também nesse caso, como um símbolo do inconsciente coletivo. Neste sentido, estou associando a piscina ao meu inconsciente pessoal. Além disso,

uma piscina é algo mais claro do que o mar. As coisas podem estar mais claras, mais conscientes para mim agora. Mas ainda não tão profundo?

A minha filha mais nova, que é uma criança que tem muito medo de entrar em piscina e/ou mar, pode estar simbolizando eu mesma neste momento, que estou mais confiante, entrando no meu inconsciente sem tanto medo do que vou encontrar. Mas o importante é que no sonho todas nós, todas as partes da minha psique estavam felizes, confiantes. Uma possibilidade de maior harmonia da psique no futuro?

18) 27/28-10-04: *Sonhei que vivia com dois homens, ou estava na cama com eles. Tinha relações sexuais com o homem mais forte, mais bruto, que tinha pregos pelo corpo. Contudo, os seus pregos não me machucavam, se tornavam macios com a aproximação do meu corpo. Era muito gostoso. Mas na cama também estava esse outro “marido”, um tipo de homem mais doce, mais feminino. Ele ficava com muito ciúme de eu ter tido relações sexuais com o outro. Além disso, na cama também estavam duas mulheres, amigas desse marido mais doce. Conversava com ele e lhe dizia que não deveria ter ciúmes, que também gostava dele e que ele já deveria ter se acostumado com essa realidade, que eu gostava dos dois. Dizia que ele também tinha amigas e que eu não sentia ciúmes delas. As duas mulheres se despediam e diziam que tinham gostado da nossa acolhida e talvez voltassem nas próximas férias. Nos despedíamos na porta de casa. Eu também ia viajar, via minhas malas, uma grande, outra menor e uma bolsa. Parecia algo normal, mas não sei para onde.*

Será este mais um sonho que trata das minhas escolhas afetivas e do arquétipo masculino que carrego? O fato de aparecerem dois maridos, talvez demonstre a minha divisão interna em relação aos meus sentimentos sobre os homens. Conscientemente, sempre quis e me relacionei com homens mais doces, que parecessem sensíveis e ternos. Esse outro homem, bruto, forte e com pregos pelo corpo pode estar representando o oposto dessas figuras masculinas que conscientemente mantive relações afetivas. Contudo, a imagem deste homem bruto pode estar simbolizando o arquétipo masculino que interiorizei do ambiente familiar, da minha infância. Porém,

talvez o sonho demonstre que estou me aproximando deste tipo de homem também, me integrando mais. No fundo, é um amor antigo que estou resgatando, por isso falei para o outro homem que ele deveria já ter se acostumado com esse meu outro amor. Digo que amo os dois homens. Mas no sonho eu tenho relações sexuais apenas com um deles: o mais parecido com o arquétipo masculino que conscientemente procurava me afastar. A sua aparente brutalidade e os pregos, que poderiam me machucar, não me machucaram, eu senti prazer com ele. Estou querendo um homem que tenha essas duas qualidades? Que seja doce e ao mesmo tempo forte? Não quero optar unilateralmente, quero os dois, amo os dois. E essas duas mulheres que são personagens no sonho também? Talvez seja para indicar o lado feminino desse outro homem, que tem que ser duplamente feminino para compensar a falta do feminino no outro e em mim mesma? Mas elas se vão, talvez eu não precise mais me aproximar de homens tão femininos, tão passivos. E a minha viagem, carregando uma mala grande e uma pequena, sozinha? Talvez simbolize o fato de eu estar partindo para viver uma nova realidade, diferente desta que vivi até então. Mas, por enquanto, sozinha?

19) 8/9-11-04: *Sonhei que um homem, com quem já tive um relacionamento amoroso, estava dançando animadamente, todo solto, com movimentos largos, primeiro um pouco sem graça ainda, mas depois se soltava completamente, de forma corajosa. Eu primeiro olhava e ficava encantada, pois este homem nunca foi de dançar e sempre foi tímido, sem coragem para se soltar, para entrar no ritmo da vida com alegria e desenvoltura. Então resolvo dançar com ele, os dois soltos, e é uma delícia total, muito, muito bom! Depois conversamos um pouco e ele diz que já não é mais o mesmo e que vai aceitar o meu pai⁶. É como se fôssemos voltar. Fico feliz.*

Esse sonho pode indicar o meu encontro comigo mesma, como meu inconsciente, com o *animus*, na terminologia de Jung. Percebo que a relação com este homem pode ter sido uma *projeção* de algumas necessidades interiores na figura deste outro. Em muitos aspectos, este homem me pareceu o oposto do *arquétipo paterno* que

⁶ Na vida real, meu pai e este homem tiveram problemas de relacionamento.

carregava. Neste sentido, estou interpretando este sonho como a possibilidade de integração desses dois lados “opostos” da minha psique: a ordem e a desordem, a calma e a força para lutar pelos meus objetivos, o racional e o irracional, o consciente e o inconsciente. A alegria de fluir com a vida novamente com leveza, desenvoltura, coragem e harmonia. Talvez seja a dança do encontro com o *si-mesmo*. Foi um sonho delicioso!

20) 20/21-11-04: *Sonhei que a minha filha mais velha estava doente, mas eu achava que não era nada grave, que ela ia ficar boa. Lembro que meu pai aparecia nesse momento também, muito preocupado, achando que ela ia morrer. Via um casal idoso, os pais de um homem com quem já tive um relacionamento amoroso, descendo uma escada e me dizendo que este filho estava muito doente, semi-morto. Este homem estava numa cidade pequena, talvez Santa Maria Madalena⁷. Diziam que ele não escutava mais ninguém, nem falava, estava deitado numa cama. Ia morrer. Eu ia até o quarto onde ele estava deitado, mas ele falava quando solicitado pelas crianças e/ou por mim. Acho que não parecia tão doente.*

Esta filha, de fato, estava com problemas na bacia e teve que ficar de repouso na semana em que tive este sonho. Mas não foi nada grave. No sonho, talvez esta filha simbolize a minha vida atual: tendo que ficar parada, em casa, fazendo meu trabalho, num momento de introspecção. A preocupação do meu pai e/ou da minha família pode ser a minha própria preocupação, estou me sentindo meio morta para a vida lá fora. Mas um outro lado meu sabe que esse tempo vai passar, que eu vou poder retornar à “vida”, ao mundo exterior. A figura desse homem “doente”, confirma, para mim, essa hipótese. Além desse homem ser um tipo de pessoa mais introvertida, tanto o local, uma cidade pequena, como o estado em que ele se encontra, sem escutar e falar com mais ninguém, semi-morto, sugerem um momento de introversão. Para esse casal idoso, pessoas super falantes e comunicativas, tipos extrovertidos na simbologia junguiana, este filho (eu), só poderia estar morto assim. Por um lado, estou me

⁷ Um município do Estado do Rio de Janeiro, onde já passei férias com as pessoas que aparecem no sonho.

sentindo incomodada por tanta introversão, e meu pai e este casal estão representando essa minha dificuldade. Por outro lado, percebo que, no fundo, estou bem, tal como a minha filha e esse homem também estão. Apenas as crianças me trazem à vida, são as minhas grandes alegrias atualmente. As minhas filhas, as crianças, o novo, nos trazem para fora e para dentro ao mesmo tempo. Outrossim, me pareceu que esse homem também me respondia, ou seja, o meu consciente está se encontrando com o inconsciente, pois tanto eu quanto os outros personagens tiveram que “descer uma escada” para se comunicar com esta figura masculina, com o meu lado inconsciente.

21) 6/7-01-05: *Eu estava numa festa, organizada pelo meu pai, à noite, num grande jardim, gramado e muito bonito, de uma casa que parecia minha e do meu pai. Parecia o jardim de uma mansão, pois era enorme. Uma colega, que é professora também, estava comigo na festa, mas parecia não estar gostando muito dela. Eu lhe dizia que meu pai tinha preparado uma surpresa, que iríamos assistir a um filme ali no jardim, o que aconteceu logo a seguir. Era um filme sobre escavações antigas, preto e branco, sem cor.*

Essa colega, que aparece no sonho, é uma professora de quem eu gosto e admiro muito, com a qual tenho afinidade, mas com quem quase não tenho tido contato. Eu a considero uma pessoa muito íntegra, esforçada e trabalhadora, mas solitária e sem filhos. Percebo que ela possa estar simbolizando como estava me sentindo naquele momento, trabalhando muito, porém solitária, pois, pela primeira vez, as minhas filhas viajaram com o pai para passar cinco dias fora. O máximo de tempo que havia ficado sem elas tinha sido dois dias.

Outro fator que me chama a atenção, o qual revela mais uma característica dos meus sentimentos daquele momento, é que o meu pai é quem tinha organizado a festa e até o filme que iríamos assistir, ou seja, é como se o meu “eu”, a minha consciência estivesse passiva diante dos acontecimentos. É como se o *animus*, a minha alma e/ou o meu inconsciente tivesse organizado a festa. A minha consciência racional parece estar atuando como expectadora, embora esteja se esforçando para participar e gostar

da festa, incitando a minha colega, o meu lado emocional daquele momento (só e trabalhando muito). Outrossim, como já disse anteriormente, no sonho de número 16, associo festa à confusão, indistinção, falta de clareza. A situação de estarmos numa festa, então, pode estar significando confusão emocional e ainda falta de clareza na relação consciente-inconsciente.

O fato de eu estar descendo e de ser um jardim amplo, numa festa, à noite, além da temática do filme – escavações antigas e em preto e branco - me sugerem descida, aprofundamento, amplitude, confusão, escuridão, coisas antigas, arquétipos, estruturas do inconsciente coletivo ... Portanto, a imagem de estar assistindo, com esta colega, após descer por um jardim amplo, à noite, um filme sobre escavações antigas, preto e branco, pode simbolizar uma imersão nos arquétipos do inconsciente pessoal e do inconsciente coletivo. Ou seja, um aprofundamento da consciência em relação aos conteúdos do inconsciente, da noite, das sombras, do que não está claro.

Já havia sonhado com uma casa grande, e agora surge um jardim gramado, maior ainda, como se fosse de uma mansão. Mesmo que a imagem da casa não tenha ficado clara (mais um símbolo que pode indicar uma consciência confusa), a impressão que eu tinha é de que a casa do jardim ficava no alto e íamos descendo num terreno amplo. O interessante é que a residência era minha e do meu pai ao mesmo tempo, talvez mais dele, pois ele é quem tinha organizado a festa. Entretanto, a imagem do meu pai não aparece no sonho, apenas “sei” estas informações. Desta forma, talvez o meu jardim, a minha vida psíquica como um todo tenha se ampliado, já estou mais consciente em relação ao arquétipo masculino e/ou paterno da minha psique. Pois, mesmo sem estar presente, sei que foi o “meu pai”, o meu *animus*, o arquétipo masculino, quem está organizando essa festa, ou seja, as imagens do inconsciente.

Além disso, o fato de parecer que a casa e o jardim pertenciam a mim e ao meu pai, também pode indicar que estou sentindo esse arquétipo e o meu inconsciente mais próximos, junto a mim, e que esta passividade seria apenas aparente. Ou seja, apenas o meu “eu”, enquanto centro da consciência, é que está se ressentindo dessa falta de controle sobre a minha vida. Na verdade, talvez um novo centro na psique, o si-mesmo, é quem pode estar atuando com mais intensidade, gerando uma insegurança inicial no

“eu”. Interessante perceber que até o fato de as minhas filhas terem viajado com o pai delas, acarreta um sentimento de “falta de controle” desse “eu” também. Esse evento me recorda o fenômeno da sincronicidade que Jung observa. Desta forma, percebi que mesmo em um momento de fragilidade emocional e de falta de controle do “eu”, deveria continuar a me aprofundar nas questões do inconsciente, pois esse “filme” ainda estaria longe de ter um fim.

22) 6/7-02-05: *Sonhei que estava me preparando para voar. Contudo, um sócio e amigo do meu pai me informava que eu tinha algumas dívidas de fotos antigas para pagar, pois o meu pai não as tinha pago. Eu estranhava, pois considerava fotos coisas tão baratas, que me perguntava: por que meu pai não pagou estas dívidas logo? O homem, percebendo o meu estranhamento, me mostra uns três envelopes de fotos antigas a fim de confirmar a veracidade da situação. Olhei e não me preocupei muito, pois aquela dívida não significava um grande problema, era uma dívida pequena e iria pagá-la logo. Resolvi voar e foi delicioso!*

A questão de estar me preparando para voar, pode simbolizar uma vontade/necessidade e/ou possibilidade de expansão, de me sentir livre das sombras do passado, de ser eu-mesma, ou seja, do si-mesmo atuar e se expressar de uma forma mais autêntica. O homem me dizendo que ainda restavam dívidas antigas, que meu pai não as tinha pago, pode indicar uma espécie de alerta, como se eu ainda não pudesse voar, me expressar livremente, pois ainda restavam responsabilidades a serem quitadas. Essa dívida apareceu como sendo de fotos antigas, ou seja, pode estar associada a situações que já passaram, mas que, no entanto, as suas imagens e emoções ficaram fixas na minha psique. Situações antigas que deixaram marcas na minha psique. Além disso, é dito que “meu pai não pagou a dívida”, ou seja, meu lado masculino, mais ativo, que luta pela vida, não esteve presente naquela situação que as fotos revelam? Pode ser. Mas que situações seriam essas? Ainda não sei.

Mas o que importa é que, no sonho, percebo que essa é uma dívida pequena, que pagarei logo. E resolvo voar. O vôo é fantástico, me sinto maravilhosamente bem.

Será que esse vôo pode significar que estou próxima de resolver certas sombras e poder viver mais plenamente?

23) 23/24-04-05: *Sonhei que estava na casa do meu ex-marido para uma reza para o seu pai, que havia falecido. Era um evento especial, a casa tinha sido toda arrumada para a reza. A sala era um grande salão com cadeiras dos dois lados. Havia muita gente na casa. A pessoa que ia fazer a reza era um dirigente espírita. Subo para o andar superior, que está diferente, com uma televisão enorme numa pequena saleta e uma escada que subia mais ainda, ao centro. A televisão era do meu ex-marido, é ele quem nos mostra esse cômodo. Desço e procuro um lugar apropriado para sentar. Atravesso o grande corredor, vejo uma amiga desta família, sentada do lado esquerdo, e só consigo lugar bem atrás, meio de lado, à esquerda. Vejo meus pais também, eles chegam e sentam em um outro lugar, meio distante, do lado direito. Fico pensando que talvez devesse ficar próxima as minhas filhas, que estavam bem na frente, numa mesa com cadeiras especiais, logo após o altar. Fico em dúvida, pois era um evento com o pai e eu quis deixá-lo à vontade com as crianças, mas também eu ficar tão longe! Penso que poderiam ter preparado um lugar mais próximo para mim. A mãe do meu ex-marido chega pelos fundos, de uma maneira triunfal, com um vestido que tinha um desenho de uma flor bem grande, cor de laranja e amarela, no centro do peito e do estômago. Esta senhora caminha pelo lado oposto ao qual me encontrava, em direção ao altar. É a imagem mais forte do sonho.*

O pai do meu ex-marido já faleceu há cerca de um ano. Esse funeral pode estar representando a morte do meu próprio ego, a necessidade de humildade do ego em relação a um novo centro da psique – o si-mesmo. Essa interpretação está ligada a vários símbolos expressados no sonho: a imagem que eu tinha deste senhor; a presença dessa amiga da família, uma mulher que tem a minha idade e que identifico como tendo características e “defeitos” semelhantes aos meus; o lugar no qual me sento, atrás e sem destaque nenhum, fazendo com que meu ego se sinta “menor”; a entrada triunfal dessa mãe, pelos fundos da casa, com um vestido que tinha uma

grande flor laranja e amarelada no centro do peito e do estômago, me sugerindo a morte do marido/ego e o nascimento de um novo estado, de uma nova relação com a vida psíquica. Esta flor recordou-me a mandala da Flor de Ouro descrita por Jung (1986, p. 99) como o Elixir da Vida para o taoísmo da ioga chinesa e que, segundo a teoria junguiana estaria relacionada à vivência do si-mesmo:

... se o indivíduo conseguir reconhecer o inconsciente a modo de fator co-determinante, ao lado do consciente, vivendo do modo mais amplo possível as exigências conscientes e inconscientes (isto é, instintivas), então o centro da gravidade da personalidade total deslocar-se-á. Não persistirá no eu, que é apenas o centro da consciência, mas passará para um ponto por assim dizer virtual, entre o consciente e o inconsciente: o *si-mesmo* (Selbst). (JUNG, 1986, p. 59)

Outros símbolos presentes no sonho também podem sugerir esta minha forma de interpretação. Esse ritual da morte do “ego” era um evento religioso, ou seja, de re-ligação com o sagrado, com o “elixir da vida” que existe em nós, segundo o taoísmo. Era um dirigente espírita que iria presidir a cerimônia. O espiritismo pode ser compreendido como uma religião que lida com aquilo que não percebemos com os cinco sentidos físicos, com o invisível, com uma realidade não objetiva, com o “virtual”. O encontro do si-mesmo também não é uma experiência concreta, porém uma experiência que envolve o inconsciente, o que não percebemos necessariamente pelos cinco sentidos físicos.

No sonho, o meu ex-marido, que pode ser compreendido como o *animus*, me conduz para o andar superior, onde vejo uma televisão enorme e uma outra escada ao centro dessa saleta. A escada me sugere crescimento, expansão da consciência; e o fato dessa outra escada estar no centro da sala também me instiga a pensar em um novo centro da psique. A enorme televisão que pertencia ao meu ex-marido, pode estar indicando as imagens criadas pelo inconsciente, virtuais, imagens que o *animus* tem me proporcionado ao longo do desenvolvimento desta pesquisa e da minha psique.

E por que havia muita gente na casa? Será uma alusão às várias partes da psique que tive que prestar atenção nos sonhos e integrá-las mais, reuni-las para a morte do ego? Vejo também meus pais e minhas filhas nessa cerimônia. Meus pais estiveram presentes nas minhas imagens oníricas, deixaram suas marcas na minha psique, são atuantes no meu ser. As minhas filhas podem estar simbolizando uma nova

organização da psique - sentadas num lugar de maior destaque do que o meu ego, próximas ao *animus*, ao inconsciente.

24) 28/29-06-05: *Sonhei que estava me casando com o meu ex-marido. Eu estava com um vestido branco muito bonito e usava um colar com um pingente de pérola em forma de gota. Também estava adornada com uma pulseira e um anel, ambos de pérola. Era um momento feliz. Acho que pensava no sonho ou acordava e voltava a dormir: Estou me casando com este homem de novo? Que estranho!*

Num segundo momento ou sonho, meu pai me dizia que estava recebendo (dinheiro) muito bem, me relatando quanto era. Falava isso todo satisfeito e dizia ainda que esse valor era só o salário fixo, que ainda tinha o que recebia com outros trabalhos. Eu ficava imaginando que talvez meu pai pudesse me emprestar dinheiro para pintar a minha casa, que está cheia de umidade na parede. Contudo, ele falava que estava querendo montar uma fábrica ou empresa com esse dinheiro.

O primeiro acontecimento desse sonho – o casamento com meu ex-marido -, pode estar simbolizando um verdadeiro casamento com o *animus*, com o inconsciente. Essa forma de interpretação se deve a vários motivos. Inicialmente destaco que na “vida objetiva”, não existe nenhuma intenção, de ambas as partes, quanto a uma nova aproximação amorosa. Outro aspecto que chama a minha atenção nessa parte do sonho, foram os outros símbolos utilizados: o colar, a pulseira e o anel de pérolas; os quais estou associando ao mar, ao símbolo maior do inconsciente. As pérolas, pedras do mar, também podem ser percebidas como um símbolo do si-mesmo. O próprio pingente em forma de gota me sugere uma forma arredondada, um símbolo de totalidade. Marie Louise von Franz (1977, p. 196 e p. 206) ressalta que:

*Se um indivíduo lutou séria e longamente com a sua *anima* ou o seu *animus* de maneira a não se deixar identificar parcialmente com eles, o inconsciente muda o seu caráter dominante e aparece numa nova forma simbólica, representada pelo *self*, o núcleo mais profundo da psique. (...) Pedras são imagens comuns do *self* porque são objetos completos – imutáveis e duradouros.*

Talvez esse *casamento* esteja representando que eu não precise mais *projetar nesse outro* necessidades da minha própria psique. A mesma autora, em outro livro, observa que, trabalhando com casais em análise:

Depois de superada a obsessão cega da projeção do animus e da anima, ambos sonham que por fim podiam se casar, desta vez para sempre. Um deles, ou os dois sonham que iam para a igreja participar da cerimônia nupcial, como se a remoção da projeção lhes possibilitasse uma verdadeira relação, amar de verdade, amar de olhos abertos. Sabedores do que dizem, um e outro se dizendo sim pela primeira vez. (FRANZ, 2002, p. 209)

No meu caso em particular, esse *casamento* no sonho não teria exatamente o mesmo significado que von Franz analisou, ou seja, a possibilidade de uma nova relação afetiva com este outro, como já foi ressaltado. Por outro lado, concordando com a sua percepção, esse símbolo talvez esteja indicando a remoção da projeção, a possibilidade de uma relação com o outro de *olhos abertos, sem projeções internas*.

E a parte do sonho em que aparece a figura do meu pai? Talvez seja também outro símbolo do *animus* e do inconsciente. A própria forma como esse pai se apresenta é bastante reveladora: satisfeito por estar ganhando muito dinheiro, com uma riqueza fixa e ainda com possibilidade de outros ganhos. Serão esses símbolos de uma relação permanente com as fontes da vida, com os recursos do inconsciente? A decisão do meu pai de montar uma fábrica ou empresa também pode ser entendida como uma confirmação do que venho apontando, pois uma relação positiva com o *animus* “pode personificar um espírito de iniciativa, coragem, honestidade e, na sua forma mais elevada, de grande profundidade espiritual”. (FRANZ, 1977, p. 195)

Em relação ao meu pensamento no sonho - do meu pai me emprestar dinheiro para pintar a casa que está com umidade na parede -, interpretei como preocupações do meu ego naquele momento. Estava preocupada com esta obra que tinha que ser realizada. Percebi que, em geral, a minha imagem no sonho se comporta como meu ego, não conseguindo captar a dimensão simbólica dos acontecimentos da imagem onírica. No entanto, pode ser que esta *minha casa com paredes úmidas* seja mais um símbolo de “uma consciência molhada com o mar do inconsciente”.

Desta forma, estou compreendendo que este *casamento*, *as pérolas*, a imagem do meu *pai rico e empreendedor*, e até essa *casa de paredes úmidas* possam ser símbolos que confirmam interpretações de sonhos anteriores, e signifiquem uma maior integração dos opostos na minha psique. Ou seja, uma relação mais estável com o inconsciente, uma relação mais equilibrada com a fonte da consciência. E, como gosto de me expressar, uma *expansão de consciência*.

Fico imaginando quantos “casamentos” ainda seriam necessários na minha/nossas vidas? Quantas relações mais verdadeiras teremos que estabelecer com aqueles que são percebidos como *outros*, como diferentes de nós, como opostos? Quantos casamentos a escola deveria celebrar? Com o pobre, o negro, o aluno especial, o arquétipo feminino, com os *excluídos* da educação?

Sonhos nos quais o *animus* é um amigo e/ou um professor compreensivo

25) 17/18-02-05: *Sonhei que meu cunhado me avisava que o dinheiro que tinha lhe dado para comprar uma passagem para viajarmos de ônibus, tinha sido insuficiente e que ele havia pago, com cheque, a quantia de R\$600,00. Eu me surpreendia com o valor da passagem, considerando-a muito cara, tendo em vista que a viagem não era para um lugar distante. O meu cunhado me informava, com um sorriso, que era aquele preço mesmo, que eu tinha me enganado, que não tinha jeito. Logo depois, via uma prima minha e notava que ela e a sua família também viajariam conosco. Eu me surpreendia mais uma vez, pois essa prima está morando em outro estado, e nos vemos, em geral, apenas nas festas de final de ano.*

Nesse dia 18, verifiquei que tinha que consertar muitas coisas na minha casa: o carro teve problemas, a porta de um armário saiu do lugar, o microondas pifou, a tinta de parte das paredes do meu quarto e do das crianças caiu, etc. O meu cunhado é síndico do prédio no qual mora há alguns anos e no dia anterior a este sonho, tinha me

alertado de alguns problemas no meu carro e na minha rua. Desta forma, estou associando o seu aparecimento nesse sonho, assim como a viagem cara, aos prejuízos que iria ter nos dias subseqüentes com problemas domésticos, maiores do que eu imaginava. Já a viagem, por ser de ônibus, me sugeriu lentidão, e ainda, coletividade, ou seja, o fato de várias pessoas diferentes fazerem parte dessa viagem, poderia significar contribuições/necessidades diversas para sanar minhas dificuldades. Eu iria precisar de vários profissionais para realizar os consertos. Além disso, não seria um processo muito rápido, pois o problema da minha rua, por exemplo, envolveria a prefeitura, tinha que estar preparada para a lentidão da burocracia pública.

A participação da minha prima na viagem é que, inicialmente, foi mais difícil para eu relacionar ao sonho em questão. No entanto, depois me recordei que, nessa semana, quando estava lendo o livro da M. Esther Harding (1985), *Os mistérios da mulher*, na parte em que a autora comenta sobre o “primeiro estágio” da evolução das mulheres, quando estas se comportam de uma forma muito instintiva, lembrei-me bastante dessa prima quando ela era mais jovem:

Quando o desenvolvimento de uma mulher é muito imaturo, ela é levada pelos impulsos inconscientes, atraindo e dominando os homens através do poder de seu instinto feminino. Assim, ela não apresenta qualquer consideração aos valores mais humanos, mas age de maneira puramente egoísta e destrutiva. (HARDING, 1985, p. 170)

Atualmente, acredito que essa prima não utilize mais o instinto de uma forma “sedutora”, mas tenha aprendido a utilizá-lo de uma forma mais sábia. Tal hipótese pode ser confirmada, na medida em que, no sonho, ela aparece com a sua idade hoje, junto a sua família, com marido e filhos. Acrescento ainda que essa mulher tem uma relação estável e que me parece boa, com o marido há muitos anos. Neste sentido, estou associando a sua imagem com o instinto feminino num estágio superior, com a sabedoria feminina, o qual estará presente nessa viagem, ou seja, na resolução desses problemas do cotidiano. Desta maneira, de um lado, o meu cunhado pode estar representando a minha parte masculina, atuante e decidida; enquanto, de outro lado, na mesma viagem, estará presente a minha sabedoria feminina.

Após essa interpretação inicial, percebi que tanto o sonho em questão, como os diversos problemas domésticos na qual estava envolvida, poderiam estar simbolizando

aquele meu momento de desenvolvimento nesta tese, no qual estava próxima da qualificação e ainda sentia que muitas questões precisavam ser mais elaboradas. Os símbolos não se manifestam apenas nos sonhos, mas estão presentes na nossa vida cotidiana.

26) 21/22-02-05: *Sonhei que estava numa escola explicando a um professor que só agora iria freqüentar as aulas de matemática e física, pois ainda não tinha tido tempo de estudar essas matérias, já que estava atarefada com as outras disciplinas e o meu trabalho. Justificava também que gostava de fazer tudo bem feito e se tivesse estudado todas as disciplinas juntas, não teria um bom resultado. O professor me olhava de forma compreensiva, aceitando tudo que eu falava.*

Associo esse sonho também, ao momento que estava passando na consecução da tese. No entanto, é interessante observar nele a imagem do *animus*, do inconsciente. Esse professor tem a aparência do *animus* na forma de um velho sábio, protetor e compreensivo. No sonho, é como se eu estivesse justificando para mim mesma porque, só agora, estava me dedicando a alguns aspectos mais racionais e conceituais da pesquisa, os quais surgem simbolizados pelas disciplinas matemática e física. Essa última matéria – física – pode sugerir um caráter de ciência prática também, ou seja, de experiências. As disciplinas podem significar, portanto, as vivências que tive através dos sonhos durante a realização deste trabalho, e a necessidade de relacionar e conceituar essas vivências.

Será o *animus* e/ou o inconsciente um dos nossos melhores amigos e/ou mestres? O nosso grande mestre interior?

Expandindo a consciência dos arquétipos do feminino

27) Setembro/2004: *Sonhei que estava apaixonada por uma mulher. Eu a via numa mesa, parecia um bar, e a achava linda. Num segundo momento, em outro lugar, eu estava numa mesa com a minha irmã e lhe contava que tinha sonhado que estava apaixonada por uma mulher. Minha irmã sorria.*

O interessante é que o segundo momento do sonho – a conversa com a minha irmã - aconteceu de fato, depois. Embora tal acontecimento pareça corriqueiro, não temos conversado muito, porque, apesar de sermos próximas, quase não temos tido tempo devido aos nossos compromissos profissionais. Ressalto, ainda, que naquela ocasião, esse foi o único sonho que relatei a minha irmã, pois logo após ele, estivemos juntas. Assim, na minha própria casa, sentada na mesa da copa, quando contei o sonho para a minha irmã, ela comentou que, em geral, quando uma mulher sonha que está apaixonada por outra mulher significa que está apaixonada é por si mesma. Considerei interessante a sua observação. Esse sonho parece representar o processo do meu reencontro com o feminino e com a linguagem simbólica. Importa destacar que esse sonho ocorreu logo após o do mergulho do mar, descrito na parte II deste trabalho.

A imagem que tenho da minha irmã é que ela é um tipo de mulher muito feminina, do signo de câncer - que tem como símbolo a Lua - com várias características desse signo: intuitiva, sensível, imaginativa, que tem facilidade com o seu lado maternal, boa dona de casa, ligada em produtos de beleza, etc. Além disso, ela tem uma relação estável e muito boa com o seu marido, há muitos anos.

Já havia comentado anteriormente sobre o meu estudo da astrologia e a minha forte ligação com esse conhecimento. Na medida em que estou interpretando os símbolos presentes nos meus sonhos, considero que a astrologia não pode ficar ausente deste processo, porque, além de constituir uma forte referência simbólica na minha vida, a astrologia pode ser percebida como um conhecimento o qual relaciona simbolicamente os planetas a princípios universais da psique. Como sugere Arroyo (1997, p. 54): “Outra forma de abordar a astrologia poderia ser chamada de abordagem *simbólica*, aquela que considera que os planetas e os signos são símbolos de processos cósmicos e de princípios universais”. É interessante lembrar que, segundo o

simbolismo da astrologia, o signo de câncer é justamente o signo da minha “cabeça do dragão”, que significa o caminho da minha evolução, o signo astrológico o qual representaria a integração de todas as minhas potencialidades energéticas, astrológicas. Além disso, a “cabeça do dragão” no signo de câncer está posicionada na Casa 10, a qual que representa o setor da realização profissional na vida de uma pessoa. Isso significa que a minha vivência do signo de câncer, o meu encontro com a lua, com o inconsciente e com o feminino estaria ligado ao meu campo profissional. Outro dado complementar é que, no meu mapa natal, também tenho o signo de gêmeos nessa mesma casa 10, a casa profissional, sendo que gêmeos é o meu signo solar, ou seja, meu lado racional. O signo de gêmeos simboliza a comunicação e, no meu caso particular, indica a necessidade de escrever e de atuar como docente. Mais ainda, a lua, o arquétipo feminino astrológico, no meu mapa natal está posicionada no signo de escorpião, o representante das águas profundas, do inconsciente, do estudo da psicologia. Essa idéia da “cabeça-do-dragão” pode ser relacionada ao encontro do si-mesmo, na terminologia de Jung. Apesar de ter estudado astrologia, essa parte do meu mapa nunca tinha ficado clara, apenas com a vivência desta tese, percebi o significado desses símbolos.

28) 15/16-10-04: *Sonhei que estava com as minhas filhas e duas freiras me diziam que eu tinha um outro filho, um menino, que ele tinha se salvado, não tinha morrido como eu pensava. Elas me mostravam o menino, de uns 5 ou 6 anos, mas eu não sentia que ele era meu filho. Achava que elas estavam mentindo, mas resolvia ficar com o menino assim mesmo.*

Quando acordei, fiquei tentando me lembrar de onde eu conhecia aquele menino, pois era um rosto familiar. Demorou um pouco, mas recordei. Era um menino que faz aula de natação na turminha da minha filha menor. Ele é maior do que os outros colegas, me parece meio bobo para a idade, não o considero bonito, tem feições grosseiras. O menino é muito diferente da mãe, que o acompanha sempre nas aulas, uma mulher que se destaca pela beleza de seus traços delicados. Uma vez o pai veio

assistir o filho nadando e percebi que o menino se parece com ele. Desta forma, inicialmente julguei que o menino deveria ter aparecido no sonho porque ele é muito diferente da mãe, não se parece filho dela aos meus olhos. No sonho, também não acreditava que era meu filho... No entanto, eu “resolvia ficar com o menino assim mesmo”, talvez pelo fato do menino ter sido entregue por duas freiras, duas mulheres religiosas, que aparentemente não mentem, que simbolizam verdade e entrega a Deus, ao sagrado. Desta forma, aceito o menino, o qual não me parece bonito e interessante, e com o qual não me identifico conscientemente, mas que talvez seja a minha verdade e necessidade de confiar no sagrado, no inconsciente neste momento. Assim, mais uma vez, como no sonho número 15, duas mulheres ligadas à religiosidade estão presentes. Não tenho muita ligação consciente com a Igreja católica, mas o fato de elas serem freiras, mulheres e em número de duas pode indicar novamente esta integração do meu aspecto feminino, intuitivo, maternal, inconsciente, simbólico, que estaria se manifestando. Portanto, as freiras, que podem representar o caminho simbólico do inconsciente, estariam me mostrando que esse menino é uma outra parte da minha psique, a minha *sombra*: uma criança meio boba, grande, porém que ainda não cresceu, desajeitada com a vida, que não sabe ainda o seu lugar. Uma pessoa rude, sem delicadeza na relação com as outras pessoas. Que tem muito que aprender ainda, antes de ser feliz como deseja? Que precisa de um tempo para se desenvolver? De uma mãe? Do inconsciente? Do aconchego do mundo interior? Poder ser ... Esse menino é parte de mim, uma parte que ainda não morreu, como eu acreditava. Ainda tenho um lado infantil e masculino, grosseiro e desajeitado, que precisa aprender a delicadeza do encontro com o outro e consigo mesma. Que precisa, inclusive, aprender a valorizar esse menino, também, na sua sinceridade e ingenuidade. No fundo, ele está com a mãe certa, como eu devo estar no caminho adequado também.

29) 18/19-01-05: *Sonhei que encontrava uma antiga babá das crianças, que está grávida. Eu lhe perguntava sobre o motivo de não ter aparecido mais na minha casa, pois estava querendo dar um presente para a criança. Ela ficava um pouco sem graça e não respondia. Eu perguntava o que a criança estava precisando, pois sabia que ela ia*

nascer em fevereiro: lençol, toalha, roupinhas? Ela fazia menção de responder, mas não sei se ela respondeu ou se não me lembro da resposta.

Essa moça realmente estava grávida e eu acreditava que iria ter um menino, em fevereiro. Ela trabalhou na minha casa durante mais de um ano e embora tenha nos visitado algumas vezes após a sua saída, há muito tempo não dava notícias. Sabia que não estava enfrentado uma boa fase com o marido e acreditava que por esse motivo estava sumida. Isso explica um pouco o seu jeito sem graça, sem querer me responder, ao falar comigo. Mas por que sonhei com essa babá neste momento da minha vida? A moça, que morava no interior, distante aproximadamente 2 horas da minha cidade, dormia na minha casa e só viajava para a casa de sua mãe de 15 em 15 dias. Foi uma moça que praticamente morou na minha casa e, por ser muito jovem, com a idade de 18 anos, eu tinha um certo sentimento maternal por ela. Conversávamos bastante e ela me dizia que o seu sonho é ser psicóloga no futuro. Fiquei bastante decepcionada quando soube que ela estava grávida de um namorado que acabara de conhecer, pois queria que ela terminasse seus estudos de uma forma mais tranqüila e tivesse a chance de cursar uma faculdade, como era o seu desejo. O filho poderia atrasar um pouco o seu projeto ou mesmo fazê-la desistir, mas espero que isso não aconteça. Contudo, a partir de um outro ponto de vista, um filho pode fazer com que ela amadureça, se torne mais preparada para um dia realizar seus sonhos.

Assim, quando penso na imagem do sonho, na moça grávida, as palavras que me vem à mente são: juventude, alegria, força de vontade, temperamento forte, vontade de ser psicóloga, gravidez, maternidade, força do feminino, criança, vida nova. Percebo que esse sonho pode representar um momento de gestação e nascimento, de processo e vida nova. É como se eu estivesse grávida também, grávida dos conteúdos da tese e do meu inconsciente, os quais vão gerar/criar algo novo, original. Pois todo bebê é um ser único, semelhante aos seus pais em muitos aspectos, mas um outro ser. Quando pergunto a esta moça o que ela está precisando para o bebê, no fundo devo estar me questionando o que está faltando para eu concluir esta parte do meu trabalho de tese, o meu encontro com o si-mesmo. Quais detalhes precisam ser arrumados,

organizados? Quais sombras precisam ser iluminadas pelo sol da consciência? É uma questão que preciso responder neste momento, mas que, no fundo, vai acompanhar a minha vida sempre. Pois todo equilíbrio e integração são passageiros, necessitam de novos desafios.

30) 25/26-02-05: *Sonhei que estava numa festa, na qual estava comemorando o encerramento feliz de alguma coisa. Estava sentada à mesa com a minha filha mais velha e uma tia minha. A minha avó chegava na festa e se sentava conosco. Ela me parecia tensa. Eu lhe dizia que esta era uma festa na qual eu queria ver todos felizes, sem tensões e/ou preocupações. Eu e minha tia incentivávamos a minha avó a ir se sentar próxima as suas amigas. Eu lhe informava que a minha mãe e a sua irmã tinham passado por nós direto, sentando-se com essas amigas.*

Percebo que a personagem central deste sonho foi a minha avó. A imagem que tenho da minha avó é muito positiva: uma pessoa que já tem a idade de 90 anos, mas que mora sozinha, é super independente, tem uma empregada que só trabalha na sua casa três vezes por semana, aos 80 anos foi aprender piano e hoje toca muito bem, participa de um grupo cultural para a terceira idade, de um coral, faz hidroginástica, ioga na piscina, tem uma saúde excelente, não fica falando nem em doença nem tampouco no passado (seus assuntos giram em torno dos acontecimentos da atualidade), além de ser linda e não aparentar a idade que tem. Numa palavra: uma pessoa que tem sabedoria. Quando discuto a filosofia dialética na sala de aula, sempre falo da minha avó como um exemplo de uma pessoa que está sempre se renovando, se modificando, aprendendo com a vida. Eu a utilizo como um símbolo de um ser humano que atua de uma forma dialética com a vida. Contudo, no sonho, ela aparece tensa, o que não é um estado emocional muito característico seu. Percebi que quem estava tensa era eu, com a proximidade do momento de qualificação da tese. Esse “rito de passagem” do doutorado tem me provocado tensão e preocupação. Outrossim, como todo ser humano, a minha avó também tem seus defeitos: tem um lado autoritário e só gosta de receber elogios. Acredito que esteja me sentindo dessa forma em relação à

qualificação: estou com medo das críticas. Esta tia que aparece ao meu lado no sonho reforça a hipótese, pois embora eu a considere uma pessoa maravilhosa, também se comporta de uma maneira autoritária algumas vezes, sem aceitar questionamentos de ninguém. Por outro lado, a imagem que tenho de minha tia também é a de uma pessoa muito alegre, intuitiva e aberta às questões do autoconhecimento. No sonho, eu e essa tia procuramos incentivar e alegrar a minha avó. Em relação à minha filha, que é uma criança, pode estar representando a parte da minha psique e da própria tese, que ainda não cresceu, que precisa se desenvolver, aprender e acatar humildemente todas as sugestões e críticas da vida e da banca de qualificação. Além disso, criança também sugere renovação e acredito que este momento da qualificação possa ser um momento de muito aprendizado e alegria. Tenho que sentir os professores(as) da banca como amigos e me juntar a este momento renovador, feliz. O incentivo para que a minha avó fosse sentar próxima das suas amigas me sugeriu tal interpretação. Soma-se a essa forma de análise, o fato de, no sonho, aparecerem duas mulheres, as quais na minha vida são percebidas como muito próximas e amigas, principalmente a minha mãe. Acredito que a minha mãe seja a melhor amiga que tenho nesta vida, a imagem que tenho dela é a de um verdadeiro “anjo da guarda”, o qual sempre me ajuda nos momentos importantes. Mesmo nesta tese, ela leu o texto inicial, a fim de me ajudar a perceber “erros de ortografia”, “frases que poderiam não estar claras ou bem escritas”, “correção da bibliografia”, etc. Além disso, muitas vezes, aparecia com um livro que era exatamente o que eu precisava ler naquele momento. Tenho uma sintonia muito grande com a minha mãe: os fenômenos característicos da sincronicidade são muito perceptíveis na nossa relação. O que não impede de discutirmos algumas vezes, de nos criticarmos, etc., porém, é uma “briga” de pessoas que se amam, que têm certeza que podem falar abertamente dos problemas, pois nada disso irá alterar a boa relação existente entre nós. Quando comecei a escrever os sonhos, inicialmente fiquei intrigada com a quase inexistência da minha mãe na linguagem do inconsciente. Estou interpretando essa ausência materna como uma *compensação* do inconsciente, na medida em que a minha mãe é muito presente na minha vida consciente.

A irmã da minha avó, que surge sentada ao lado da minha mãe, na mesa das amigas, também é uma mulher vista como muito amistosa, alegre, jovial (embora tenha

mais de 80 anos), que participa dos mesmos cursos freqüentados pela minha avó, que está sempre se renovando, e tem um comportamento doce, suave, gentil. Com certeza, se eu tivesse essas duas pessoas na minha banca de doutorado, a minha mãe e essa tia-avó, eu não precisaria ficar tão tensa. Interessante é que a minha mãe, embora seja mais questionadora que essa minha tia-avó, também é uma pessoa de temperamento suave, mais ligada ao comportamento do princípio feminino. Talvez seja uma indicação de como deveria me comportar no momento da qualificação. Ou ainda, estaria representando o meu desejo de que a banca me questionasse de uma forma branda, para que eu não sofresse muito.

31) 16/17-04-05: *Sonhei que via uma mãe de uma amiguinha da minha filha menor, grávida. Esta mulher me dizia que ela e o marido estavam muito felizes com a gravidez. Havia outras pessoas no sonho, mas não me recordo.*

Inicialmente esse sonho me surpreendeu, pois a pessoa a quem me refiro está com câncer e ficou careca devido ao tratamento da doença. É uma mulher com quem simpatizo muito, que me parece uma ótima pessoa, mas tenho pouco contato com ela. O seu marido estudou comigo nos tempos de colégio, no 2^o. grau, embora não fôssemos muito próximos. Percebi que essa mãe estava simbolizando o meu estado emocional naquele momento: estava adoentada, afônica e com pouca energia, “careca” de tanto usar a cabeça, porém, devo estar passando por um processo de desenvolvimento, semelhante ao do nascimento de um bebê. A satisfação que a mulher e o marido demonstravam com a situação da gravidez, poderia indicar que o meu lado feminino e masculino, eu e o *animus*, estávamos de acordo em relação a esse desenvolvimento.

32) 30-04/1-05-05: *Lembro que estava na praia, tomando banho de mar com a minha irmã. O mar estava agitado, mas eu entrava assim mesmo. Parecia que estávamos de férias em algum lugar distante, de praia. Num outro dia, neste mesmo local, via umas mulheres de mãos dadas, formando um círculo, com seus filhos, na água também,*

brincando. Considerava-as corajosas, pois o mar não estava muito calmo, pelo contrário, parecia pior aquele dia. Mesmo assim, eu iria enfrentar as ondas. Vejo, então, a avó das crianças saindo toda sorridente das ondas, carregando dois bebês, meninas, muito bonitinhas, que pareciam dois anjinhos, uma em cada mão. Surpreendo-me com a cena, pois considereei esta senhora muito corajosa em ter levado aquelas duas crianças, que pareciam iguais, de cerca de 8 meses, com touquinhas brancas na cabeça, para o fundo. E as mães pareciam nem ligar! A avó saía da água com as meninhas toda sorridente, feliz, como se carregasse um troféu, um/uma em cada mão!

Esse sonho me pareceu simbolizar todo o processo de expansão de consciência que tenho vivido nestes últimos tempos. Eu e o meu lado feminino, representado pela minha irmã, tiramos umas “férias” do mundo externo e entramos no fundo do mar, no mundo das sombras, dos arquétipos, da essência da vida, do encontro do *self*. Mesmo com o mar agitado, não sendo um processo calmo, as mães e seus filhos brincam, descobriram prazer nestas ondas. Conseguiram formar o círculo, encontrar a totalidade, buscar a força e a integração do si-mesmo e flutuar nas ondas, nos desafios, com harmonia? Eu continuo disposta a entrar no mar, mesmo percebendo seus perigos. E tal coragem me traz a sabedoria de uma vovó, que carrega as duas novas crianças que nasceram em mim? O meu lado racional não entende como estas mulheres têm tanta coragem, mas entra no fundo do mar também. Por que duas meninhas? Será o meu lado profissional e afetivo? Ou por que o número dois é o símbolo do feminino, que me acompanhou desde o início dos sonhos? Meu próprio nome – Vânia – segundo a numerologia, tem o dois como símbolo. Talvez seja o que eu deva realizar em mim, mas ainda não estava consciente. Pode ser que agora, após o enfrentamento do mar e das suas ondas, esse caminho feminino, simbólico, interdisciplinar, se torne mais atuante.

Interessante também os bebês parecerem ter oito meses, sendo que o número 8 simboliza a totalidade, confirmando o círculo em movimento das mulheres com as crianças.

As touquinhas brancas dos bebês poderiam estar simbolizando que a minha cabeça, a minha consciência racional, ficou protegida durante o mergulho no inconsciente? Manteve-se presente e sem máculas, apesar de todo o perigo de navegar nos mistérios da lua?

Mesmo eu sendo do sexo feminino, tive que me reencontrar com esse arquétipo dentro de mim mesma. Não será esse um problema da nossa cultura, da nossa educação, da escola, que supervalorizou padrões masculinos de atuação na vida? E você, leitor(a), também não precisaria prestar mais atenção aos seus sentimentos, intuições, aos mistérios da lua?

Expandindo a consciência da mandala a ser construída, do nosso ouro interno

33) 1/2-06-05: *Primeiro, eu via meus pais brigando. Depois uma voz me dizia que eu tinha que fazer um paralelepípedo e me mostrava um desenho numa folha branca, parecia uma estrela arredondada, porém, com seis pontas. A voz repetia umas três vezes que era um paralelepípedo, como se fosse para eu não esquecer.*

Assim que acordei fiquei um pouco incomodada com a cena dos meus pais brigando, não entendi. Também não me lembrava da palavra dita pela voz, só sabia que ela tinha falado mais de uma vez uma palavra, com o objetivo de eu não esquecer. Fui fazer yoga pela manhã e durante a meditação percebi que a briga dos meus pais poderia estar se referindo ao desequilíbrio dos arquétipos masculino-feminino na minha vida, sendo que o desenho poderia ser a minha mandala de equilíbrio. Mas não me lembrava da palavra proferida pela voz. Só à tarde, depois que fiz reiki em mim, é que me veio na mente o desenho e o nome “paralelepípedo”. Fui procurar num dicionário a sua definição (BUENO, 1973, p. 975): “**Paralelepípedo**, s. m. Sólido geométrico limitado por seis paralelogramas, dos quais os opostos são iguais e paralelos; pedra desta forma empregada no calçamento das calçadas”. E na página seguinte (p. 976),

encontrei “**Paralelogramo**, s.m.. Quadrilátero de lados opostos iguais e paralelos dois a dois e ângulos opostos iguais.”

Após essas primeiras impressões, fui percebendo que o sonho era bastante revelador e no fundo, poderia estar ligado não apenas as minhas experiências pessoais com os arquétipos do feminino-masculino, mas estaria mesmo relacionado ao meu próprio tema de pesquisa – a questão da expansão da consciência. Como esclarece Neumann (2003, p.33), a origem de tudo que existe, o próprio universo e o símbolo primordial da vida eterna, estaria na imagem dos “pais primordiais”, do que ele chama de “uroboros”, o grande redondo. E a história do desenvolvimento da consciência estaria ligada à luta de opostos dos pais primordiais. Contudo, é bom ressaltar que essa luta também busca a transcendência dos opostos, a unidade feminino-masculino. Além disso, a “uroboros simboliza também o impulso criador do novo começo, a ‘roda que gira por si mesma’, o primeiro movimento e a espiral, como o movimento ascendente em círculos da evolução”. (NEUMANN, 2003, p. 33) Nas suas próprias palavras:

A uroboros, o grande redondo, não é somente o ventre, mas também os “pais primordiais”. O pai primordial está unido, na unidade urobórica, à mãe primordial, sendo eles inseparáveis. Nisso vige ainda a lei primordial pela qual em cima e embaixo, pai e mãe, céu e terra, Deus e mundo se refletem mutuamente e nenhum é separável do outro. De que outra maneira poderia a conjunção dos opostos, como estágio inicial da existência, ser representada mitologicamente a não ser pelo símbolo dos pais primordiais!

A palavra que esta voz interior insistiu para eu não esquecer, “paralelepípedo”, me sugere, então, que eu teria que fazer um paralelo da imagem dos meus pais brigando com a “uroboros”, os pais primordiais os quais estão na origem de tudo que existe e ao mesmo tempo é processo, fim e recomeço. Um paralelo com a expansão da consciência, com a luta e integração dos opostos masculino-feminino. Um paralelo com o passado da humanidade, com o presente e com o futuro, uma constante luta de integração dos opostos. Um paralelo com a necessidade de totalidade representada pelo paralelepípedo, que possui quatro lados iguais, no qual nenhum é maior do que o outro. Uma forma na qual as quatro funções da consciência se encontram integradas,

sem que nenhuma seja mais valorizada do que a outra: pensamento, sentimento, intuição e sensação. Um paralelo com o si-mesmo, com a necessidade que todo ser humano tem de encontrar a sua própria unidade, uma unidade diversa de tudo o que existe. Isso porque a pedra, o paralelepípedo, pode ser compreendido como um símbolo do *self*, como já foi assinalado anteriormente. Um paralelo com a Interdisciplinaridade, a qual busca a totalidade e ao mesmo tempo respeita a singularidade de cada um que trilha o seu caminho. Um paralelo com essa mandala desenhada a lápis, num papel branco: uma necessidade pessoal de construir a minha própria mandala, porém uma necessidade de todos nós, educadores que somos, de instigar nos alunos a construção da sua própria mandala, do seu círculo mágico, da sua unidade diversa de tudo o mais e que está sempre por fazer, numa folha em branco.

34) 2/3-06-05: *As minhas duas filhas estavam presentes no sonho. Contudo, eu descia apenas com a mais nova, para ver uma jóia numa loja que ficava num lugar em baixo, no sótão. Via um balcão de madeira no qual tinha em seu interior várias peças de jóias/bijutérias douradas e/ou de ouro.*

Esse sonho ocorreu no dia seguinte ao sonho do relato anterior, estou associando-o a uma continuação, complementação ou mesmo uma confirmação das mensagens do sonho número 32. A presença das minhas duas filhas me sugeriram que uma nova razão e uma nova relação com o inconsciente estaria se configurando. Isso porque, além delas serem minhas filhas e poderem ser percebidas como partes da minha psique, a mais velha tem representado a minha consciência racional e a caçula tem aparecido como símbolo da minha relação com o inconsciente. A atitude de eu descer apenas com a mais nova, pode confirmar esta hipótese. E a questão de ver colares, pulseiras e anéis de ouro, pode estar relacionada ao *self*, porque, de todas as pedras, o ouro é considerado o símbolo maior do si-mesmo. Será que estaria conseguindo contactar com o ouro que existe dentro de mim, com o *self*, com o inconsciente? Tomara! No entanto, no sonho eu via várias peças de ouro, não seria essa uma indicação de que deveria trabalhar tal questão com os meus alunos?

Contribuindo para que outros encontrem o seu self? Porém, como? Ainda não tenho esta resposta. Acredito que seja um caminho a ser construído, uma mandala a qual começou a ser desenhada, a lápis, num papel em branco, como foi esta tese.

Contudo, essa mandala já começa a ensaiar os seus primeiros contornos na sala de aula. Como exemplo, posso citar que, este ano, numa aula de Filosofia da Educação, para alunos de licenciatura em História, na qual havia solicitado a leitura do livro do Rubem Alves (2002), mencionado na parte introdutória dessa pesquisa: *A escola com que sempre sonhei, sem imaginar que pudesse existir*, o mesmo alvoroço em torno da metáfora do “olhar para dentro” surgiu. Percebi, mais uma vez, ser esta questão na qual me aprofundei nesta tese, não uma necessidade apenas pessoal, porém dos alunos, da educação. Sem revelar essa vivência do meu “olhar para dentro”, solicitei que eles escrevessem numa folha de papel, de uma forma intuitiva, rápida, em poucas palavras, o que compreendiam dessa metáfora. As suas respostas foram surpreendentes e contribuíram também para a minha expansão de consciência. As palavras destes alunos podem ser percebidas como minhas próprias descobertas nesta viagem na barca da lua. Neste sentido, resolvi relatar esta primeira visita ao *olhar de dentro dos alunos*⁸, as jóias que eles possuem guardadas dentro de si:

“Olhar para dentro é ... trazer a tona o que é significativo, o que tem valor”.
(Suellen Cristine)

“Olhar para dentro é refletir sobre a nossa capacidade interior. É descobrir tudo aquilo que somos capazes. É enxergar o mundo sob uma forma crítica”. (Juacy Campbell de O. Corrêa)

“Olhar para dentro é ... se analisar, se auto-conhecer, aprender com suas limitações, fraquezas e virtudes. É um processo de auto-avaliação”. (Fernando Lucas)

“Olhar para dentro é ao mesmo tempo enxergar a nós mesmos, as outras pessoas, e tudo ao nosso redor de uma maneira diferente da qual olhávamos quando tínhamos a nossa visão no que era baseado de fora. Fazendo mudar a forma de pensar e agir em meio a nós mesmos e aquilo que nos cerca”. (Roberto Ramos Ferreira)

⁸ Houve anuência dos alunos na inclusão das suas frases nesta tese.

“Olhar para dentro é fechar os olhos para os conhecimentos comuns e abri-los para os sentidos”. (Gabriella Mota da O. Conceição)

“Olhar para dentro é perceber a nós mesmos no espaço; entender que o eu é quem sofre as grandes interferências do cotidiano, e não somente o cotidiano que muda com nossas atitudes. É levar em consideração suas emoções, suas particularidades no dia-a-dia”. (Carolina Mendes Gutierrez)

“Olhar para dentro é buscar as respostas para as perguntas que a vida nos faz”. (Henrique Ângelo da Silva)

“Seria um modo de expandir a minha mente de maneira a sair da realidade material, fazendo-me ver o mundo como eu quero e não do jeito que foi modulado”. (Guilherme Rangel Machado)

“Olhar para dentro é perceber que existe um mundo de percepções e opiniões que são oprimidos pelo meio social (olhar de fora), ou seja, pelo olhar do outro”. (Renata Rodrigues de Freitas)

“Olhar para dentro é ter consciência de si, fechar os olhos e enxergar o seu verdadeiro eu, sem repreensões. Olhar para dentro é olhar para baixo. Enxergar seu próprio traçado no autódromo. Fazer um auto-julgamento em relação a tudo”. (Wesley Cruz Marques da Silva)

“Olhar para dentro é ver como realmente somos para começarmos a entender o outro”. (Priscila Pereira Eduardo)

“Olhar para dentro é descobrir que somos cegos”. (Isabela Brito Lopes Vaz)

“Olhar para dentro ... é sentir o que já foi aprendido e ao mesmo tempo sentir uma enorme escuridão. Olhar par fora é ... ver a diversidade e saber conviver com ela”. (Ana Cristina dos Santos França)

“Olhar para dentro é enxergar um mundo que não se casa com o mundo de todos”. (Ricardo B. Marins)

“Olhar para dentro é um olhar sem emoção. Não é possível desconsiderar o outro ou o mundo em que vivemos. É necessário buscar o equilíbrio”. (Francisco Vaz Cacholas Junior)

“Olhar para dentro é refletir antes nas ações que tomo”. (Priscilla Marques F. Branco)

“Olhar para dentro é: enxergar como posso contribuir, mas ver também que posso melhorar sempre”. (Samuel Medeiros)

“Olhar para dentro é ... se auto-avaliar, é pensar na própria razão da sua existência”... (Ramon Lima Costa)

E para você leitor, o que é “olhar para dentro”? Alguma vez se preocupou em olhar para o seu mundo interior, para as jóias que existem dentro de nós mesmos? Como expandir a consciência dos educadores e dos alunos para a nossa riqueza interior?

PARTE IV

CAMINHANDO RUMO À MONTANHA DO SOL E DA LUA: UMA TENTATIVA DE SÍNTESE DO CAMINHO PERCORRIDO

Mas estar a caminho é uma condição ontológica do ser. É neste devir, no ir e vir interior e exterior, onde se faz necessário quebrar os espelhos do Narciso que habita no âmago de cada um, no desarticular da trama do conflito, que o homem concebe a sua verdade, mesmo que momentânea. Então a palavra aprisionada é libertada, dando-lhe condição de se situar em seu discurso com significância contextualizada. A verdade é produto do momento, ela é uma fagulha e só recebe o conceito de verdade se for representativa do real naquele momento. (GIACON, 2002, p.36)

Jung (1978, p.54) aprendeu com os elgonyi, que vivem nas florestas virgens do Elgon, que existem os “grandes sonhos” e os “pequenos sonhos”:

Mas como se sabe, porém, se o sonho é “grande” ou “pequeno”? Por um sentimento intuitivo de sua importância significativa. Tal impressão é de

tal modo avassaladora, que o indivíduo jamais pensaria guarda-lo para si. *Tem* de cantá-lo, supondo, de um modo psicologicamente correto, que o sonho é importante para todos.

No caso dos elgonyi, toda a tribo era convocada para ouvir o grande sonho. No meu caso em particular, a estória que Jung relata é interessante para ser percebida como mais um símbolo de que um “grande sonho” causa um impacto tão forte, que intuímos que ele possui uma riqueza de significados os quais devem ser levados em consideração. Neste sentido, nessa parte do trabalho vou relatar mais um desses sonhos, na medida em que percebi que os seus símbolos me auxiliavam a compreender a totalidade do processo de pesquisa na qual estou envolvida. Assim, vou procurar interpretá-lo, associando-o aos sonhos já abordados nas partes anteriores.

No entanto, destaco que nesse processo, aprendi que a busca do si-mesmo, da integração dos opostos, constitui uma descoberta constante, sem fim. Todo encontro com o *self* é apenas provisório, uma síntese a qual vai desencadear novas sínteses. Portanto, esse sonho, embora tenha sido percebido por mim como um “grande sonho” também representa apenas um momento desse processo, um momento da viagem na *barca da lua*.

Sonhei que tinha sido enviada para Jerusalém, com um colega, no intuito de percorrer os mesmos caminhos os quais Jesus tinha percorrido. Parecia uma viagem jornalística, eu e o meu colega teríamos que escrever uma matéria sobre o tema. Já em Jerusalém, aguardávamos sentados, em duas poltronas, a pessoa que iria nos ajudar nesta empreitada. Essa pessoa demorava muito e o meu colega sugeria que tirássemos a roupa para esperá-lo. Ficávamos despidos aguardando. Um homem forte, de aproximadamente cinqüenta anos, simpático e com aparência rústica, finalmente surgia. Eu ficava com vergonha de estar nua e me cobria com uma colcha que estava perto de mim. O homem não ligava para o fato de estarmos sem roupa, ao contrário, procurava me tranqüilizar, dizendo que era normal estarmos nus nessa missão. Aparecíamos, então, percorrendo os caminhos percorridos por Jesus, sendo guiados por uma mulher, também de meia-idade, de aparência muito simples e rústica. Era como uma caminhada pelo campo. No trajeto, via crianças pobres brincando nas

proximidades. Parávamos num ponto onde a mulher dizia que estávamos perto do monte Sinai. Ela apontava para uma pequena montanha logo atrás de uma árvore. Tínhamos que nos abaixar para olhar, pois a árvore, com suas copas, atrapalhava um pouco a visão da montanha. Eu olhava e achava tudo muito simples e comum, apenas uma árvore e uma montanha que não era grande, que parecia mais um morro. De volta da viagem, relatava para um homem, o qual parecia ser meu chefe, que a excursão feita com aquela companhia de turismo, iria agradar apenas as pessoas humildes e simples, as quais não faziam muitas exigências.

Esse sonho me impressionou bastante. Percebi nele um sentido de totalidade, uma visão de conjunto dos outros sonhos tidos durante o processo de elaboração desta tese. Mais ainda, detectei no sonho, principalmente, elementos para compreender o meu tema de pesquisa – caminhos de expansão da consciência na educação. A interpretação dele também será dividida em alguns acontecimentos, como fiz nas partes I e II deste trabalho. Contudo, como já foi ressaltado, vou procurar compreendê-lo relacionando com outros sonhos já relatados. Destaco, ainda, que vou procurar seguir a trajetória dos eventos desse “grande sonho”, pois sua história possui uma coerente organização interna, com começo, meio, ponto culminante e fim, os quais também podem revelar a sua qualidade sintética e integradora.

Sonhei que tinha sido enviada para Jerusalém, com um colega, no intuito de percorrer os mesmos caminhos percorridos por Jesus. Parecia uma viagem jornalística, eu e o meu colega teríamos que escrever uma matéria sobre o tema.

O início do sonho – eu como uma jornalista e um colega sendo enviados para Jerusalém para percorrer os caminhos de Jesus - e o final do sonho – quando volto para o meu local de origem e relato para o meu chefe o conteúdo dessa viagem – podem simbolizar o processo de elaboração desta tese. O jornalismo me sugere uma profissão ligada à escrita e ao público: estava desenvolvendo uma pesquisa e trabalho como professora, além disso, tenho que relatar as “conclusões” deste trabalho para

uma banca de doutoramento numa instituição – a PUC/SP. Tal *obrigação* de escrever sobre a minha experiência em *Jerusalém para um chefe* pode confirmar, ainda, o que já havia expressado anteriormente, ou seja, que percebia esta metodologia de trabalho com sonhos, nesse momento, como uma *exigência interna*. Além disso, ressalto que no processo de elaboração desta pesquisa, tive vários sonhos os quais foram compreendidos como manifestações do inconsciente em relação a este trabalho que estava realizando. Os sonhos interpretados nas partes I e II desta pesquisa são um exemplo do que estou chamando a atenção. Também na parte III, principalmente os sonhos de números 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9, 10, 25, 26, 27, 29, 30, 32 e 34 podem contribuir para essa minha percepção. A maioria desses sonhos foi de grande valia na compreensão do estado emocional em que me encontrava. Alguns também me ajudaram a agir de uma forma diferente de como estava procedendo. No entanto, não foi apenas em relação à escrita/elaboração desta tese que meus sonhos foram importantes. É como se o inconsciente acompanhasse de perto a nossa vida cotidiana, afetiva, profissional, etc., fornecendo símbolos os quais *ampliam a nossa consciência* sobre acontecimentos, emoções, atitudes, que, muitas vezes, nem tínhamos dado importância no momento.

Voltando ao sonho em particular - estar com um colega nesta empreitada, um homem - pode significar que a minha parte masculina: a função do pensamento, a coragem, a determinação, etc., estarão presentes nesta viagem, na minha expansão de consciência e na escrita da tese. Nesse sentido, a figura masculina, um colega, pode confirmar a interpretação realizada na segunda parte deste trabalho, em um sonho no qual um homem me joga no mar e outro homem me auxilia a entrar num navio.

Interessante que, nesse sonho, o colega jornalista pareceu-me frio, como se estivesse ali apenas para realizar uma tarefa profissional, sem envolvimento emocional com os acontecimentos. O personagem me faz recordar a pretensão científica moderna, de não se envolver subjetivamente com o objeto de estudo, como se o caminho da neutralidade fosse possível e o mais desejável. Embora as ciências humanas já tenham questionado há muito tempo essa forma de produzir conhecimento, e hoje, até a física estar ciente de que a relação sujeito-objeto de pesquisa não é neutra, considero que ainda temos muito o que caminhar em relação à problemática.

No entanto, nos meus sonhos, os personagens, em alguns momentos, parecem se comportar de uma forma bem específica, para representar apenas *uma parte* da nossa psique. No caso em particular, o jornalista simbolizou o meu lado mais racional, masculino, científico - características importantes da minha psique e da instituição na qual trabalho, a universidade. Traços que a escola ainda insiste em desenvolver nos alunos sem, embora, haver uma preocupação concernente à articulação com outras funções da consciência: como sentimento e intuição, por exemplo.

Contudo, talvez uma das situações mais importantes desse sonho, esteja no fato de eu e o jornalista *estarmos sendo enviados para Jerusalém, no intuito de percorrer os mesmos caminhos de Jesus*. Qual pode ser o sentido de uma viagem para o local onde Jesus nasceu e principalmente, para percorrer a sua trajetória? Segundo Jung (1988), Jesus Cristo poderia ser compreendido como um símbolo do si-mesmo, do *self*, do arquétipo central da psique. O arquétipo que teria a possibilidade de atuar de uma forma mais integradora da psique como um todo, e ao mesmo tempo seria capaz de revelar o que cada ser humano tem de específico, único. Dessa forma, a viagem do sonho pode estar relacionada ao meu próprio caminho de busca da *totalidade*, no qual as diferentes partes da psique se relacionam de uma forma mais integrada. Ou seja, pode estar ligado ao meu processo de individuação, à possibilidade do encontro do si-mesmo. *Percorrer os caminhos de Jesus* pode também estar relacionado com o que chamo de *expansão de consciência*. Mais ainda, pode estar articulado com a minha vivência na interdisciplinaridade e com os caminhos apontados por esta teoria. Destaco, contudo, que para a teoria interdisciplinar, trilhar uma nova forma de conhecimento não é um processo simples, mas o qual exige do pesquisador novas maneiras de pensar/agir/sentir a educação.

Para a teoria junguiana, o encontro do si-mesmo também não é um caminho sem dificuldades. É uma jornada a qual exige o enfrentamento da persona, das sombras, do *animus* e/ou da *anima*, dos arquétipos constelados na nossa psique. Em relação à persona, a nossa máscara social, o sonho relatado na segunda parte deste trabalho pode ser capaz de simbolizar que tive a máscara de socióloga retirada para realizar esta pesquisa. Ou ainda, acredito que o campo da educação deveria soltar um pouco a “máscara do social” e se aprofundar também na problemática do indivíduo.

No referente às sombras, percebidas aqui de uma forma ampliada, eu diria que no primeiro momento deste trabalho, revisei o que posso chamar de “sombra da minha trajetória acadêmica e da literatura educacional”, na medida em que Hegel foi muito pouco estudado entre nós. Além desta sombra que procurei resgatar, outras sombras se fizeram presentes nos meus sonhos. Sombras de caráter mais pessoal e que, portanto, considere como não relevantes de serem abordadas aqui de uma forma extensa. No entanto, percebo a *conscientização* das sombras da nossa psique como fundamentais para aqueles que trabalham com seres humanos, como é o caso de nós, educadores. Os professores precisam estar atentos para as projeções das suas próprias sombras na relação com o outro. Além disso, as sombras individuais são sombras coletivas também. Como trabalhar esses problemas no ambiente educativo? Mesmo ciente de que a sala de aula não é o lócus terapêutico, considero essencial que os professores conheçam teorias psicológicas as quais chamem a atenção para esses problemas e de supostas possibilidades de enfrentamento das sombras. Como docente da disciplina Psicologia da Educação, vou procurar informar meus alunos em relação a tais questões. Como pesquisadora do tema expansão da consciência, chamo a atenção que procurar conhecer as suas sombras e mesmo os aspectos sombrios da nossa cultura, da educação, da sala-de-aula, pode significar um primeiro movimento de possibilidade de transformação das mesmas. Nos meus sonhos, como já foi sinalizado, entrei em contato com algumas das minhas sombras pessoais. Gosto de acreditar que a consciência de algumas delas possibilitou mudanças inesperadas no ambiente no qual me encontrava (descritas nos sonhos de números 11, 12 e 13); e transformações na forma como percebia um problema de saúde com o qual convivo há muito tempo (sonho número 14). Infelizmente, essas não foram as únicas sombras que apareceram nos meus sonhos no período de um ano. Entrar em contato com os aspectos sombrios da nossa psique é uma vivência dolorosa e até perigosa, segundo Jung. Contudo, para ocorrer a possibilidade de transformação de nós mesmos e do mundo ao nosso redor, enfrentar as sombras é um caminho necessário, que na maioria das vezes necessita da ajuda de um outro durante essa jornada.

Em relação ao contato com o *animus*, com o inconsciente masculino que existe em mim, destaco ter sido uma vivência das mais reveladoras. Percebi que a expansão

de consciência talvez seja uma experiência de oposições, uma vivência dialética, uma síntese sempre provisória. Dialogar com o inconsciente *é dialogar com o outro que habita em nós, porém um outro que somos nós mesmos. É a experiência do encontro da unidade na diversidade.* Uma poesia de Fernando Pessoa, mais um presente do professor Dr. Rui César do Espírito Santo, no momento da qualificação desta tese, talvez possa expressar melhor o que estou querendo chamar a atenção:

Poesia de Fernando Pessoa

Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A quem só despertaria
Um infante, que viria
De além do muro da estrada

Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à Princesa vem.

A Princesa Adormecida,
Se espera, dormindo espera.
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.

Longe o Infante, esforçado
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado.
Ele dela é ignorado
Ela para ele é ninguém.

Mas cada um cumpre o Destino –
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E, vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora.

E, inda tonto do que houvera
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era,
A Princesa que dormia.

Tal como no belíssimo poema de Pessoa, percebi que na estrada do inconsciente - onde rompemos muros e florestas sombrias da consciência - o *animus* e/ou os outros personagens dos meus sonhos nada mais são do que partes da minha psique. Embora sejam “pessoas” diferentes do que reconheço como eu mesma, do meu *ego*, são atuantes na minha psique e estão presentes nas minhas atitudes diante da vida muito mais do que poderia imaginar. Essa foi uma percepção do meu olhar de dentro, da minha própria vivência com sonhos - em consonância com a teoria de Jung. Contudo, fazendo um paralelo com o “mundo de fora”, as ciências sociais já chamaram a atenção há muito tempo do quanto o indivíduo é um ser social, influenciado pelos diferentes segmentos da sociedade em que vive. Portanto, se a maioria de nós, educadores, já têm consciência da grande influência que o ambiente social, cultural, histórico, exerce sobre a escola e os indivíduos, será que não está na hora de conhecermos mais os arquétipos internos que carregamos? Os diversos personagens

que habitam o nosso universo imagético e que também influenciam as nossas vidas? Personagens esses os quais fazem parte da nossa herança cultural e inata, mas também constantemente recriados nas nossas relações cotidianas?

Serão os outros nós mesmos?

Talvez essa seja uma forma de respondermos a questão da *unidade na diversidade*. Como já fiz referência, desde minha dissertação de mestrado tal problemática me provoca interesse. Na época, me perguntava como expandir consciências na educação, de forma a se perceber que o mundo é uma totalidade em movimento e ao mesmo tempo um conjunto o qual contém uma rica diversidade. Naquele momento, considerei o movimento ecológico e as descobertas da nova física como portas de entrada para esta concepção do mundo, para uma *nova consciência*. Em relação aos problemas ecológicos por que passamos, entendia que por se constituírem em dificuldades as quais envolviam a vida humana como um todo, ou seja, a possibilidade de destruição do planeta, esses problemas poderiam acarretar uma nova maneira do ser humano se relacionar com a vida. Uma maneira mais respeitosa com a natureza e com os outros seres humanos, pois qualquer alteração ambiental numa parte do planeta afeta a vida de todos nós. Isso significaria que a concepção/vivência da *totalidade* estaria mais consciente. E noção de *diversidade* também, na medida em que não existe nada que seja igual ao outro. Considerava também, que as descobertas da física quântica, as quais nos ajudaram a perceber que tudo está inter-relacionado, seria mais uma contribuição para compreender o processo de *expansão da consciência*.

Dessa forma, ressalto que a noção de *totalidade em movimento* e de *diversidade*, estão presentes na minha percepção de expansão da consciência desde a pesquisa desenvolvida no mestrado. No estudo atual, quando dialogo com a filosofia dialética hegeliana, com a teoria de Jung, com a Interdisciplinaridade, mais uma vez encontro tais matrizes. Ou seja, o meu olhar para dentro também me mostrou unidade, outros/diversidade, movimento, mudança. Para mim, expandir consciência significa encontrar esta totalidade/diversidade/movimento no mundo interior e na vida “externa”.

É a experiência do encontro do olhar de dentro com o olhar de fora, a vivência dos opostos complementares.

Já em Jerusalém, aguardávamos sentados, em duas poltronas, a pessoa que iria nos ajudar na empreitada. Essa pessoa demorava muito e o meu colega sugeria que tirássemos a roupa para esperá-lo. Ficávamos despidos aguardando. Um homem forte, de aproximadamente cinquenta anos, simpático e com aparência rústica, finalmente surgia. Eu ficava com vergonha de estar nua e me cobria com uma colcha que estava perto de mim. O homem não ligava para o fato de estarmos sem roupa, ao contrário, procurava me tranquilizar, dizendo que era normal estarmos nus nesta missão.

Por que em Jerusalém eu e o meu colega jornalista aguardávamos sentados a pessoa que iria nos ajudar nesta empreitada? Qual o sentido da *longa espera* por este homem? Esta nossa atitude de *espera* pode ser relacionada aos cinco princípios da teoria e da prática interdisciplinar (FAZENDA, 2002a, p. 11): *humildade, coerência, espera, respeito e desapego*. Esses princípios, no meu ponto de vista, revelam o caminho de sabedoria da interdisciplinaridade, uma sabedoria ligada ao princípio feminino da vida. Uma das maiores lições que este olhar para dentro através dos sonhos me ensinou, o qual neste sonho ficou muito forte, foi a necessidade da *humildade*. No sonho, por exemplo, quase todos os personagens são pessoas simples (o homem que chega, a mulher, as crianças pobres), exceto o meu colega jornalista, que tinha uma aparência despreocupada, como se estivesse ali apenas para fazer um trabalho. Além disso, para conseguir ver o cume da *pequena* montanha, para encontrar o *si-mesmo* no sonho, eu e o meu colega tivemos literalmente que nos *abaixar*. Isso porque a árvore, que pode representar o meu desenvolvimento, estava tão frondosa, que não podíamos ver a montanha. Segundo a psicologia analítica, poderíamos dizer que o ego, o centro da consciência, teve que ceder espaço, humildemente, para o inconsciente, para a possibilidade de encontro do si-mesmo. Esse tema da “morte do ego” também esteve presente no sonho de número 23, no qual presenciei o funeral de

um senhor conhecido. Contudo, ressalto que o ego continua a ter importância na psique, porém pode aprender a atuar de uma forma mais consciente e respeitosa em relação às outras partes da psique. O processo de *desap(ego)*, ou seja, de *respeito* ao inconsciente, a uma nova forma de caminhar na vida e na pesquisa, não foi fácil, exigiu muita entrega e *coerência* da minha parte, no sentido de acreditar no outro, no inconsciente. Giacon (2002, p.37, grifos meus) chama a atenção que:

Para se chegar a coerência é preciso se conhecer e conceder-se a capacidade de mudar, estar aberto ao *outro*, aos *outros*, numa osmose singular, pois coerência não significa que as idéias são imutáveis. Faz-se necessário permitir-se permitindo, num processo de espera vigiada constante, (...).

Entendo ainda que a *viagem a Jerusalém*, o caminho percorrido nesta tese, se revelou um exercício constante de agir de forma coerente, na medida em que coerência numa dimensão interdisciplinar, “é uma virtude mãe, é o fio que faz a conexão entre os fios os quais formam a trama do tecido do conhecimento, é uma das diretrizes norteadoras de todo o seu trabalho, (...), é a amálgama entre o manifesto e o latente, entre o pensar, o fazer e o sentir”. (GIACON, 2002, p. 37) No entanto, destaco não ter sido esse um processo rápido, mas o qual exigiu muita *espera*, simbolizada, no sonho, como já foi dito, pela demora, em Jerusalém, da pessoa que iria nos ajudar no empreendimento. Como aponta Fazenda (2001, p.115, grifos meus):

A pesquisa que denominamos de interdisciplinar nasce de uma *vontade construída*. Seu nascimento *não é rápido*, exige uma gestação prolongada, uma gestação em que o pesquisador se aninha no útero de uma *nova forma de conhecimento* – a do conhecimento *vivenciado* e não apenas refletido, a de um conhecimento percebido, sentido e não apenas pensado.

Dialogar com os símbolos do inconsciente, vivenciar o enfrentamento dos arquétipos e das sombras representou assumir uma nova atitude de pesquisa para mim, característica da teoria/prática interdisciplinar. Outro aspecto interessante a ressaltar, é que a longa espera, no sonho, é pela chegada de *um homem*, um senhor de meia idade, sábio, forte e muito simpático. Ou seja, esse homem pode estar simbolizando o *animus*, a minha imagem do inconsciente. No processo de elaboração desta tese, ao longo dos sonhos, percebi que a figura do *animus* não foi sempre a mesma. No primeiro sonho, relatado na parte I deste trabalho, surgiu como um velho

sábio, um professor que estava sempre me lançando novos desafios, embora ainda distante de mim, num patamar superior, um homem que em nenhum momento se comunicou verbalmente comigo. Além disso, era uma figura nebulosa, a qual estava presente e ausente ao mesmo tempo. Um tipo de *animus* que pode simbolizar que eu ainda não estava próxima do inconsciente, este era apenas uma possibilidade de relação. Nesse sentido, embora esse sonho já tenha sido interpretado nesta pesquisa, o seu conteúdo também pode ser percebido como o *início do meu processo de encontro com o inconsciente e com os desafios da compreensão dos seus símbolos*. Esse sonho pode representar a própria situação na qual se encontra o pesquisador que se aventura na tentativa de compreensão da linguagem simbólica: *um eterno aprendiz*, consciente de que talvez essa equação não se resolva nunca, pois, para Jung, um símbolo só é vivo, quando as suas possibilidades de interpretação ainda não se esgotaram.

Em outros sonhos, o encontro com o inconsciente foi me revelando que o *animus* se assemelhava à imagem dos homens com quem tive/tenho relações afetivas, principalmente à do meu pai e à do meu ex-marido. Dessa maneira, a minha consciência foi se expandindo em relação a possíveis projeções do inconsciente na minha vida. Como Jung (1978, p.73) explica quando se refere a *anima*, a figura feminina do inconsciente masculino,

na medida em que a anima for inconsciente, sempre será projetada, uma vez que todo o *inconsciente* é projetado. A primeira portadora da imagem da alma é sempre a mãe; depois, serão as mulheres que estimularem o sentimento do homem, quer seja no sentido positivo ou negativo.

Ou seja, em relação ao *animus* na mulher ocorre o mesmo processo: a primeira imagem é a do pai e depois serão as de todos os homens que estimularem o seu sentimento. Desta forma, Jung ressalta que é fundamental reconhecermos essa imagem no inconsciente, a fim de que possamos nos distinguir dela e não necessitarmos mais procurar no outro, nas projeções, *o que existe dentro de nós mesmos*. Entretanto, como toda manifestação da vida e todo conteúdo do inconsciente, “a personificação masculina do inconsciente na mulher – o *animus* – apresenta, tal como a *anima* no homem, aspectos positivos e negativos”. (FRANZ, 1977, p. 189)

Acompanhando a trajetória dos sonhos na qual a figura do meu pai e do meu ex-marido e/ou de símbolos da relação com essas pessoas estiveram presentes, percebi que tais imagens sofreram modificações substantivas (ver sonhos de número 15 a 24). Além de uma expansão de consciência em relação ao significado destes *outros* na minha vida, as mudanças me sugeriram uma nova forma de atuar com o inconsciente. O sonho de número 24, o qual interpreto como um “casamento com o inconsciente” pareceu-me indicar a durabilidade desta minha relação com o inconsciente que se iniciou nessa pesquisa.

No entanto, os arquétipos masculinos da minha psique não se limitaram às duas figuras. Nos últimos sonhos, contudo, percebi que o *animus* esteve ligado ou a imagem do velho sábio, como nesse caso, ou a figuras masculinas amigas, com as quais tenho uma relação próxima, como exemplo, posso citar os sonhos de número 25 e 26. Dessa forma, percebo que o *animus*, o inconsciente, se tornou um amigo e um conselheiro para mim. No entanto, o amigo nem sempre foi simpático comigo, algumas vezes se utilizou de imagens não muito agradáveis. Tal como um amigo que tem que lhe comunicar algumas verdades mesmo que sejam dolorosas.

Outra questão importante do sonho que estou procurando interpretar neste momento é que, enquanto aguardamos o senhor, o meu colega jornalista dá a idéia de tirarmos a roupa. Essa situação, de “eu ficar nua”, já tinha surgido em outro sonho importante, o do *mergulho no mar*, analisado na parte II deste trabalho. Mais uma vez, percebo que no processo de individuação, no caminho de expansão da consciência, temos que nos despir das vestes, dos conceitos preconcebidos, do orgulho, para podermos percorrer os caminhos da totalidade, de uma maior integração da psique. Nesse processo, me sinto “nua” diante de eu mesma, pois todo o meu ser esteve envolvido: a minha vida pessoal, profissional, existencial, os meus valores, etc. Ou ainda, todas as minhas relações afetivas com o outro, com a vida e comigo mesma, vieram à tona. Contudo, mesmo que esta tese seja resultado da interpretação dos meus sonhos e nesse sentido, possua um caráter individual e único, tenho consciência de que os problemas e as sombras que enfrento também sejam característicos de um ser humano do século XXI, mulher, brasileira, professora, no momento de tantas dificuldades pelas quais passamos. Alguns temas dos sonhos podem ser vistos, ainda,

como *universais*: tais como a relação com o sexo oposto, a solidão, os medos, a vontade de ser feliz, a necessidade de encontrar o *si-mesmo*.

Como no sonho analisado na parte II, neste sonho, *fico com vergonha de estar nua e me cubro com uma toalha*. No entanto, o senhor, como um velho sábio, avisa que esse processo é normal para quem quer percorrer esta missão. Sentia dificuldades de mostrar alguns sonhos. No entanto, após esse sonho em especial, a minha decisão mudou. Foi mais uma lição de humildade. Percebi que era interessante mostrar o processo das mensagens do inconsciente, que, no fundo, todos os sonhos foram fundamentais, independente de serem vistos como “grandes sonhos” ou “pequenos sonhos”. Na realidade, todos eles foram grandes para mim, porque significativos no momento no qual aconteceram. Além disso, as análises realizadas dos símbolos não são portas fechadas, apenas algumas hipóteses de interpretação possíveis. Outras leituras poderão ser realizadas no futuro.

O fato de eu ter mudado de atitude após a vivência de um sonho, não aconteceu apenas neste caso, mas muitas vezes. Como já foi enfatizado, o inconsciente se tornou um amigo e conselheiro. Jung (2002e, p.106) lembra que:

Quando conseguimos estabelecer a função denominada função transcendente, suprime-se a desunião com o inconsciente e então o seu lado favorável nos sorri. A partir desse momento, o inconsciente nos dá todo o apoio e estímulo que uma natureza bondosa pode dar ao homem em generosa abundância. O inconsciente encerra possibilidades inacessíveis ao consciente, (...) de tudo quanto foi esquecido, tudo o que passou despercebido, além de contar com a sabedoria da experiência de incontáveis milênios, depositada em suas estruturas arquetípicas.

O inconsciente, além de ter se tornado um amigo para as dificuldades pessoais e do cotidiano, também se revelou de inestimável ajuda para a compreensão de teorias e conceitos. Um exemplo foi o sonho apresentado na parte I deste trabalho, no qual um sonho contribuiu para a minha interpretação da obra de Hegel. Mais ainda, o inconsciente nos proporciona uma visão do passado, do presente e de germes do futuro, que esclarece questões e lança pontes para o futuro. Sem dúvida, é um valioso aliado para o processo de expansão da consciência.

Aparecíamos, então, percorrendo os caminhos que Jesus tinha percorrido, sendo guiados por uma mulher, também de meia-idade, de aparência muito simples e rústica. Era como uma caminhada pelo campo. No trajeto, via crianças pobres brincando nas proximidades.

Interessante perceber que no primeiro momento dessa viagem a Jerusalém, eu e meu colega jornalista aguardávamos por um homem, que pode ser considerado como um símbolo do *animus*, do inconsciente. Contudo, quando vamos percorrer os caminhos de Jesus, é uma mulher quem conduz esta jornada. O que essa personagem pode significar? Talvez o princípio feminino, o mundo dos sonhos e dos símbolos, que foram os caminhos que utilizei neste processo de pesquisa. A presença do personagem feminino foi muito constante nos meus sonhos. Era como se essas figuras estivessem sempre me conduzindo e/ou me estimulando a prestar mais atenção ao mistério do feminino, um arquétipo pouco presente no universo acadêmico que faço parte. No sonho interpretado na parte II, quando entro no navio e vejo uma mulher, ela me pareceu estranha, não familiar. Da mesma forma, esse mundo dos sonhos e dos símbolos, ou mesmo outras dimensões do feminino, são percebidos como estranhas na academia. Contudo, a minha consciência resolve entrar em tal universo, na barca da lua; e chega até a se “apaixonar” por esse arquétipo (sonho número 27), a se envolver inteira neste processo. Dessa maneira, percebi que os personagens femininos nos meus sonhos, em geral, foram figuras amistosas e/ou conhecidas. Foram companheiras nesta viagem ao mundo do inconsciente, como por exemplo, no sonho de número 3, quando a imagem de uma amiga me alerta sobre o perigo da desordem; no de número 5, no qual a figura da minha orientadora me avisa que aquele não era o momento de apresentar minha pesquisa; o de número 6, quando uma empregada me sugere humildade e necessidade de mais estudo; o de número 9, quando uma mulher estranha me estimula a ter coragem numa decisão a ser tomada; uma mensagem semelhante ao de número 32, no qual uma senhora e várias mães me estimulavam a ter coragem de enfrentar as ondas da vida.

No sonho em questão, a mulher nos conduz nos caminhos percorridos por Jesus e tem uma aparência simpática, de uma sábia mulher. Estou relacionando essa condução realizada pela mulher nos caminhos da totalidade, como a forma como esta tese foi conduzida, pelo caminho dos sonhos, das imagens oníricas desordenadas e aparentemente caóticas, do mundo dos símbolos, por uma forma mais feminina de perceber uma pesquisa. A grande maioria das investigações científicas apresenta uma característica mais masculina, racional, discriminadora, solar. Santo (1998, p. 108) contribui para esta nossa reflexão:

É interessante notar também como antes da chegada deste final de século XX todas as instituições, especialmente no Ocidente, ficaram marcadas pela ordem e pelo masculino. Observemos as estruturas eclesiais e políticas, incluindo aí o dístico positivista de nossa bandeira. Se examinarmos por outro ângulo, é a supremacia do racional sobre o intuitivo. É a análise preponderando sobre a síntese.

Dessa forma, segundo o autor, “O resgate do feminino revela-se hoje na harmonia entre as duas energias, masculina e feminina, como ponto de equilíbrio, tal como na figura simbólica do Tao”. (SANTO, 1998, p. 108) A recuperação do princípio feminino, na minha compreensão, está presente na sabedoria da Teoria Interdisciplinar, na abordagem de Jung, no caminho simbólico dos sonhos que percorri. Percebo que um *símbolo* é sempre uma ponte, uma forma de ligação com você mesmo, com o outro, com a vida; com o passado, o presente, o futuro; com o desconhecido, com o inconsciente. Uma ponte que pode ligar as diferentes funções da consciência: pensamento, sentimento, intuição e sensação. Compreender símbolos é se conectar com o essencial de uma situação, de um problema. É a descoberta do sentido, do significado. Uma forma de conhecimento que relaciona, que interage com o inconsciente e o desconhecido que existem em nós e na vida como um todo.

Também a escola valoriza aspectos mais relacionados com o princípio masculino, como observou Furlanetto (2002, p. 71), sobre o que chamou de dinamismo patriarcal no cotidiano escolar:

(...) organização, limites, normas e hierarquia que estruturam a escola. Ora funcionavam criativamente, organizando-a e sistematizando-a, ora defensivamente, constituindo-se em camisas-de-força que não lhe permitem avançar. Outras indicaram a presença do dinamismo *matriarcal*: diziam respeito ao afeto, ao prazer, ao acolhimento; fizeram-

se também presentes, mas poucas vezes sua vivência era planejada. Eles apareceram com intensidade nas relações que professores e alunos estabelecem, relações não programadas nos currículos escolares. Os símbolos da *alteridade*, que dizem respeito à democracia, ao respeito pelas diferenças, ao diálogo, ao encontro entre o professor, o aluno e o conhecimento, pareciam ser a grande busca da escola naquele momento e uma de suas possibilidades de transformação.

Encontrar caminhos que busquem uma síntese criativa feminino-masculino talvez seja a grande possibilidade de mudança, como apontou a autora, e que tenho procurado ressaltar também. Pode ser que esse outro símbolo - as crianças pobres brincando que vejo no caminho – possam estar indicando uma possibilidade de renascimento, vida nova, alegria, porém, com muita simplicidade e humildade em relação à vida e ao inconsciente. Estas crianças pobres podem estar sugerindo a necessidade da “morte” de um ego apenas ligado a princípios patriarcais e/ou masculinos. O renascimento de uma nova relação com a vida.

Além disso, a pobreza das crianças pode estar representando o meu lado infantil, sombrio e pobre que tive de olhar nesse processo de individuação, vide sonho número 28. Quais seriam os aspectos infantis e pobres que a nossa cultura educacional teria que olhar para trilhar os caminhos do si-mesmo? De minha parte, percebi vitórias na viagem, como, por exemplo, no sonho número 12, no qual a minha vizinha, a minha sombra, surge transformada na figura de uma mulher doce e conselheira. Contudo, reafirmo que considero que as sombras são parte da vida e do crescimento, quando uma sombra se torna luz, outras sombras surgem.

Ampliando ainda mais o meu olhar, diria que estas crianças pobres também podem ser consideradas como símbolos dos meus alunos, dos alunos-professores que tenho e que lecionam na escola pública. Quando decidi atuar no campo da educação, minha maior preocupação era com as crianças pobres do nosso país. Sempre acreditei na educação como uma possibilidade de mudança. Ainda postulo essa crença. Contudo, percebo que o movimento de transformação da escola não pode estar ligado somente ao “desenvolvimento da consciência crítica do aluno”, frase muito utilizada no jargão educacional. No meu ponto de vista, a consciência do aluno/professor deveria se expandir em múltiplas direções, numa perspectiva interdisciplinar, dialética, simbólica,

etc. A teoria crítica poderia ser enriquecida se fosse além da visão racional e materialista dos fenômenos.

Nesse sentido, as crianças podem estar representando a minha forma de *inclusão* dos problemas que enfrentamos na escola brasileira no processo de individuação que eu e todos os professores percorremos neste momento. Um desafio constante à nossa trajetória acadêmica e de vida.

Parávamos num ponto onde a mulher dizia que estávamos perto do Monte Sinai. Ela apontava para uma pequena montanha logo atrás de uma árvore. Tínhamos que nos abaixar para olhar, pois esta árvore, com suas copas, dificultavam um pouco a visão da montanha. Eu olhava e achava tudo muito simples e comum, apenas uma árvore e uma montanha que não era grande, que parecia mais um morro. De volta da viagem, relatava para um homem, que parecia meu chefe, que a excursão que tinha feito, com aquela companhia de turismo, iria agradar apenas as pessoas humildes e simples, que não faziam muitas exigências.

A visão da árvore e da montanha foi o momento mais forte do sonho, o seu ponto culminante. A imagem ficou gravada na minha mente com muita nitidez. A interpretação que venho apontando desse sonho foi reforçada pela imagem. Jung (2002b, p.301) esclarece que:

A relação da árvore com a montanha não é fortuita, mas repousa numa identidade simbólica original muito difundida de uma a outra: ambas são meios de subir ao céu, entre os xamãs. Montanha e árvore são símbolos da personalidade, isto é, do si-mesmo, (...). O Cristo, por exemplo, é representado alegoricamente como montanha e como árvore.

A árvore deste sonho era muito bonita: raízes grossas; tronco robusto, porém não muito grande, mediano; muito frondosa, com um dos seus galhos atrapalhando a visão da montanha. O tema da árvore já tinha aparecido em outros sonhos, e pode estar representando a minha vida, o meu desenvolvimento. Nessa árvore em especial, os seus galhos e plantas estavam muito grandes. Foi necessário que eu e o meu

colega jornalista, ou seja, o ego e a consciência racional, nos abaixássemos para ver a pequena montanha. O fato da montanha ser pequena também pode indicar humildade. Neste ponto me pergunto, será que apenas o meu ego deveria se comportar de uma forma mais humilde para que uma nova forma de conhecimento seja possível? Ou será que esse também não é um problema do nosso tempo histórico, no qual a razão tem que ceder espaço para outras dimensões psíquicas do ser? A supremacia da razão tem sido questionada por muitas filosofias, porém ainda temos que reaprender a viver de acordo com outros referenciais. Destaco, contudo, que essa nova perspectiva não pode excluir a consciência racional, que é uma parte importante da nossa psique.

Em relação ao significado da mulher, no sonho, ter dito que aquela pequena montanha era o monte Sinai, foi uma questão que inicialmente me deixou muito confusa. Eu sabia que já tinha ouvido falar desse lugar, porém, não conseguia me lembrar que local e/ou que situação envolvia o monte Sinai. Tinha a impressão que deveria estar ligada a alguma passagem da Bíblia. Fiz um esforço de memória durante uma semana, pois acreditava que algum conteúdo poderia me vir à mente. Foi em vão. Mais um engano do meu ego. Resolvi, então, perguntar para uma pessoa que trabalha na minha casa, evangélica, e que sei que está sempre lendo a Bíblia, se ela sabia alguma coisa sobre o monte Sinai. Ela, no mesmo momento, me respondeu que era o local onde Deus fala com Moisés sobre os dez mandamentos. Informou ainda que essa passagem ficava no Velho Testamento e poderia me mostrar no dia seguinte. Nunca havia lido esta passagem da Bíblia, mesmo porque, o meu conhecimento desse livro é muito limitado. Contudo, com certeza, já ouvi comentários e vi filmes sobre a história dos dez mandamentos relatados a Moisés, no monte Sinai, por Deus. O meu inconsciente havia registrado esta informação, mas a minha consciência não recordou. Fiquei bastante impressionada com o conteúdo da passagem do Velho Testamento, pois contribuiu para confirmar algumas hipóteses levantadas sobre o sonho e ampliar ainda mais a minha consciência sobre as suas possibilidades de interpretação. No entanto, percebi que na passagem da Bíblia havia tantos símbolos a serem trabalhados e relacionados com o encontro do si-mesmo, que era difícil para mim, num curto espaço de tempo, pesquisar todas abordagens. Desta forma, neste momento, indico apenas as questões que percebi como mais significativas.

Em primeiro lugar, destaco que Moisés e as pessoas que o seguiam, chamados na Bíblia de “povo de Israel”, saíram da terra do Egito em busca de um novo lugar para viver. Ou seja, estavam viajando, procurando um outro lugar, mais seguro. Nesta tese, é como se eu estivesse numa grande viagem, que chamei de *viagem no barco da lua*, em processo, num momento de transição em busca de um novo equilíbrio da psique. De uma nova forma de vivenciar a expansão da consciência. Mais ainda, em busca de uma outra maneira de me relacionar com a academia, através da Interdisciplinaridade. Além disso, no sonho - eu também viajo para o Egito, no intuito de percorrer os mesmos caminhos de Jesus - em busca da totalidade, do si- mesmo.

Um outro aspecto a ser ressaltado é que o povo de Israel chega ao *deserto de Sinai* no *terceiro* mês de saída da terra do Egito. Duas questões me chamam a atenção, o fato de ser um deserto e da chegada deles neste local no terceiro mês. Deserto me lembra um lugar sem água, vegetação, pessoas, nada. Porém, exatamente nesse local, Deus surge para Moisés. Nesta tese, enfrentei momentos de solidão que se assemelham a estar no meio de um deserto. Além disso, segundo o simbolismo da numerologia, o três é o número que significa comunicação, além de ser um momento de síntese e do novo, por representar o filho, o resultado do conjunto do número um com o número dois. A simbologia do número três me ajuda a perceber este encontro com o monte Sinai, no sonho, como o momento do encontro com a síntese de todo este processo que estou vivenciando, além da necessidade de comunicar tudo isso na tese.

Tal hipótese pode ser reforçada, principalmente, pelo fato do Moisés ter escrito os dez mandamentos como uma síntese das leis divinas. Moisés serviu como um intermediário, um intérprete entre Deus e o povo. No sonho, me vejo como uma jornalista que precisa fazer um relatório escrito também. Contudo, o monte Sinai, para mim, não representa exatamente um encontro com Deus, mas com o divino, com a luz, com o si-mesmo que existe dentro de todos nós. A questão das leis divinas recebidas por Moisés, pode estar relacionada, numa interpretação psicológica, com o respeito aos princípios internos da psique, às nossas próprias leis:

O desenvolvimento da personalidade (...) indica também: *fidelidade à sua própria lei*. (...) A fidelidade à sua própria lei significa confiar nessa lei, perseverar com lealdade e esperar com confiança; enfim, é a mesma

atitude que uma pessoa religiosa deve ter para com Deus. (JUNG, 2002c, p.179)

Nessa perspectiva, mais uma vez a questão da *espera* e da confiança no inconsciente estão presentes.

Numa etapa anterior, já tinha apontado o *sol* como um dos grandes símbolos da minha pesquisa. Segundo Jung (1999, p.78), o sol representa o grande pai e/ou Deus: “o pai visível do mundo é o Sol, o fogo celeste, por isto Pai, Deus, Sol, Fogo, são sinônimos mitológicos”. Na época em que percebi o *sol* como uma metáfora interior, a força dessa vivência me provocou perplexidade e me assustou um pouco. Hoje, talvez esteja com mais condições de interpretar porque este *sol* me causou medo. Era como se ele fosse iluminar todas as minhas fraquezas, as minhas sombras, o meu inconsciente. Era como se eu tivesse que ficar nua diante dele. E, na passagem do Velho Testamento (Bíblia, 1997, p.89), sobre Moisés no monte Sinai, também existe uma sentença que confirma o simbolismo: “Não subirás também por degraus ao meu altar, para que a tua nudez não seja descoberta diante deles”. Ou seja, todo aquele que pretender ouvir a voz de Deus, a sua *voz interior*, o *si-mesmo*, deve estar preparado para se despir, mostrar suas fraquezas. O sol ilumina o ser, mas também mostra suas sombras.

Além disso, quando estava lendo o livro da M. Esther Harding, *Os mistérios da mulher*, descobri, inesperadamente, mais uma possibilidade de interpretação do aparecimento do monte Sinai no sonho, o que confirmou sonhos anteriores. A autora informa que o nome *monte Sinai* significa *Montanha-da-lua* e que, “Sinn, como deus da lua, era o antigo legislador, antecedendo de muito a Moisés. Foi portanto em um lugar muito apropriado que este procurou e encontrou as tábuas enviadas pelo poder divino”. (HARDING, 1985, p.131) Outra informação interessante é que: “Na Babilônia, o deus da lua, Sinn, foi gradualmente substituído pela deusa Istar, que é descrita como Mãe-da-lua e também como Filha-da-lua”. (HARDING, 1985, p.135-136) Mais ainda, “um pilar de madeira ou árvore é freqüentemente encontrado como um emblema da lua. A sagrada Árvore-da-lua é muito antiga e aparece muitas vezes na arte religiosa”. (HARDING, 1985, p.75)

Desta maneira, parece que a minha *barca da lua* representou uma viagem até o meu *sol*, o *si-mesmo*, simbolizados pelo que estou chamando de *montanha do sol e da lua*, do encontro do princípio masculino e feminino dentro de mim mesma e fora de mim, na academia. Tal encontro de opostos também pode ser percebido como o que chamo de *expansão de consciência*. Eninger (1999, p. 34), examinando a etimologia do termo *consciência* observa que:

Conscious [consciente], deriva de *com* ou *cum*, que significa “com” ou “juntamente com”, e *scire*, “saber” ou “ver”. (...) Assim, o sentido do radical de consciência, em ambas as acepções, é “conhecer com” ou “ver com” um “outro”. Em contraste, a palavra ciência, que também deriva de *scire*, significa simplesmente conhecer, isto é, conhecer sem o “estar com”. Portanto, etimologicamente, o termo indica (...) que a experiência da consciência compõe-se de dois fatores: o “conhecer” e o “estar com”. Em outras palavras, a consciência é a experiência de *conhecer juntamente com um outro*, isto é, num contexto de dualidade.

Seguindo esta linha de interpretação, o autor sugere ainda que:

O processo de conhecer é um processo de poder. Ser conhecedor significa dominar o objeto conhecido pelo poder do Logos. Ser o conhecido equivale a ser a vítima do conhecedor. Participar do processo de conhecimento significa representar um desses dois papéis ou ambos, alternadamente. Contudo, a definição de consciência como “conhecer com” tem um segundo fator: ela envolve não apenas o conhecer, mas também o “estar com”. O estar com é o dinamismo da vinculação, o princípio da relação. Se o conhecer é uma função do Logos, o estar com é uma função de Eros. Assim, chegamos à descoberta inesperada de que a palavra que usamos para designar o valor mais alto – consciência – é, em seu sentido básico, uma *coniunctio*, uma união de Logos e Eros. (EDINGER, 1999, p. 49)

No processo de elaboração desta tese, o Logos esteve presente na minha consciência racional, discriminadora, científica. Nos meus sonhos, estava representado pelas figuras masculinas ou ainda pelo meu ego, em muitos momentos. Enquanto Eros revelou-se como o caminho simbólico, que une o que está separado: consciente-inconsciente, feminino-masculino, dentro-fora, disciplina-interdisciplina, novo-velho, e quantas oposições fomos capazes de vislumbrar. Eros foi representado, ainda, por todas as figuras femininas que foram minhas companheiras de viagem nesta *barca da lua*, um símbolo tão feminino também. A Interdisciplinaridade, o caminhos dos sonhos, e alguns princípios da psicologia analítica foram as minhas maiores parcerias nessa jornada em busca de expansão da consciência.

Um caminho que procurou apontar que a transformação na sociedade, na escola, no indivíduo, não pode ser vista apenas como uma transformação objetiva, material. Nas disciplinas que venho lecionando na Universidade, já temos vários estudos que chamam a atenção para tais mudanças “externas”. Contudo, talvez a dialética classe dominante-classe dominada seja apenas mais uma forma como a oposição masculino-feminina se manifesta. Neste sentido, esta tese também pode ser percebida como um grito daqueles que estão no “pólo dos dominados” na educação, ou, numa linguagem mais contemporânea, no lado dos “excluídos”: o princípio feminino da vida, a subjetividade, o olhar para dentro, o caminho simbólico, o universal, a sabedoria, a atitude interdisciplinar. No entanto, essa expansão de consciência atua com o outro também, ou seja, com o “pólo dominador”, com os “incluídos”, com o olhar para fora, com a consciência racional, com a valorização dos aspectos sociais de uma pesquisa na área educativa ... A expansão de consciência significa a busca de totalidade, um processo que procura inter-relacionar os aparentes opostos, ou ainda, significa, para mim, a vivência da interdisciplinaridade na educação, um processo sem fim.

Contudo, o movimento de integração do que estou chamando, de uma forma simbólica, de “pólo dos dominados” ou dos “excluídos”, que procurei realizar nesta tese, também tem sido um movimento de mudança apontado por diferentes caminhantes que percorrem distintos percursos na pesquisa e na educação. Taylor (2003, p. 65, grifo do autor), por exemplo, ao se referir à obra de Paulo Freire, destaca que:

O que dá força à *Pedagogia do Oprimido* é o fato de apelar para um diálogo fundamentado no amor, na humildade, na esperança. Apelamos, então, para outros saberes, para uma compreensão ou uma apreciação do mundo fundamentadas no que chamo de **saberes lunares**. O saber solar, que aprendemos bem na Universidade, é brilhante, científico, verificável, calculável, objetivo, preciso, metodológico, imparcial, conceitual. Não o estou desvalorizando, mas ele não representa a totalidade do que sabemos. (...) Precisamos desses saberes, desse sol, para iluminar outros saberes, os saberes lunares.

Moraes (2003, p. 47), ao estudar o processo do conhecer, ressalta que:

Fundamentalmente, a Teoria de Santiago, como é chamada a Teoria Autopoiética de Maturana e Varela, traz uma visão central de que a cognição – o processo de conhecer – é muito mais amplo do que a concepção do pensar, raciocinar e medir, pois envolve a percepção, a

emoção e a ação, tudo que constitui o processo da vida, como elementos fundamentais constitutivos da dinâmica da vida.

E Josso (2004, p. 58-59), quando analisa o processo de transformação para a abordagem das Histórias de Vida, salienta que:

Transformar a vida socioculturalmente fragmentada numa obra inédita a construir, guiada por um aumento de lucidez, tal é o objetivo central que oferece a transformação da abordagem Histórias de Vida. O processo de caminhar para si apresenta-se, assim, como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural.

Esses diferentes autores, a partir das suas próprias formas de pesquisar, chegaram a conclusões semelhantes às que foram percebidas neste trabalho. O caminho que percorri, este “olhar para dentro”, foi muito significativo para mim: representou uma expansão da minha consciência. Descobri o sentido profundo da reflexão de JOSO (2004, p.58): *“Em outras palavras, ir ao encontro de si visa a descoberta que viagem e viajante são apenas um”*. Ou seja, nessa viagem na barca da lua, descobri que para mim, os caminhos da Interdisciplinaridade na educação, a busca do si-mesmo e a expansão da consciência, estão intimamente inter-relacionados. Por isso, me pergunto: será que esta tese pode ser uma contribuição, em forma de testemunho, de possibilidades de *expansão da consciência pelo caminho Interdisciplinar na educação?*

RETORNANDO À SALA DE AULA: “ÚLTIMOS SÍMBOLOS”

Todo o nosso problema educacional tem orientação falha: vê apenas a criança que deve ser educada, e deixa de considerar a carência de educação no educador adulto. (JUNG, 2002c, p. 174-175)

Leciono em uma Faculdade de Formação de Professores, para alunos do curso de Pedagogia e de diferentes licenciaturas. Sempre trabalhei com alunos considerados adultos, acima de dezoito anos. Sou professora de futuros educadores e/ou daqueles que já atuam como professores. Devido a minha compreensão dialética da vida, sempre percebi a mim e aos meus alunos como seres inacabados, em processo de mudança constante. Contudo, não encontrava na literatura educacional nenhuma teoria que me ajudasse a compreender com mais profundidade, os processos de desenvolvimento do adulto. Nos meus estudos de Psicologia da Educação, percebi que a ênfase era claramente atribuída ao desenvolvimento e aprendizagem da criança. Como se após o período turbulento da adolescência, nenhum outro processo de desenvolvimento ocorresse. Nesse sentido, Furlanetto (2003, p. 17) constata que:

A maioria dos autores – que tem se dedicado a investigar os movimentos de transformação e crescimento humano, tende a descrever as etapas iniciais da vida: a infância e a adolescência. A idade adulta é abordada como um patamar a ser alcançado, como se a partir daí não houvesse mais crescimento.

Acredito que esse tenha sido mais um motivo pelo qual me identifiquei com a Teoria Interdisciplinar na educação e com a abordagem de Jung. A interdisciplinaridade, embora não seja uma teoria psicológica, favorece a transformação daqueles que abraçam os seus princípios. A psicologia analítica se preocupou com o desenvolvimento do adulto, considerando que o processo de individuação é um processo sem fim, um projeto para toda a vida. Percebo que a luta com a *persona*, as sombras, os arquétipos que carregamos, não tem necessariamente um momento final, porém, apenas momentos nos quais esses estados inconscientes se tornam um pouco mais conscientes. O encontro do si-mesmo, a unidade na diversidade, a expansão da consciência, a possibilidade de criação, a luta e integração dos opostos, são caminhos a serem incessantemente percorridos. Uma estrada sem fim, mas que em determinados momentos existe o perfume das flores e em outros os espinhos do deserto. Porém, o que importa, para mim, é que este caminho tem um sentido: a busca do nosso ouro interior e a necessidade de repartir esta riqueza com os outros – ou seja, a busca do si-mesmo que habita em cada um de nós.

Dessa maneira, após a realização desta tese, além da minha intenção de expandir consciências em relação aos problemas sociais do nosso tempo e que estão intimamente ligados com a educação do nosso país - tais como a pobreza, a desigualdade social, a falta de democracia na sociedade e na escola, a violência, o racismo, a globalização, a ecologia, etc.-, temas que procuro trabalhar com os alunos, também vou instigá-los a expandir as suas consciências a partir de um “olhar de dentro”, que busca um sentido maior para as suas existências, e quem sabe, uma forma mais verdadeira de contribuir para a transformação destes problemas sociais e da escola. Para essa expansão interior, acredito que alguns aspectos da teoria de Jung podem ser de grande valia. O encontro do olhar de dentro com o olhar de fora, por exemplo, ao meu ver, só pode acontecer quando as quatro funções da consciência - pensamento, intuição, sentimento e sensação – estiverem atuando com mais harmonia.

No entanto, como desenvolver essas diferentes e ao mesmo tempo complementares funções da consciência na escola e até na Universidade? É uma questão que irei levantar para os meus alunos, porém não acredito em respostas únicas. Como aponta a Interdisciplinaridade, cada um de nós, educadores, terá que ir

descobrir o seu próprio caminho na sala de aula, procurando teorias, práticas, ou mesmo atentos aos indícios e/ou símbolos que possam ajudar nessa empreitada. O importante é questionar o espaço da escola como aquele que desenvolve apenas a função pensamento e, em alguns casos, a função sensação também. Esses meus questionamentos e mesmo a busca de práticas diferenciadas na sala de aula que fossem além da função pensamento, não são caminhos que comecei a percorrer apenas a partir da vivência interdisciplinar e/ou da leitura de Jung. Desde a minha primeira experiência numa sala de aula, numa escola pública, em turmas do 2º. Grau, na qual participava de um projeto de “Educação e Saúde”, com uma equipe que na época se autodenominava interdisciplinar também, pois era formada por diferentes profissionais (médicos, nutricionistas, assistente social, cientista social – eu, etc.), essas preocupações estavam presentes. O projeto tinha como objetivo trabalhar o conceito de *saúde* numa perspectiva ampla, como o direito ao trabalho, ao lazer, ao atendimento médico, a viver de uma forma mais plena, etc. Para a consecução dos nossos objetivos, procurávamos trabalhar com os alunos através de diferentes linguagens: desenho, teatro, recortes de jornais e revistas, músicas, etc. Foi a partir desta experiência que decidi ser professora, que amei estar numa sala de aula. No entanto, depois fui lecionar no 3º. Grau, um ambiente mais fechado para outras metodologias de ensino. Mesmo assim, sempre procurei brechas, espaços intermediários, nos quais pudesse incentivar uma forma mais criativa de expandir consciências dos/com os alunos.

Também na dissertação de mestrado lembrei que:

o ser humano possui duas formas principais de conhecimento – uma atribuída ao hemisfério esquerdo do cérebro (e que controla o lado direito do corpo humano), racional e analítico; e outra pertencente ao hemisfério direito do cérebro (que controla o lado esquerdo do corpo humano), intuitivo e sintético. (GASPARELLO, 1994, p. 111-112)

Neste sentido, questionava:

se os atuais estudos sobre o cérebro humano indicam que os dois lados são igualmente importantes e mesmo complementares, por que a educação deve continuar a valorizar apenas um dos lados do nosso conhecimento? Ou seja, uma única forma de consciência – o conhecimento científico? (GASPARELLO, 1994, p. 112)

Portanto, não é de hoje que essas preocupações estão presentes na pesquisa que desenvolvo e na minha atuação como docente. A diferença é que os estudos do

doutorado contribuíram muito para o que chamo de uma expansão de consciência teórico-metodológica da minha práxis, contribuindo para ampliar ainda mais o meu campo de ação.

A partir dessas primeiras considerações, retornei à sala de aula, no período de conclusão desta tese, para lecionar Psicologia da Educação II. Destaco, contudo, que também irei lecionar outras disciplinas, porém, nesse primeiro dia, ocorrido numa segunda feira, apenas me encontrei com a turma de Psicologia da Educação II – momento que foi percebido por mim, como uma *aula-símbolo* de todo o processo vivido nesta pesquisa. Neste sentido, vou procurar descrever os principais eventos que me recordo desta aula.

A sala estava cheia, com aproximadamente quarenta alunos. Eu estava me sentindo cansada, devido ao excesso de trabalho na tese nos dias anteriores. Contudo, me sentia feliz, pois estava conseguindo concluir um processo. Os olhares, o contato com os alunos, foram fazendo com que o cansaço fosse sendo substituído pelo entusiasmo, pois, em geral, adoro estar no ambiente de sala de aula. Inicialmente, perguntei à turma quais tinham sido os autores e teorias estudados em Psicologia da Educação I. Eles me responderam, sem muito entusiasmo, que estudaram: Behaviorismo, Teoria da Gestalt, Freud e Vygotsky. Reafirmei que estas diferentes teorias e autores são muito importantes de serem estudados e me apresentei informando que estava concluindo a minha tese de doutorado e que, naquele momento, por ter pesquisado bastante a obra de Jung, preferia começar por este autor o nosso curso. Justifiquei, ainda, que essa escolha estava também estreitamente relacionada à minha concepção de aprendizagem e à metodologia de ensino que iria utilizar durante o curso, no qual procuraria integrar as quatro funções da consciência, abordadas pela teoria junguiana. Em outras palavras, como gosto de me expressar, procurando relacionar os aspectos masculinos e femininos da psique: expandindo a consciência. Expliquei então que além das leituras de textos e dos debates, iríamos trabalhar com *vivências*, mesmo quando estudássemos outros autores.

Falei que acreditava que um *professor ensina quando aprende constantemente também: sobre si-mesmo, sobre o outro, em relação à disciplina que leciona, sobre a*

escola, a sociedade, etc. E, mesmo quando todos os métodos *conscientes* falham, a “educação pelo exemplo” acontece: “Esta espécie de educação ocorre espontaneamente e de modo inconsciente; por isso é também a forma mais antiga e talvez a mais eficaz de toda e qualquer educação”. (JUNG, 2002c, p. 155) Chamei a atenção que, mesmo em outras concepções teóricas, como a de Freud, por exemplo: “pondera-se que, na escola, a personalidade dos mestres exerce maior influência sobre nós do que as ciências que eles nos ensinam. Ou, ainda, que as disciplinas de nossas preferências são as mesmas que são lecionadas pelos professores mais queridos”. (FORTUNA, 1999, p. 140) Nesse sentido, destaquei que se tornar um educador é uma tarefa de grande responsabilidade e que talvez uma das suas maiores tarefas seja procurar se tornar um ser humano melhor a cada momento, a cada gesto, a cada olhar. Ressaltei então, que para mim, hoje, tornar-se um ser humano melhor é buscar o caminho do *si-mesmo*. Salientei, ainda, que acredito que um bom professor é aquele que procura aprender sempre e que busca tornar consciente o que está inconsciente, o que desconhece. Portanto, as nossas vivências na sala de aula teriam como objetivo expandir a consciência sobre tudo que estivesse inconsciente e pudesse ser trabalhado por nós nesse momento. Percebi que os alunos tinham um brilho no olhar, gostaram da proposta. Em seguida, apresentei alguns conceitos trabalhados por Jung, principalmente os que se referem à grande influência que a educação dos pais e/ou daqueles que nos criaram exercem sobre a nossa conduta e sobre a importância do conhecimento da criança interior que habita em nós. Após essa exposição, coloquei duas questões no quadro para serem respondidas pelos alunos numa folha de papel:

- O que lembro da minha primeira infância? Algum fato (ou mais de um) marcante?

- Com meus pais me tratavam? Que tipo de educação eu tive?

Quando terminaram, solicitei que fizéssemos um círculo, uma “mandala viva”, e esclareci que os alunos que desejassem poderiam apresentar as suas experiências, mas que ninguém era obrigado a falar sobre a sua infância ou os seus pais em público, se não tivessem vontade. Qual não foi a minha surpresa, quando uma aluna rapidamente tomou a palavra e disse que não se lembrava de nada do tempo em que

era tão criança, *apenas dos seus sonhos*. Sonhos que ela tinha até hoje, embora com menos frequência.

Esse relato me surpreendeu porque em nenhum momento da aula eu tinha falado sobre sonhos! Quando falei sobre a minha tese, apenas disse que a teoria de Jung estava bastante presente nela. Mais nada. Não senti vontade de relatar o conteúdo da minha pesquisa nem tampouco falei de sonhos quando comecei a refletir sobre alguns conceitos junguianos. No entanto, a *primeira aluna* a se expressar nessa *primeira aula de Psicologia da Educação*, no período de conclusão desta tese, fala abertamente sobre os seus sonhos como a única lembrança forte da infância! Sincronicidade? Um acontecimento-símbolo da relevância dos temas estudados na minha pesquisa? Apenas uma coincidência?

Informei à aluna que Jung estudou e trabalhou bastante este tema - sonhos - e que a minha própria tese foi uma expansão de consciência por meio dessas imagens oníricas. Neste sentido, mesmo que o espaço da sala de aula não seja um lócus terapêutico, poderia repartir com a turma o que aprendi nessa pesquisa, no intuito deles próprios começarem a perceber quanto os sonhos podem ser importantes na nossa vida e até contribuir para a nossa expansão de consciência individual e coletiva.

Acredito que o espaço da sala de aula é um local privilegiado de expansão de consciência, de busca da unidade criativa na experiência da diversidade escolar. Um espaço no qual as quatro funções da consciência podem atuar com mais harmonia. Um espaço no qual conceitos e símbolos podem contribuir para a expansão da consciência, sem que um tente apagar a luz do outro. Esta será a minha bússola na sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. 4ª. ed. Campinas, SP: Papirus, 2002.

ARDOINO, Jacques. “Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas”. Tradução de Rosângela Batista de Camargo. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (Coord.). *Multirreferencialidade nas Ciências e na Educação*. São Carlos: UFSCar, 1998, p.24-41.

ARANTES, Paulo Eduardo. “Hegel: Vida e Obra”. In: *Hegel*. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ARROYO, Stephen, M. A. *Astrologia, psicologia e os quatro elementos: uma abordagem astrológica ao nível da energia e seu uso nas artes de aconselhar e orientar*. Tradução de Maio Miranda. São Paulo: Pensamento, 1997.

BARBIER, René. “A escuta sensível na abordagem transversal”. Tradução de Maria Amélia Ramos. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (Coord.). *Multirreferencialidade nas Ciências e na Educação*. São Carlos: Ed. UFSCar, 1998. p. 168-199.

_____. *A pesquisa-ação*. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Plano Editora, 2002. (Série Pesquisa em Educação, v. 3)

BATISTA, Sylvia Helena Souza da Silva. Formação. In: FAZENDA, Ivani C. Arantes (Org.). *Dicionário em construção: interdisciplinaridade*. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição revista e corrigida. FECOMEX, 1997.

BRANDÃO, Ayéres. *Do mito do herói ao herói do mito: a jornada simbólica do professor*. São Paulo: Ícone, 2005. (Coleção conhecimento e vida / Coordenação Diamantino Fernandes Trindade)

BUENO, Francisco da Silveira. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. 8ª. ed. MEC/FENAME: Rio de Janeiro, 1973.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. *A construção amorosa do saber: o fundamento e a finalidade da Pedagogia Simbólica Junguiana*. São Paulo: Religare, 2004.

CANEPA, Eda Maria. “O caminho da arte, do corpo e dos sonhos na educação”. In: SCOZ, Beatriz (Org.). *(Por) uma educação com alma: a objetividade e a subjetividade nos processos de ensino/aprendizagem*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

EDINGER, Edward F. *A criação da consciência: o mito de Jung para o homem moderno*. 2ª. ed. Tradução da Dra. Vera Ribeiro. São Paulo: Cultrix, 1999. (Coleção “Estudos de Psicologia Junguiana” por analistas junguianos)

FAZENDA, Ivani C. Arantes. “Os Lugares dos Sujeitos nas Pesquisas sobre Interdisciplinaridade”. In: LINHARES, Célia; FAZENDA, Ivani. TRINDADE, Vítor (orgs.). *Os Lugares dos Sujeitos na Pesquisa Educacional*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1999, p. 39-51.

_____. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. 8ª. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

_____. (Org.). *Dicionário em construção: interdisciplinaridade*. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2002a.

_____. *Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: efetividade ou ideologia?* 5ª. ed. São Paulo: Loyola, 2002b. (Coleção Realidade Educacional 4)

_____. *Interdisciplinaridade: um projeto em parceria*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Loyola, 2002c.

_____. *Interdisciplinaridade: qual o sentido?* São Paulo, Paulus, 2003. (Questões fundamentais da educação; 2 / Coordenação Ecleide Cunico Furlanetto)

FORTUNA, Maria Lucia de Abrantes. “Os Lugares dos Sujeitos”. In: TRINDADE, Vítor; FAZENDA, Ivani; LINHARES, Célia (orgs.). *Os Lugares dos Sujeitos na Pesquisa Educacional*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1999, p. 133-147.

FRANZ, Marie-Louise von. *O processo de individuação*. In: JUNG, Carl G. et al. *O homem e seus símbolos*. 21ª. impr. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Edição Especial Brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 158-229.

_____. *O caminho dos sonhos*. 4ª. ed. Tradução de Roberto Gambini. São Paulo: Cultrix, 2002.

FURLANETTO, Ecleide Cunico. *A formação interdisciplinar sob a ótica da psicologia simbólica*. São Paulo, 1997. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: supervisão e currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.

_____. “A formação de professores: aspectos simbólicos de uma pesquisa interdisciplinar”. In: SEVERINO, Antonio Joaquim. FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Orgs.). *Formação docente: rupturas e possibilidades*. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

_____. *Como nasce um professor?: uma reflexão sobre o processo de individuação e formação*. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. Interdisciplinaridade: Pesquisa e formação do pesquisador. XII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO. Conhecimento local e conhecimento universal. Curitiba: *Anais...* 2004.

GAETA, Cecília. "Olhar". In: FAZENDA, Ivani (Org.). *Dicionário em construção: interdisciplinaridade*. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

GAMBINI, Roberto. "Sonhos na escola". In: SCOZ, Beatriz (Org.). *(Por) uma educação com alma: a objetividade e a subjetividade nos processos de ensino/aprendizagem*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GASPARELLO, Vânia Medeiros. *Caminhos de Expansão da Consciência: um estudo introdutório para a vivência de uma educação que integre corpo-mente-espírito*. Rio de Janeiro, 1994. Dissertação (Mestrado em Educação). Instituto de Estudos Avançados em Educação, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1994.

GIACON, Beatriz Di Marco. "Coerência". In: FAZENDA, Ivani (Org.). *Dicionário em construção: interdisciplinaridade*. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

GOMBRICH, E. H. *Para uma história cultural*. Tradução de Maria Carvalho. Lisboa, Portugal: Gradiva, 1994. (Coleção Trajectos)

HARDING, M. Esther. *Os mistérios da mulher antiga e contemporânea: uma interpretação psicológica do princípio feminino, tal como é retratado nos mitos, na história e nos sonhos*. Tradução de Maria elci Sbaccaquerche Barbosa, Vilma Hissako Tanaka. São Paulo: Paulinas, 1985. (Coleção Amor e Psique)

HEGEL, G.W.F. *A Razão na História: Uma introdução geral à filosofia da História*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Moraes, 1990.

_____. *Introdução à História da Filosofia*. In: *Hegel*. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____. *Fenomenologia do Espírito*. 2ª. ed. Tradução de Paulo Meneses, com a colaboração de Karl-Heinz e José Nogueira Machado. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista: USF, 2003. (Volume único)

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. Tradução de José Cláudio e Júlia Ferreira; adaptação à edição brasileira: Maria Vianna. São Paulo: Cortez, 2004.

JUNG, C. G. *Memórias, Sonhos, Reflexões*. 23ª. ed. Reunidas e editadas por Aniela Jaffé. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1963.

_____. *O eu e o inconsciente*. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978. (Obras completas de C. G. Jung VII/2)

_____. & WILHELM, R. *O Segredo da Flor de Ouro: Um Livro de Vida Chinês*. 3ª. ed. Tradução de Dora Ferreira da Silva e Maria Luíza Appy. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

_____. *Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. 2ª. ed. Tradução de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, O. S. B. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. *Tipos psicológicos*. Tradução de Lúcia Matilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991a.

- _____. *A natureza da psique*. Tradução de P^e. Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB. 3^a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991b. (Obras completas de C. G. Jung Volume VIII/2)
- _____. *Símbolos da transformação*. 4^a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- _____. *A energia psíquica*. 8^a. ed. Tradução de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002a.
- _____. *Estudos Alquímicos*. Tradução de Dora Mariana R. Ferreira da Silva e Maria Luíza Appy. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002b.
- _____. *O desenvolvimento da personalidade*. 8^a. ed. Tradução de Frei Valdemar do Amaral, OFM. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002c.
- _____. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 2^a. ed. Tradução de Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002d.
- _____. *Psicologia do Inconsciente*. Tradução de Maria Luíza Appy. 14^a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002e.
- _____. *Sincronicidade*. Tradução de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002f.
- KONDER, Leandro. *Hegel: a razão quase enlouquecida*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- _____. "Marx e a sociologia da educação". In: TURA, Maria de Lourdes Rangel (org.). *Sociologia para educadores*. 2^a. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.
- MORAES, Maria Cândida. *Educar na biologia do amor e da solidariedade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- MARCUSE, Herbert. *Razão e Revolução: Hegel e o advento da teoria social*. 4^a. ed. Tradução de Marília Barroso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. (Coleção O Mundo, Hoje; v. 28).
- MARONI, Amnérís. *Jung: individuação e coletividade*. São Paulo: Moderna, 1998.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- _____. (org.). *A Religação dos Saberes: o desafio do século XXI*. Tradução e notas de Flávia Nascimento. 3^a. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- NARDI, Roberta Galasso. "Olhar". In: FAZENDA, Ivani (Org.). *Dicionário em construção: interdisciplinaridade*. 2^a. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- NASSER, Maria Celina de Q. Carrera. *O que dizem os símbolos?* São Paulo: Paulus, 2003. (Questões Fundamentais do Ser Humano, 3)
- NEUMANN, Erich. *História da origem da consciência*. 3^a. ed. Tradução de Margit Martincic. São Paulo: Cultrix, 2003.
- NÓVOA, António. "Os professores e as histórias da sua vida". In: _____ (org.) *Vidas de professores*. Porto, Portugal: Porto Editora, 1992, pp. 11-30.

PIERI, Paolo Francesco (Org.). *Dicionário junguiano*. Tradução de Ivo Storniolo. Petrópolis: Paulus; Vozes, 2002.

QUELUZ, Ana Gracinda. “Tempo”. In: FAZENDA, Ivani (Org.). *Dicionário em construção: interdisciplinaridade*. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2002, p. 141-142.

SAIANI, Cláudio. *Jung e a Educação: uma análise da relação professor/aluno*. São Paulo: Escrituras, 2000. (Série Ensaio Transversais)

SANTO, Ruy Cezar do Espírito. *O renascimento do sagrado na educação: o autoconhecimento na formação do educador*. Campinas, SP: Papyrus, 1998. (Coleção Práxis)

SANTOS, Ademar Ferreira dos. “As lições de uma escola: uma ponte para muito longe”. In: ALVES, Rubem. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. 4ª. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2002, p. 7-24.

SILVEIRA, Nise da. *Jung: vida e obra*. 18ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. (Coleção Vida e Obra)

TAYLOR, Paul. “Que pedagogia para que liberdade? – Um argumento freireano para uma pedagogia do carinho”. Tradução de Maria Alice Sampaio Dória. In: LINHARES, Célia. TRINDADE, Maria de Nazareth. (Orgs.). *Compartilhando o Mundo com Paulo Freire*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003, p. 57-72.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. “Apresentação: A significação da Fenomenologia do Espírito”. In: HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. 7ª. ed. Tradução de Paulo Meneses, com a colaboração de Karl-Heinz e José Nogueira Machado. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista: USF, 2002.

OBRAS CONSULTADAS

CELANO, Sandra. *Corpo e mente na educação: uma saída de emergência*. Petrópolis: Vozes, 1999.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. (Org.). *Práticas interdisciplinares na escola*. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. (Org.). *Novos enfoques da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1992.

FRANZ, M. -L. von. *A ciência e o inconsciente*. In: JUNG, Carl G. et al. *O homem e seus símbolos*. 21ª. impr. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Edição Especial Brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 304-310.

JUNG, C. G. et al. *O homem e seus símbolos*. 21ª. impr. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Edição Especial Brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

_____. *Psicologia em transição*. Tradução de Lúcia Mathilde Enddlich Orth, Marcia de Sá Cavalcante, Elva Bornemann Abramowitz. Petrópolis: Vozes, 1993. (Obras Completas de C. G. Jung, v. X)

PALMER, Michael. *Freud e Jung sobre a religião*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 2001.

PERROT, Etienne. *O caminho da transformação: segundo C. G. Jung e a alquimia*. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1998. (Coleção Amor e Psique)

SEVERINO, Antônio Joaquim; FAZENDA, Ivani C. Arantes (Orgs.). *Conhecimento, pesquisa e educação*. Campinas, SP: Papirus, 2001. (Série Cidade Educativa)

SOMMERMAN, Américo. MELLO, Maria F. de. BARROS, Vitória M. de. (Orgs.). *Educação e Transdisciplinaridade II*. Coordenação executiva do CETRANS. São Paulo: Triom, 2002.

RUDHYAR, Dane. *As casas astrológicas: O espectro da experiência individual*. Tradução de Joaquim Palacios. São Paulo: Pensamento, 1993.